

Renê Augusto Vilela da Silva

ESCAPULÁRIO DO CARMO: ENTRE FÉ E SUPERSTIÇÃO

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda

Apoio: CAPES

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2020

Renê Augusto Vilela da Silva

ESCAPULÁRIO DO CARMO: ENTRE FÉ E SUPERSTIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa
Taborda

Apoio: CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

S586e Silva, Renê Augusto Vilela da
Escapulário do Carmo: entre fé e superstição / Renê Augusto Vilela da Silva. - Belo Horizonte, 2020.
95 p.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Escapulário do Carmo. 2. Devoção Mariana. 3. Sacramental. 4. Fé. I. Taborda, Francisco de Assis Costa. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 232.65

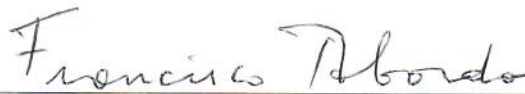
Renê Augusto Vilela da Silva

ESCAPULÁRIO DO CARMO: ENTRE FÉ E SUPERSTIÇÃO

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 04 de maio de 2020.


COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad / FAJE



Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara / ISTA e FAJE (Visitante)

João Pereira da Silva e Dagmar Vilela da Silva (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço aos meus familiares e à Ordem do Carmo.

Agradecimento à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, na pessoa do reitor Geraldo Luiz De Mori, SJ. Agradecimento aos professores na pessoa do coordenador da pós-graduação em Teologia, Élio Gasda, SJ. Aos funcionários, de forma especial Bertolino Alves Resende e Ivan Batista de Jesus dos Santos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Taborda, meus agradecimento pela disponibilidade, auxílio, clareza, dedicação e incentivo. Ele, que com muita paciência, me acompanhou e orientou nas minhas dificuldades e sempre me apontou caminhos para fortalecer meus estudos. Sou grato ao professor Taborda pela presença marcante em minha vida pessoal: acolheu-me em tempos de tempestades e foi o Evangelho vivo em minha história.

O Escapulário é um sinal de discipulado dos carmelitas. O Carmelo oferece uma maneira particular de seguir Jesus Cristo, imitando sua Mãe Santíssima, na escuta da Palavra de Deus e colocando-a em prática. O Escapulário é um sinal de adesão a Cristo, e temos fé em que esse seguimento ao Cristo leva à salvação.

Patrick Thomas McMahon, O.Carm.

RESUMO

O presente estudo tratará do *Escapulário do Carmo: entre fé e superstição*. O Escapulário é uma veste que os religiosos carmelitas utilizavam como parte do hábito religioso que ganhou sentido espiritual ao longo da história dos carmelitas. Interpretando o Escapulário dentro da tradição cristã, buscou-se fazer um caminho que favoreça uma catequese coerente sobre a questão dessa devoção mariana. As conclusões oriundas do Concílio Vaticano II nortearão a reflexão no intuito de auxiliar numa ressignificação dessa devoção, como pertença a Ordem do Carmo e consagração a Cristo, visto que, por meio do Escapulário, confirma-se a adoção filial, feita no Batismo, e mantém-se a esperança da vida eterna. Para sistematizar este trabalho, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica dividindo o estudo em três capítulos. No primeiro capítulo será apresentado o Escapulário do Carmo e sua história. O segundo capítulo tratará do Escapulário do Carmo, à luz da teologia dos sacramentais, visto que o ser humano se utiliza de meios e símbolos para celebrar e entrar em comunhão com Deus. Dá-se atenção ao sentido eclesial e ao discipulado seguindo Maria como modelo de testemunho. O terceiro capítulo tratará das consequências teológico-pastorais que envolvem a evangelização atual. O objetivo do estudo é apresentar a devoção ao Escapulário como testemunho de fé e comprometimento com o Evangelho que, superando as superstições e os medos, deve levar os fiéis a reviverem seu Batismo e a realizarem a experiência com Cristo Ressuscitado.

PALAVRAS-CHAVE: Escapulário do Carmo. Devoção Mariana. Sacramental. Fé.

ABSTRACT

The present study will deal with *The Scapular of Mount Carmel: between faith and superstition*. The Scapular is a garment that the Carmelite religious wear as part of the religious habit that has gained spiritual meaning throughout the history of the Carmelites. Interpreting the Scapular within the Christian tradition, we tried to make a path that favors a coherent catechesis on the issue of this Marian devotion. The conclusions from the Vatican Council II guided the reflection, to help re-signifying this devotion as belonging to the Order of Mount Carmel and consecration to Christ, since, through the Scapular, the filial adoption set in Baptism is confirmed and it maintains hope of eternal life. To systematize this work, bibliographic research was adopted as a methodology, dividing the study into three chapters. In the first chapter, the history of the Scapular of Mount Carmel will be presented. The second chapter will deal with the Scapular of Mount Carmel in the light of the sacramental theology, it will be seen that the human being uses means and symbols to celebrate and enter into communion with God. Attention is given to ecclesial meaning and discipleship, following Mary as a model of witness. The third chapter will deal with the theological and pastoral implications involving the current evangelization. This study aims at presenting devotion to the Scapular as a testimony of faith and commitment to the Gospel that, overcoming superstitions and fears, should lead the faithful to relive their Baptism and to carry out the experience with the Risen Christ.

KEYWORDS: Scapular of Mount Carmel. Marian Devotion. Sacramental. Faith.

SIGLAS

CMMJ	<i>Com Maria a Mãe de Jesus (At.1,14)</i> , Carta Circular dos superiores gerais P. Joseph Chalmers, O.Carm. e P. Camilo Maccise, O.C.D. sobre os 750 anos do Escapulário.
DAp	<i>Documento de Aparecida</i> , Conselho Episcopal Latino Americano e do Caribe.
DCE	<i>Deus Caritas Est</i> , Carta Encíclica sobre o amor cristão, Bento XVI.
DPb	<i>Documento de Puebla</i> , Conselho Episcopal Latino Americano e do Caribe.
DSPPL	<i>Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia</i> : princípios e orientações, Congregação para o culto divino e a disciplina dos Sacramentos.
EG	<i>Evangelii Gaudium</i> , Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, papa Francisco.
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> , Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, papa Paulo VI.
GS	<i>Gaudium et Spes</i> , Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, Concílio Vaticano II.
MC	<i>Marialis Cultis</i> (O culto a Virgem Maria), Exortação Apostólica, Paulo VI.
LF	<i>Lumen Fidei</i> , Carta Encíclica sobre a fé, papa Francisco.
LG	<i>Lumenn Gentium</i> , Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II.
RB	<i>Ritual de Bênçãos</i> , Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.
RM	<i>Redemptoris Mater</i> , Carta Encíclica sobre a Mãe do Redentor, João Paulo II.
RVOC	Regra de Vida da Ordem do Carmo – Regra da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> , Constituição sobre a Sagrada Liturgia, Concílio Vaticano II.
SM	<i>Signum Magnum</i> , Exortação Apostólica consagrada ao culto da Virgem Maria, Paulo VI.
SS	<i>Spe Salvi</i> , Carta Encíclica sobre a esperança, Bento XVI.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
------------------	----

CAPÍTULO I

1 ESCAPULÁRIO DO CARMO: APRESENTAÇÃO HISTÓRICA	17
1.1 Breve histórico da Ordem do Carmo	17
1.2 Carmelo: um modo mariano de seguir a Jesus Cristo	21
1.3 O Escapulário do Carmo: uma veste, uma devoção	22
1.4 As aparições de Nossa Senhora: uma mensagem aos fiéis	25
1.5 Relatos das aparições do Escapulário	27
1.5.1 São Simão Stock	28
1.5.2 Papa João XXII	30
1.5.3 As aparições de Fátima	31
1.6 O Escapulário: sua difusão, do Carmelo para a Igreja	33
1.7 Purgatório e Inferno: temas vinculados ao Escapulário	35

CAPÍTULO II

2 ESCAPULÁRIO DO CARMO, À LUZ DA TEOLOGIA DOS SACRAMENTAIS	40
2.1 A vestição do escapulário segundo o Ritual de Bênçãos.....	40
2.2 O Escapulário como Sacramental	43
2.3 A Idade Média e o processo devocional do Escapulário.....	47
2.4 O Escapulário como um compromisso de fé.....	49
2.5 Símbolos como expressão de seguimento a Cristo.....	52
2.6 Religiosidade popular e discipulado.....	54

2.7	Devoção mariana: entrega confiante a Cristo pela devoção à Maria.....	57
2.7.1	Piedade Marial	57
2.7.2	Devoção mariana como fruto da confiança na intercessão da Mãe de Jesus	58
2.7.3	O revestimento que marca a pertença a Deus: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm.13,14)	60

CAPÍTULO III

3	ESCAPULÁRIO DO CARMO: CONSEQUÊNCIAS TEOLÓGICO-PASTORAIS.....	64
3.1	Diferentes formas e expressões da experiência com Deus.....	64
3.2	Fé e compromisso na evangelização.....	66
3.3	Experiência de fé como esperança e superação do medo.....	70
3.3.1	Os símbolos como uma forma de se relacionar com Deus	70
3.3.2	A verdadeira fé é fé no Ressuscitado	72
3.3.3	Vida eterna, um caminho que se inicia na vida terrena	74
3.4	Escapulário do Carmo como contributo para a Evangelização.....	76
3.4.1	Escapulário do Carmo e a compreensão de Maria como irmã na caminhada em Cristo.....	77
3.4.2	Devoções marianas como caminho de encontro com Deus	79
3.5	Escapulário do Carmo: da superstição à fé	81
3.5.1	Escapulário do Carmo: instrumento de devoção mariana que leva a viver a fé em Cristo	82
3.5.2	O culto mariano, um louvor a Deus	83
	CONCLUSÃO.....	86
	REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do *Escapulário do Carmo: entre fé e superstição*. Este trabalho tem como motivação entender o Escapulário do Carmo em meio às suas transformações na história e explicitar seu sentido original, que é fortalecer a fé dos cristãos. O Escapulário é uma veste que os religiosos carmelitas utilizam como parte do hábito religioso. Ele perpassa os ombros como uma espécie de avental para proteger a túnica. Essa veste ganhou sentido espiritual, ao longo da história, depois de supostas aparições de Nossa Senhora com a veste ou mencionando-a aos carmelitas. Com o crescimento da Ordem do Carmo, como instituição religiosa de clérigos e leigos, o Escapulário se tornou uma forma de distinguir aqueles que adotam a sua espiritualidade.

Pretende-se expor o Escapulário na linha de pesquisa *Interpretação da tradição cristã no horizonte atual*, visando apresentar alguns traços da história desse sinal dado aos carmelitas e que, depois, se tornou um sacramental da Igreja. Ao aprofundar o sentido teológico do Escapulário do Carmo, faremos uma interface entre dois projetos de pesquisa: *Mariologia em perspectiva crítica*, já que o Escapulário possui uma dimensão mariana, de consagração e de confiança na Virgem Maria; e o projeto *Aspectos atuais da teologia sacramental e suas raízes na tradição*, para fortalecer o sentido real do Escapulário enquanto sacramental.

A interface entre os projetos visa proporcionar um aprofundamento do tema. Busca-se uma desmitificação do Escapulário, favorecendo uma formação coerente sobre a questão mariana e as devoções. Ao explicitar o aspecto de sacramental que é próprio ao Escapulário, nortearão a reflexão as conclusões do Concílio Vaticano II no intuito de auxiliar numa ressignificação dessa devoção, que visa levar os fiéis a uma vida de participação nos sacramentos. Trata-se de buscar o sentido real dessa devoção numa perspectiva batismal.

O Carmelo, mesmo considerando ter suas origens no profeta Elias, tornou-se mariano. E os seus membros encontram em Maria um modelo de consagração. Ao pé da Cruz, junto de Cristo, os carmelitas compreendem a filiação mariana e a dimensão do discipulado: *Mulher, eis o teu filho; filho, eis a tua Mãe* (Jo 19, 26-27). No Calvário se inicia uma comunidade com os olhos fixos em Cristo, no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição. A devoção à Virgem Maria expressa, através do Escapulário, não somente a pertença à Ordem, mas a adesão à condição de seguidores de Cristo.

São muitos os herdeiros dessa tradição religiosa, que veem nesse sinal uma pertença ou consagração a Cristo, seguindo as virtudes marianas e estando agregados a uma instituição. Porém, esse sinal teve uma grande difusão e foi entregue a muitas pessoas sem nenhuma instrução pastoral, favorecendo o surgimento de superstições. Muitas vezes, foi compreendido como um amuleto para livramento de males, como uma proteção sobrenatural. O Escapulário traz, em sua história, uma mescla entre fé e superstição, muito imbuída de medo.

A pesquisa sobre o Escapulário do Carmo tem o intuito de mostrá-lo como um distintivo dos carmelitas, como um sinal de pertença dos mesmos à Virgem Maria e, por conseguinte, a Cristo. Nele, encontramos a promessa da continuidade da existência da Ordem, mas também o compromisso de viver conforme Cristo e o projeto de Deus. “Para os membros da Família carmelita, Maria, a Virgem Mãe de Deus e dos homens, não somente é um modelo que se deve imitar, como é também uma doce presença de Mãe e Irmã em quem devemos confiar”¹.

Por meio do Escapulário exprime-se a dimensão da adoção filial, realizada pelo Batismo, e a esperança da vida eterna. Este sinal granjeou forte sentido espiritual para os filhos do Carmelo. Ao longo dos séculos extrapolou os limites da Ordem do Carmo, passando a ser de uso dos cristãos como demonstração de ser revestido das virtudes celestiais, buscando, já na terra, viver de forma contemplativa e com pureza de coração.

Extrapolando os limites carmelitanos, o Escapulário tornou-se um sacramental da Igreja. É um objeto devocional que coloca diante de nós desafios pastorais para uma formação contemporânea em vista de apresentar o verdadeiro sentido desse sinal, que é o resgate do sentido batismal e o comprometimento em viver em conformidade com o Evangelho. Pois, o Escapulário não é um amuleto que garante autenticamente a salvação eterna ou a proteção contra eventuais perigos da vida. Ele pressupõe fé, abertura de coração, confiança filial e a dedicação ao serviço no projeto de Deus.

É preciso, a partir dessa devoção mariana, explicitar o devido sentido dos sacramentais, resgatar sua dimensão batismal, ressignificar sua perspectiva apocalíptica e apresentar uma proposta de discipulado de Cristo. Em nosso tempo, é relevante recorrer às tradições culturais e de fé, especialmente a devoção mariana, para extrair da realidade que se

¹ JOÃO PAULO II. 750 anos do Escapulário. Carta aos superiores gerais O.Carm e OCD. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, 2001, n.3, p.10.

vive o significado de nossa fé, para nos tornar mais conscientes da nossa condição de filhos de Deus (Cf. DAp, n.37).

O Escapulário deve ser visto como um sacramental. A respeito disso, o Vaticano II propõe: “Os sacramentais sejam revistos, tendo-se em conta o princípio fundamental de uma participação consciente, ativa e fácil dos fiéis, bem como as necessidades do nosso tempo” (SC, n.79). Do Escapulário deve-se distinguir a questão histórica (as supostas aparições e a tradição carmelitana) e a questão doutrinal (com referência aos princípios revelados da fé e doutrina da Igreja). É necessário propor um caminho que permita apresentar o Escapulário como um sinal de piedade mariana, mas intrínseco a Cristo².

O estudo sistemático do Escapulário se faz necessário para ver sua importância dentro da Ordem do Carmo e para as diversas pessoas que se revestem desse sinal. Num levantamento sobre o tema, observa-se que o estudo se restringe fundamentalmente às fontes carmelitas, nas quais se encontram referências para uma discussão histórica e espiritual. Mas convém ir além dessa literatura que apresenta a construção de um arquétipo carmelita. É necessário compulsar estudos críticos e atualizados, principalmente no que diz respeito aos aspectos teológicos quanto ao sentido deste sinal dentro da história da revelação e do projeto de Deus. O estudo abordará temáticas como a religiosidade popular, o uso de símbolos, o ritual de bênçãos e a teologia sacramental para conscientizar pastoralmente que as pessoas usem esse sinal como um compromisso eclesial, em função do Reino de Deus.

O estudo visa interpretar o Escapulário do Carmo, superando aspectos supersticiosos. Do sentido teológico dos sacramentais chegar-se-á à compreensão da pertença a Cristo. “Pelos sacramentais os homens se dispõem para receber o efeito principal dos sacramentos e são identificadas as diversas circunstâncias da sua vida” (SC, n. 60). O Escapulário do Carmo deve fomentar a vivência dos sacramentos. Não se trata apenas de um distintivo que demonstra a fé, mas é uma devoção que leva ao comprometimento com o projeto de Reino de Deus.

A tarefa que se apresenta é atualizar a formação sobre o Escapulário do Carmo, para conscientizar os fiéis sobre o uso desse sinal mariano, como um compromisso com o seguimento de Cristo. Sacramentos e sacramentais visam santificar os acontecimentos cotidianos dos fiéis que os recebem com fé. Neles se manifesta que o devido uso de sinais materiais pode auxiliar na santificação do homem e no louvor a Deus (Cf. SC, n. 61). O Escapulário do Carmo é um patrimônio da Igreja. “Pela sua simplicidade, pelo seu valor

² ESTEVE, Enrique Maria. *Espiritualidad del Escapulario del Carmen*. Ediciones Carmelitanas: Madrid, 1964, pp. 16-17.

antropológico e pela relação com o papel de Maria na Igreja e na humanidade, esta devoção foi profundamente e amplamente recebida pelo povo de Deus”³. O revestir-se desse símbolo demonstra não somente a pertença à Ordem do Carmo, mas adesão a Cristo e ao Evangelho.

No primeiro capítulo será apresentado o Escapulário do Carmo e sua história. Terá uma breve apresentação sobre os Carmelitas que seguem a Cristo inspirando-se na vida do profeta Elias e da Virgem Maria. O estudo sobre o Escapulário do Carmo adentra no sentido mariano de consagração e em temas que permeiam essa devoção. Será visto que o Escapulário do Carmo ultrapassou seu sentido de agregação à Ordem do Carmo, tornando-se um sinal cristão que é expressão da fé batismal, do revestir-se de Cristo, buscando viver de forma comprometida com o Evangelho.

O olhar histórico sobre o Escapulário se faz preciso para se entender o símbolo e seu sentido espiritual, a história e a devoção carmelita a Nossa Senhora e as supostas aparições relacionadas a essa devoção. A partir das revelações particulares, buscar-se-á entender a devoção, a realidade e sua difusão imbuída de superstições. As aparições também corroboram para a devoção mariana, levando os fiéis à esperança da ressurreição, mesmo que com visões que impõem medo relacionado a temas delicados como Purgatório e Inferno.

O segundo capítulo tratará do Escapulário do Carmo à luz da teologia dos sacramentais, recorrendo a ela para reconhecer que, através dessa devoção, se tem a oportunidade de aproximar-se de Deus. O *Ritual de Bênçãos* permitirá ver que o ser humano utiliza meios e símbolos para celebrar e entrar em comunhão com Deus na participação dos Sacramentos. Mas, é preciso trazer o sentido eclesial e de discipulado, pois o Escapulário como outros sinais devem levar os fiéis à caridade e ao testemunho de fé. O Escapulário do Carmo deve contar como um caminho mistagógico de encontro com Cristo, encontro que se inicia na liturgia e se concretiza na vida de práxis cristã. Trata-se de ressignificar o uso do Escapulário, não pelo medo, mas pelo compromisso de discipulado de Cristo.

É fundamental atualizar uma devoção que provém da Idade Média. Trata-se de ver a figura de Maria no contexto eclesial, levando em consideração a realidade atual, oferecendo caminhos pastorais para os dias atuais. Tratando-se do Escapulário, das promessas ou privilégios anexos a ele, é preciso levar em consideração sua referência à morte e ao destino após a morte, por isso se destaca a importância da ressurreição.

Do próprio *Ritual de Bênçãos* vê-se a atmosfera de amor e proteção, por isso devem ser superados o medo e as superstições. Tomaremos o Escapulário como símbolo que

³ JOÃO PAULO II. *750 anos do Escapulário*, n.4, p.11.

expressa à fé em Cristo. A piedade e a devoção popular contribuem para a formação do sentido de agregação a um grupo carismático específico, como é o caso a Ordem do Carmo. O Escapulário se torna sinal de uma religiosidade e confiança na vida eterna e gera um comprometimento com o Evangelho.

No terceiro capítulo, tratar-se-á das consequências teológico-pastorais que envolvem a evangelização atual, baseando-se no Concílio Vaticano II. A devoção ao Escapulário deve levar os fiéis a renovarem seu compromisso batismal. Para a pesquisa, o importante é a compreensão da relação *lex orandi – lex credendi*, mostrando a liturgia como fonte da doutrina da fé e lugar teológico que caminha para a experiência da *lex agendi* que é o lugar ético. Esse terceiro aspecto que é a consequência prática do sacramento no agir ético.

A comunidade de fé dever fazer a experiência de Cristo ressuscitado e a devoção mariana não deve ser fundada no medo, mas num íntimo testemunho da ressurreição. É preciso que os sinais levem os fiéis a um comprometimento com a humanidade numa experiência de fé no Ressuscitado. A devoção mariana será entendida como contributo para a evangelização, a partir da perspectiva de Maria como nossa irmã e modelo de discipulado, que leva os fiéis a viverem sua fé em louvor a Deus.

O Escapulário é um meio de responder a Deus, de se comprometer com projeto de Reino. Sendo um símbolo que representa uma consagração a Deus por meio de Nossa Senhora, essa consagração implica uma vivência concreta de buscar o Reino que inicia na vida terrena e se estende na esperança da vida eterna.

Como o Escapulário confere a quem o veste uma identidade, apresentaremos uma atualização pastoral quanto à formação do verdadeiro sentido dessa devoção, para que, a partir da evangelização, se possa usar este sinal de forma consciente. Contudo, ver-se-á que o Escapulário é um testemunho de fé e de esperança na vida eterna, sendo a marca de um relacionamento com Deus, mas que é mediado pelo amor ao próximo, que está presente no cotidiano. O Escapulário expressa a vivência de uma fé, de uma eclesiologia, de um povo crente em Deus e uma concretização da proposta do Evangelho.

1 ESCAPULÁRIO DO CARMO: APRESENTAÇÃO HISTÓRICA

No presente capítulo apresentaremos o escapulário do Carmo e aspectos de sua história. Esse sinal que, primeiro, foi apresentado aos irmãos da Ordem do Carmo, extrapolou os entornos do Carmelo e tornou-se uma devoção mariana.

Percorrer alguns tópicos da história da Ordem do Carmo se faz importante para compreendermos o contexto religioso dessa devoção e de sua propagação. Difusão essa imbuída de devoção e de esperança da vida eterna, bem como de superstições que se anexaram a ela.

Superstição não é o mesmo que fé popular. Muitas vezes, a superstição surge quando uma pessoa não consegue resolver seus medos ou temores. Faz-se, desse modo, uma transferência da responsabilidade para algum objeto externo, gerando certa escravidão ou alienação de si mesmo⁴.

O Escapulário do Carmo é envolto de superstições, relacionadas com supostas aparições de Nossa Senhora. Das mensagens destacar-se-á o incentivo a uma vida de oração e serviço para com o Reino de Deus. As aparições também corroboram para a devoção mariana, levando os fiéis a esperança da ressurreição, conectando também com temas delicados como Purgatório e Inferno.

1.1 Breve histórico da Ordem do Carmo

A Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo é difundida como Ordem do Carmo. Seus integrantes são chamados de carmelitas, tendo sua história ligada ao Monte Carmelo⁵ e à figura de Elias, que tem *Iahweh* como único e verdadeiro Deus.

⁴ Cf. SUPERSTIÇÃO. In: VAN DER POEL, Francisco. Dicionário de Religiosidade Popular. Curitiba: Nossa Terra, 2013. P. 1042.

⁵ Carmelo é uma montanha, situada no norte da Palestina, parte da cordilheira do Líbano e domina a vasta baía de S. João D’Acre, no Mediterrâneo. Fica a dez quilômetros de Jerusalém, entre a Galileia e a Samaria. A palavra Carmelo significa ‘Vinha de Deus’, ‘Jardim florido’. Cf. CICONETTI, Carlo. Monte Carmelo: Luogo e símbolo. In. BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi. *Dizionario carmelitano*. Roma: Città Nuova, 2008, pp. 611-616.

O profeta Elias é fundamental para compreendermos a dimensão de serviço a Deus e da fé em sua misericórdia. No Prefácio da celebração do Tesbita do *Missal do Carmo*, é descrita como missão dos profetas proclamar o Deus vivo e verdadeiro e conduzir o povo na esperança da salvação. A relação entre a humanidade e Deus é de amizade. Isso leva o profeta a um zelo pelo Senhor dos exércitos, pois Deus manifesta sua onipotência e sua misericórdia. A oração indica a importância de caminhar na presença de Deus, testemunhando “a presença gloriosa do vosso Filho, como foi junto a Cristo no Tabor, como testemunha da Transfiguração”⁶.

O Monte Carmelo, situado na Palestina, é citado no livro dos Reis. Local onde os profetas se reuniam (Cf. 1 Rs 18, 19.42) e de onde partiam para missão. Desejavam estar ao redor da fonte do profeta Elias (Cf. 2 Rs 4,25). Ele compreende a ação de Deus em sua vida e coloca-se ao seu serviço. Escolhe seu sucessor, o profeta Eliseu, para que continue proclamando o Deus dos exércitos. Desde o arrebatamento do profeta Elias, habitavam no Monte Carmelo outros profetas, dentre os quais se destacou Eliseu que pode ser chamado de herdeiro de Elias. Viviam conforme o espírito de Elias que foi transmitido a Eliseu⁷ (Cf. 2Rs 2,7-16).

O profeta Eliseu recebeu o manto de Elias (Cf. 1Rs 19,19-21). Isso significa, para os carmelitas, a continuidade do serviço profético e a missão de ir ao encontro do povo e defendê-lo das injustiças sociais, chamando-o à conversão a Deus, fonte da vida (Cf. 2Rs 2, 15).

Como grupo religioso com vínculo institucional, o início dos Carmelitas se deu no período das cruzadas. Sabe-se que um grupo de ermitãos resolveram se estabelecer no Monte Carmelo, junto à fonte do profeta Elias, no século XII, buscando viver no espírito de Elias.

Sendo cristãos, construíram uma capela dedicada a Maria, Mãe de Deus, para as atividades religiosas em comum. Tendo um modo de vida contemplativo, pediram a aprovação de uma Regra de Vida que foi concedida pelo patriarca de Jerusalém Santo Alberto, entre os anos 1206 – 1214. Os primeiros carmelitas ou aqueles que desejavam viver como o profeta Elias escolheram o próprio Monte Carmelo para morarem, conforme vemos na descrição dada por Alberto na Regra de Vida dada à Ordem do Carmo (Cf. RVOC, n.1).

⁶ Cf. MISSAL CARMELITANO. *Missal próprio da Ordem do Carmo*. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1987. p. 136.

⁷ O profeta Elias completando sua missão que havia recebido do Senhor, ungiu Hazael como rei da Síria e a Jeú como rei de Israel, e a Eliseu como seu primeiro discípulo, para dar continuidade ao seu projeto e assumir seu lugar. Cf. BESALDUCH, Simón Maria. *Enciclopedia del Escapulario del Carmen*. Barcelona: Librería Católica Internacional, 1931, p. 40.

Encontramos o modo de vida dos carmelitas na Regra de Vida da Ordem do Carmo⁸. Destaca-se que devem viver em obséquio de Jesus Cristo e servi-lo fielmente com coração puro e reta consciência (Cf. RVOC, n. 2). Além das indicações de ordem prática, como o lugar da cela do prior (superior), a vida de silêncio e oração, a fraternidade nas refeições, os momentos de jejum e as orações comunitárias, a regra aconselha os irmãos a meditem dia e noite na lei do Senhor, isto é, na escuta da Palavra (Cf. RVOC, n. 10), revestindo-se da justiça, e, na fé, aguardando a salvação do único Salvador, Cristo (Cf. RVOC, n. 19).

Mesmo tendo uma Regra de Vida aprovada, a Ordem passou por questionamentos quanto a sua criação, devido às restrições feitas pelo IV Concílio de Latrão (1215), que vetava a criação de novas Ordens Religiosas. Contudo, a aprovação definitiva foi concedida pelo papa Honório III, em 30 de janeiro de 1226, e confirmada por Papa Gregório IX, em 1229. Em 1247, o Papa Inocêncio IV fez algumas modificações, dando a aprovação final através da Bula *Quae honoris conditoris*⁹.

Estando no Monte Carmelo, os religiosos eremitas sofreram dificuldades no período das Cruzadas. Eles foram perseguidos e expulsos, sendo forçados a irem para a Europa por volta de 1238, numa migração gradual que perdurou até 1291, quando o Reino Latino de Jerusalém foi definitivamente conquistado pelos muçulmanos.

Migrando para a Europa, levaram consigo a Regra e um modo contemplativo de vida, fortemente marcado pelo ascetismo¹⁰. Mas, no Ocidente, tiveram que se adaptar a um novo modelo de vida, o conventual. Devido às mudanças de local e de realidade socioeconômica, os eremitas foram enquadrados em um novo estilo de vida religiosa que surgia na Europa, o dos mendicantes¹¹.

Mendicantes ou Ordens Mendicantes são grupos religiosos que surgiram no século XIII, na Europa, e viviam em conventos e buscavam uma vida conforme a de Cristo. O nome *Mendicante* provém da forma que viviam, isto é, se sustentavam de esmolas. Estes religiosos desenvolviam o seu apostolado por meio da vida de oração, pregação e no serviço aos pobres.

Foi o papa Inocêncio IV que adaptou a regra de vida dos carmelitas ao estilo de vida mendicante, confirmando-a em 1º de outubro de 1247. Foram necessárias outras adaptações,

⁸ Cf. REGRA DE VIDA DA ORDEM DO CARMO. Folheto impresso pelo noviciado carmelita do Brasil. Belo Horizonte [s.n.t.], 2012.

⁹ Cf. SAGGI, Ludovico; KIWIOR, Wieslaw. *Storia del Carmelo*. In: BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi. *Dizionario carmelitano*, pp. 845-853.

¹⁰ Cf. O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel: A Study of the Marian Heritage of the Order*. Melborn – Austrália: Carmelite Communications, 2000, p. 66.

¹¹ Cf. SAGGI, Ludovico; KIWIOR, Wieslaw. *Storia del Carmelo*, pp. 845-853.

o que gerou temor do fim da Ordem. Os membros, por sua vez, foram adaptando-se aos novos desafios. O Concílio de Lyon (1274) e, depois, o papa Honório IV contribuíram para a sobrevivência da Ordem. Também recebeu a aprovação dos papas Bonifácio VIII e João XXII¹².

Devido ao influxo de pessoas que simpatizavam com a forma de vida dos carmelitas, foi realizada uma reorganização da Ordem. Essa tarefa coube ao então prior geral João Soreth (1394-1471). O grupo masculino de consagrados seguia a Regra dada por Santo Alberto. A mesma foi adaptada para a vida monástica feminina, criando o ramo das monjas de clausura que passaram a viver a espiritualidade carmelitana. Muito contribuiu para essa organização Françoise d'Amboise (1427-1485). Em 1455, João Soreth faz adequações da regra também para homens e mulheres que vivem no estado de vida laical. Essas aprovações são documentadas pelo papa Nicolau V (1397-1455), por meio da Bula *Cum Nulla Fidelium*¹³.

Os carmelitas passaram por diferentes movimentos ao longo dos séculos. Eles buscavam o retorno às origens do Monte Carmelo e a uma estrita observância da Regra de Vida. Graças ao Padre Geral João Batista Rossi, em 1567 esse trabalho foi realizado em busca de uma maior interiorização da vida espiritual. Dentre as inúmeras reformas, destacou-se a realizada por Santa Teresa, em Ávila, com a fundação do mosteiro São José no ano de 1562, grupo que passou a ser conhecido como carmelitas descalços¹⁴.

Nos séculos XVII e XVIII, expandiu-se a propagação da devoção mariana, crescendo as Ordens Terceiras e Confrarias do Escapulário que atuaram na defesa dos ideais marianos e da Igreja, por meio das diferentes formas de ser carmelita. Acrescente-se ainda o surgimento de outros institutos religiosos ligados à Ordem. O Carmelo está, hoje, espalhado pelos cinco continentes.

Segundo a tradição carmelitana, junto com a herança espiritual de Elias, “[...] os carmelitas já venerariam a futura Mãe do Messias, simbolizada pela nuvenzinha que prenunciou a chuva redentora que [...] fertilizou a terra ressequida de Israel”¹⁵. Essa passagem é importante para compreendermos a devoção e o marianismo da Ordem do Carmo. Conforme se relata em 1Rs 18, 41-45, Elias perceberá a chegada da chuva que vem irrigar e fazer florescer aquilo que estava seco. Essa nuvem, para a espiritualidade carmelitana, é Maria, e faz referência àquela que traz o Salvador e, portanto, traz vida.

¹² CF. SAGGI, Ludovico; KIWIOR, Wieslaw. *Storia del Carmelo*, , p. 846.

¹³ Cf. REGRA da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Rio de Janeiro: TVJ, 2005, pp. 5-15.

¹⁴ Cf. SAGGI, Ludovico; KIWIOR, Wieslaw. *Storia del Carmelo*, pp. 853-864.

¹⁵ SOLIMEO, Plínio Maria. *A grande promessa de salvação*. São Paulo: Artpress, 2006, p. 11.

1.2 Carmelo: um modo mariano de seguir a Jesus Cristo

Os Carmelitas buscam servir a Jesus Cristo, inspirados no profeta Elias e em Maria, a Mãe de Deus. A história nos oferece inúmeros fatos que mostram que a Ordem foi se transformando com o passar do tempo, mas sempre se destacou pela devoção à Virgem Maria.

Antes de migrarem para a Europa, os carmelitas viviam como eremitas que habitavam no Monte Carmelo e se consideravam filhos espirituais do Profeta Elias. Esses ermitões se moldavam numa vida contemplativa, mas também se inspiravam na devoção à Virgem Maria, por isso eram chamados de *Irmãos de Santa Maria do Monte Carmelo*¹⁶.

A princípio, o ícone da Virgem venerado pelos Carmelitas era o conhecido pelo nome de *La Bruna - A Morena*. Apresentava a figura de Maria e do menino Jesus, ambos com gesto e olhar de ternura.

Devido ao contexto feudal, que marcou as origens da Ordem, Maria foi reconhecida pelos carmelitas como a *Senhora do Lugar*¹⁷, isto é, a senhora do Carmelo. Os carmelitas se colocam a serviço de sua Senhora e o Carmelo é entendido como o feudo espiritual da Virgem.

Encontramo-nos, nesta altura, no período das cruzadas e não é plausível que qualquer coisa pudesse escapar a esta influência religiosa, mesmo nas expressões de fé. A Virgem Santíssima, a Mãe do Senhor, do ‘Dominus’, é a ‘Domina’ (Senhora). Daí o título que lhe deram os nossos escritores do século XII: ‘Domina loci’ (Senhora do lugar), isto é, do Carmelo, que se situava na Terra Santa¹⁸.

Mesmo com sua devoção mariana, os carmelitas pregam que Cristo é o único caminho para o Pai (Cf. Jo 14, 4-11). Acredita-se que, obedecendo às palavras de Maria como nas bodas de Caná, se está obedecendo a Cristo: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). Em consequência, se ouve a voz de Deus Pai que diz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo, ouvi-O” (Mt 17, 1-8).

A devoção mariana na Ordem do Carmo possui um caráter cristocêntrico. Trata-se de uma busca de transfigurar-se em Cristo, isto é, de viver a serviço do Reino de Deus imitando

¹⁶ Cf. MARTÍNEZ, Ismael. O Escapulário do Carmo entre a tradição e a história. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, pp. 31-80, 2001, p. 36.

¹⁷ Cf. BOAGA, Emanuele. *A senhora do lugar: Maria na história e na vida do Carmelo*. Curitiba: Do Carmo, 1993, pp.187-195.

¹⁸ RODRIGUES, Francisco. Maria Santíssima e o Escapulário do Carmo. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, pp. 83-92, 2001, p. 86

Maria. Os devotos, numa visão *mariforme*, se espelham nos passos daquela que ensina a viver o silêncio contemplativo que é apresentado numa vida de virtudes¹⁹.

Essa compreensão se confirma na teologia atual, em que a figura de Maria é vista como partícipe na história da salvação, sendo aquela que caminha ao lado dos cristãos rumo a Cristo. O rosto maternal de Maria se faz constantemente presente na Igreja. É adotada como mãe pela comunidade cristã. A dimensão da filiação foi ensinada com muito mais clareza a partir do século XI, quando começaram a aprofundar a cena aos pés da cruz relatada por João (19, 25 - 28a)²⁰.

No século XII, as ideias do abade reformador são Bernardo de Claraval destacavam a humanidade de Jesus, o que influenciou o culto mariano, pois tornou Maria mais próxima dos fiéis e devotos. Como a Sé Romana se apoiava nas novas ordens religiosas para manter a unidade eclesial e contava com elas para a renovação da cristandade, esse fator humano contribuiu para as devoções populares, inclusive as paralitúrgicas de caráter mariano²¹.

Foi no século XIII, seguindo um estilo monástico-militar, que a Ordem do Carmo se dedicou inteiramente à Virgem, numa consagração espiritual de entrega à proteção daquela que é vista como irmã e mãe²². Já em fins do século XVII, se iniciou uma nova fase do culto mariano, voltado para os acontecimentos históricos e os pedidos oriundos das famílias religiosas para que a Igreja adotasse suas devoções particulares²³.

Maria é assim compreendida como a senhora de um feudo e os carmelitas como seus servos. Porém, a imagem de Nossa Senhora, no decorrer dos anos se enriquece com o acréscimo do Escapulário, parte da veste dos carmelitas, oriundo das visões de São Simão Stock (1251) e do papa João XXII (1314).

1.3 O Escapulário do Carmo: uma veste, uma devoção

O uso do Escapulário é antigo, pois, na verdade, faz parte da veste de homens e de mulheres como uma proteção da túnica. É uma faixa de tecido que cobre a frente e as costas da pessoa. A etimologia do vocábulo Escapulário deriva da palavra latina *scapularis* que, por

¹⁹ Cf. LA DIMENSIONE MARIANA DEL CARMELO. Roma, [s.nt.], n.1, 1989. p. 45

²⁰ Cf. O'DONNELL, Christopher. *A loving presence: Mary and Carmel*, p. 25.

²¹ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*. Ritmos e tempos da celebração, pp. 206-207.

²² SIBILIO, Vito. Su alcuni aspetti della Marilogia Medievale. In: *Marianum*. Roma: Marianum, v. 66, p. 623-658, 2004, p. 644.

²³ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*, pp. 210-211.

sua vez, deriva de *scapulae*, que significa ombros. Materialmente trata-se de um pedaço de tecido, de cor marrom, preta ou castanha, com uma abertura para passar a cabeça.

Somente na Idade Média esta veste ganhou sentido espiritual e protetivo para os filhos do Carmelo, após as aparições de Nossa Senhora aos carmelitas com menções a esta veste. Nessa perspectiva espiritual, o Escapulário se tornou um símbolo, “uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remete a outra realidade ausente ou não presente de igual modo”²⁴, isto é, algo material, que faz referência a uma proteção transcendente. Esse sinal iniciou como uma experiência carmelita, tornando-se representação de filiação à Ordem do Carmo, porém com o tempo passou ser usado por diferentes pessoas, mesmo que não integradas aos Carmelitas²⁵.

Deve-se levar em conta que o Escapulário do Carmo é expressão da agregação a uma Ordem estruturalmente mariana e, por conseguinte, de consagração a Deus por meio de Maria, estando vinculado a um intenso exercício de piedade, fomentando entre os fiéis uma ilimitada confiança na intercessão da Santíssima Virgem junto a Cristo²⁶. Traz consigo um sentido piedoso, de confiança em Maria e comprometimento com o Evangelho de Cristo²⁷.

A devoção ao Escapulário do Carmo²⁸ propagou-se entre os carmelitas pela promessa de livramento de uma condenação após a morte e também pela promessa de proteção para a continuidade da Ordem. Outro fator na difusão universal foram as recomendações dadas pelo Magistério da Igreja (Cf. DSPPL, n. 205), no estímulo à piedade mariana.

A piedade popular muito contribuiu para a propagação do Escapulário em todo o mundo, animada por uma atitude de fé interior, manifesta a relação do fiel com as Divinas Pessoas e com Maria em seus diferentes títulos e na esperança de seus privilégios, isto em conformidade a uma configuração com Cristo (Cf. DSPPL, n. 8).

São inúmeras as histórias e os relatos em consonância com a aparição e com os benefícios do Escapulário. Por questões práticas, nos finais do século XV foi sendo

²⁴ Cf. SARTORE, D. Sinal/Símbolo. In: SARTORE, Domenico ; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

²⁵ Cf. GROSSO, Giovanni. Scapolare del Carmine. In.: BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi. *Dizionario Carmelitano*, p.779.

²⁶ Cf. RICART, José. *O Carmelo: o Escapulário do Carmo perante o purgatório e o inferno*. Coimbra: Seminário Missionário Carmelitano, 1957, p. 90.

²⁷ Cf. BESALDUCH, P. Simón Maria. *Escapulario*, p.104.

²⁸ O Escapulário do Carmo se destacou entre diferentes Escapulários aprovados pela Igreja: 1) Escapulário Branco (Santíssima Trindade - Paz). 2) Vermelho (Paixão). 3) Marrom ou Preto (Nossa Senhora do Carmo). 4) Azul (Imaculada Conceição) e também verde. 5) Preto (Nossa Senhora das Dores) e também roxo. Cf. VÍTOLA, P. Vicente. *Os cinco escapulários*. 2ªed. Curitiba: Paulinas, 1949.

substituído pelo escapulário menor, isto é, não mais uma peça do tamanho da túnica, mas como cordão, tornando-se símbolo do hábito e, ao mesmo tempo, expressão de pertença à Ordem²⁹.

Para os carmelitas, a veste indica o amor dedicado à Mãe de Deus, levar à imitação de suas virtudes, e uma vida fomentada pela oração e pela frequência aos sacramentos. Mas, sendo também uma veste devocional, traz em si suas superstições, que no decorrer histórico não foram devidamente investigadas³⁰.

Não somente a Ordem do Carmo, mas as Ordens religiosas propagaram muitas formas particulares de oração e, em consequência, essas devoções substituíram a participação da assembleia na oração litúrgica, que, devido ao latim e à clericalização, se distanciava da realidade do povo. As devoções propagadas em sua maior parte contemplavam a participação de Maria nos mistérios de seu Filho³¹.

O Escapulário teve sua difusão vinculada à promessas e superstições. Nem sempre tal devoção foi acompanhada de uma formação que favorecesse a compreensão do sinal de compromisso e afiliação à Ordem do Carmo³². É preciso que se resgate o sentido do Escapulário numa perspectiva de ressurreição, isto é, para além da dimensão puramente ligada ao purgatório, mas a sob o horizonte de uma caminhada virtuosa, que conduz à vida eterna (Jo 5,29)³³.

Foi propagada a crença ingênua no uso do Escapulário como veste que traz a salvação e livramento do purgatório ou inferno. Deixou falha a instrução de que não se trata de um amuleto ou filiação a Nossa Senhora, mas de um compromisso que, por meio de Maria, nos oferece um caminho de inserção no mistério de Cristo e da Igreja³⁴.

O Escapulário tornou-se difundido principalmente graças às supostas aparições de Nossa Senhora, que correspondem a períodos históricos e suas demandas religiosas, sociais e políticas, respondendo aos anseios humanos em suas adversidades. Das aparições surgem as mensagens que, acolhidas, refletem compromisso eclesial e social.

²⁹ Cf. MARTÍNEZ, Ismael. O Escapulário do Carmo entre a tradição e a história, pp. 59-60.

³⁰ Cf. ESTEVE, Henricus M. *De valore spirituali devotionis S. Scapularis*. Roma: [s.n.t.], 1953, p.17.

³¹ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*, p. 208.

³² Por decreto, em 20 de janeiro de 1613, a Congregação da Santa Inquisição autorizou os Carmelitas a publicar e pregar o uso do Escapulário pelo povo cristão. Cf. BOAGA, Emanuele. *A senhora do Lugar*, p. 115.

³³ Cf. ESTEVE, Henricus M. *De valore spirituali devotionis S. Scapularis*, pp. 286-287.

³⁴ Cf. BOAGA, Emanuele. *A senhora do lugar*, p. 172.

1.4 As aparições de Nossa Senhora: uma mensagem aos fiéis

“Abordar o tema das aparições é tarefa arriscada. Entra-se num campo instável no qual interferem muitos fatores, além dos espirituais, teológicos e pastorais. Trata-se de assunto complexo, complicado e polêmico”³⁵. Mas, julgamos importante mencionar o relato dessas aparições para vermos a influência na propagação da devoção ao Escapulário do Carmo.

As aparições têm em comum a “relação aparição- crise [que] está latente já numa visão teológica das mariofanias. De fato, quando a Virgem aparece é para prestar socorro numa situação difícil”³⁶. Não foi diferente em relação ao Escapulário. Cabe, no estudo de cada aparição, “perceber a teologia acerca das aparições particulares, a finalidade que o Senhor se propõe a realizar por meio do seu Espírito”³⁷.

As mensagens são destinadas à humanidade e, de forma especial, embasadas em um contexto social e em uma realidade que necessita de uma transformação que tenha o Evangelho como referência. Por isso, é importante aprofundar o sentido teológico das aparições, permitindo compreender parte da ação de Deus na história.

As aparições marianas se inserem no gênero das *revelações particulares*. Diferente da Revelação fundante, destinada a todos, que também é chamada de pública, a privada ou particular faz parte da experiência individual ou grupal. É destinada a uma parcela do Povo do Deus³⁸.

Nesse sentido, as

revelações particulares nada acrescentam à revelação pública, mas se inserem no plano da experiência e da comunicação. Ajudam a interiorizar a mensagem do Evangelho, reavivando a fé no coração dos fiéis e repetindo o chamado à observância dos Mandamentos ou das virtudes³⁹.

As aparições de Nossa Senhora do Carmo devem ser entendidas como “revelações particulares [que] dizem respeito à ‘*directio actuum humanorum*’, o comportamento das

³⁵ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana*: Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012, p. 225.

³⁶ BOFF, Clodovis. *Mariologia social*: O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006, p. 594.

³⁷ RAHNER, Karl. *Visiones y profecias*. Coleccion Prisma. San Sebastian: Dinor, 1956. p. 23.

³⁸ MURAD, Afonso. *Visões e aparições*: Deus continua falando? Petrópolis: Vozes, 1997. p. 55.

³⁹ DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré*: Breve tratado de mariologia. São Paulo: Paulus, 2016. p. 161.

nossas ações humanas, e não ao dogma ou à proclamação de leis para a Igreja universal”⁴⁰. Assim, o Escapulário pode ser visto como um “sinal” exterior da especial relação, filial e confidente, que se estabelece entre a Virgem, Mãe e rainha do Carmelo, e os devotos que se entregam a ela em total dedicação e recorrem cheios de confiança à sua materna intercessão. Recordam o primado da vida espiritual e a necessidade da oração (Cf. DSPPL, n. 205).

Não se trata apenas de um aparato ou um enfeite, mas traz em si uma mensagem. Relembra o propósito batismal de nos revestirmos de Cristo e é sinal de confiança no auxílio de Maria, Mãe de Deus, nos propósitos do Evangelho. O Escapulário tem o sentido de nos conformar a Cristo (Ef 4, 20-24).

As aparições e as manifestações apuradas pela Igreja, além de suas mensagens eventuais, convidam o povo à adoração a Deus. O Escapulário do Carmo incentiva a conversão do coração, a oração incessante pela paz e a participação na Eucaristia. Os fiéis devotos são chamados a viverem e testemunharem a fé seguindo o modelo da Virgem Maria sendo guiados pelo Espírito Santo⁴¹. O Escapulário do Carmo é uma expressão do comprometimento com a realidade vivencial de cada local e tempo. Por isso, o mesmo sinal passou por diferentes gerações e por várias transformações, mas se firmou como um instrumental dos que se comprometem com a realização do Reino de Deus, com a paz, com a justiça e com o Amor.

Destaca-se que, nos anos finais do século XIV, quase todas as Ordens defendiam, segundo as suas antigas tradições, certos privilégios especiais, assegurando que todo aquele que morresse levando o hábito da sua família religiosa se salvaria; assim os beneditinos em relação à sua cogula monástica e os franciscanos que afirmavam que o próprio S. Francisco descia ao Purgatório uma vez por ano para retirar as almas dos que em vida trouxeram o hábito da sua Ordem. Com essas tradições defendidas pelas Ordens como autênticas e irrefutáveis, não é de estranhar que entre os próprios carmelitas circulasse também uma história semelhante a respeito do seu próprio hábito⁴².

⁴⁰ SCHILLEBEEKX, Edward. *Maria, mãe da redenção*. Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Petrópolis: Vozes, 1966, p. 105.

⁴¹ Cf. PERRELLA, Salvatore, OSM. Le “mariofanie”: presenza segno e impegno della Vergine glorificata nella storia. “Dono” per la fede e “sfida” per la ragione. Alcune annotazioni. In: *Marianum*. Roma: Marianum, v. 67, p. 51-153, 2005, p. 133

⁴² Cf. BOAGA, Emanuele. *A senhora do lugar*, pp.107-110.

Na Idade Média encontramos a aparição de Nossa Senhora entregando o Rosário a Domingos de Gusmão (1214), da Ordem dos Pregadores (dominicanos). O Escapulário, como o Rosário, o crucifixo e outros objetos são sinais que ultrapassaram os séculos e chegaram ao tempo presente como objetos universais, e não mais estritamente ligados a uma Ordem religiosa. Esses objetos e símbolos passam a expressar uma afeição e uma confiança na intercessão de Maria, além de ser uma forma de externalizar a fé e a adesão ao Evangelho.

Duas devoções há que resistiram à prova dos tempos. O Rosário e o Escapulário. A partir do século XIII, elas tornaram-se parte viva da fé da Igreja Ocidental. Poder-se-ia mesmo afirmar que se tornaram os sinais distintivos do bom católico, a ponto de onde fosse à fé atacada, serem elas estigmatizadas como práticas supersticiosas. Grande parte da devoção universal a N^a. Senhora encontra-se na história dessa dupla devoção, o Rosário e o Escapulário. Quando os nossos antepassados eram privados dos sacramentos, o Rosário e o Escapulário conservavam viva a fé nas almas dos fiéis⁴³.

As aparições requerem um olhar prudente e crítico. Passam por investigações e nelas se observa o conteúdo das revelações subjetivas e se atenta a eventuais erros teológicos⁴⁴. Por isso, para avaliar os relatos deve-se levar em conta as questões sociais, as visões e suas mensagens, o estado psicológico dos videntes, discernindo se não se tratam de vagas imaginações. Devem-se observar mais os frutos nos videntes e nos demais do que os milagres⁴⁵.

1.5 Relatos das aparições do Escapulário

Por meio das aparições, Deus pode se comunicar conosco, nos mostrar sua misericórdia e sua atenção para com a humanidade. Mesmo já tendo enviado a salvação do mundo de uma vez por todas em seu Filho, Maria Santíssima, é aquela que intervém em nome de homens e mulheres junto a Cristo. Os filhos e filhas em meio aos perigos, problemas e dores da vida, especialmente os oprimidos pelo pecado ou por situações e estruturas injustas encontram em Maria a libertação⁴⁶.

⁴³ LINCH, Kilyano. *Nossa Senhora de Fátima e o escapulário do Carmo*. Lisboa: Ed. Carmelitana, 1957. p. 25.

⁴⁴ Cf. STAEHLIN, Carlos Maria. *Apariciones: ensayo critico*. Madrid: Razon y fe, 1954, pp. 91-96.

⁴⁵ Cf. RAHNER, Karl. *Visiones y profecias*, pp. 42-59.

⁴⁶ Cf. PERRELLA, Salvatore, OSM. Le “mariofanie”, p. 142

Entre muitos relatos de Nossa Senhora, trazendo ou apresentando o Escapulário, destacamos três aparições: a São Simão Stock (1251), ao papa João XXII (1314) e, mais recentemente, aos pastorzinhos de Fátima (1917). Essas aparições e mensagens de Nossa Senhora do Carmo não se afirmam com dados históricos e materiais, mas são baseados em crônicas, depoimentos e na historiografia carmelitana.

1.5.1 São Simão Stock

O primeiro relato de aparição de Nossa Senhora, entregando o Escapulário do Carmo, provém da visão de São Simão Stock, em 16 de julho de 1251, na Inglaterra. A Ordem do Carmo passava por dificuldades e por perseguições quanto à confirmação de sua existência, enquanto instituição. Esse evento incentivou a devoção e deu início à mística em volta desse sinal.

Simão Stock nasceu no ano de 1165, no castelo de Harford, Inglaterra. Seus pais, pessoas de oração, eram desejosos de ter um filho, e conta a lenda que antes mesmo da concepção já o ofertaram à Santíssima Virgem. A lenda acrescenta que, aos 12 anos, Simão, buscando uma vida interior mais profunda, dirigiu-se a uma floresta isolada, na qual viveu muitos anos tendo como casa um tronco de carvalho, por isso de seu sobrenome – Stock. Após uma visão de Nossa Senhora, pedindo-lhe que se juntasse a um grupo de monges que viviam ao Monte Carmelo, ele ingressou na Ordem do Carmo e recebeu em 1213 o hábito da Ordem⁴⁷.

Simão Stock se tornou superior geral num momento em que a Ordem do Carmo passava por problemas quanto ao seu reconhecimento e estabilidade. Nesse contexto Stock, em oração e em súplicas a Maria, pediu amparo e proteção para a Ordem⁴⁸. Conta-se que sempre entoava a seguinte oração: *“Flor do Carmelo, videira florida, Resplendor do Céu, Virgem fecunda, E singular. Mãe aprazível sem conhecer varão, aos vossos Carmelitas dai privilégios, Estrela do mar”*⁴⁹. A resposta foi a aparição de Nossa Senhora, tendo nas mãos um pequeno hábito de lã, que entregou a ele dirigindo-lhe a seguinte mensagem:

⁴⁷ Cf. BESALDUCH, P. Simón Maria. *Enciclopedia del escapulario del carmen*, pp. 95-103

⁴⁸ Cf. COPSEY, Richard. Simon Stock and the Scapular Vision. In. *The Journal of Ecclesiastical History*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 50 (4), p. 652 – 683, 1999. pp. 652 - 683.

⁴⁹ COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o Escapulário*. Recife, 1950, p. 22

Meu filho muito querido, recebe este Escapulário de tua Ordem, como sinal peculiar de minha fraternidade, como privilégio para ti e para todos os Carmelitas; quem morrer vestido com ele, não padecerá do fogo eterno. Eis um sinal de salvação, de assistência nos perigos, eis uma aliança de paz e de eterna amizade⁵⁰.

Dessa aparição surgiram os privilégios dados aos carmelitas, que mencionam proteção à Ordem como instituição e aos fiéis a promessa de que, estando revestidos do escapulário, seriam salvos das chamas do inferno. Porém, sabemos que a figura de Simão Stock deve ser tomada com cautela, pois muitos dados são construções intencionais que visam contribuir para formação do ideal carmelitano e da vida ascética. As informações sobre a personalidade e a vida de São Simão Stock visam construir um arquétipo do bom carmelita.

Sua história foi, por vezes, projetada para apresentar aos irmãos um modelo de vida. O fato de ter sido o sexto geral da Ordem traz para si uma confiabilidade, que não sustenta a veracidade de sua visão, porém, corrobora para construção de um estilo de vida dedicada à oração⁵¹.

Se no campo da historiografia o assunto é delicado, ainda é mais na interpretação teológica da alegada aparição e do significado do Escapulário. Facilmente ele pode se tornar como um talismã ou um amuleto e a almejada salvação pode se tornar um caminho paralelo ao de uma vida cristã, isto é, independentemente da graça sacramental ou mesmo da vida eclesial⁵².

Sobre a historicidade da visão de São Simão Stock, a opinião dos estudiosos é dividida entre aqueles que afirmam e os que negam a veracidade da aparição. Na realidade, as análises dos elementos presentes nas fontes documentais mostram claramente que a questão é muito problemática, pois não se pode afirmar que houve a aparição.

Devido à falta de dados concretos, surgiram diferentes versões em torno de Simão Stock⁵³. Problemas da originalidade da mensagem⁵⁴ e da duplicação de frades com o mesmo nome e sobrenome, impossibilitando datar com exatidão qual seria o verdadeiro vidente⁵⁵. O

⁵⁰ COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o Escapulário*, p. 22.

⁵¹ Cf. XIBERTA, Bartholomaeus F. M.. *De visione Sancti Simonis Stock*. Roma: Pio X, 1950, pp. 27-30.

⁵² Cf. ROMERAL, Fernando Millán. El Escapulario del Carmen em la Literatura (Pinceladas y Retos). In: *Revista de Espiritualidad*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, n. 62, p. 557-604, 2003, p. 559.

⁵³ Cf. COPSEY, Richard. *Simon Stock and the scapular vision*, pp. 658-660.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, p. 665.

⁵⁵ Cf. SAGGI, Ludovico, *Santa Maria del Monte Carmelo*. Roma: Ristampa, 2001, pp. 43-45.

que se tem são narrações úteis para a disseminação de valores e conceitos abstratos. Isso favoreceu a multiplicação de relatos, muitas vezes inválidos do ponto de vista da crítica histórica moderna. Isso não quer dizer que sejam menos verdadeiros em termos de conteúdo e significado simbólico⁵⁶.

1.5.2 Papa João XXII

O Escapulário recebeu mais um aporte com o sonho do papa João XXII, que relatou a aparição de Nossa Senhora em 1314. Ela teria dirigido a seguinte mensagem àqueles que usam o Escapulário: “Eu, sua Mãe de misericórdia, descerei ao Purgatório no sábado depois da morte deles e libertarei quantos ali encontrar e os conduzirei para a Montanha Santa da vida eterna”⁵⁷.

A mensagem de Nossa Senhora ao Sumo Pontífice foi expressa na *Bulla Sabbatina*, supostamente expedida em 3/2/1322. O conteúdo pode ser dividido em três partes. *Primeira parte*: a aparição de Maria, mostrando Jesus Cristo como fundamento da vida cristã. *Segunda parte*: a visão histórica, apresentando a vitória do sumo pontífice sobre seus adversários, Luiz da Baviera e o antipapa Nicolau V. *Terceira parte*: a confirmação da Ordem do Carmo e das condições para o Privilégio Sabatino, incentivando os fiéis a terem uma vida de oração, mortificação e castidade.

O privilégio do Escapulário do Carmo consiste no resgate do fiel no primeiro sábado após a morte⁵⁸. Mas, além de morrer revestido do Escapulário, os fiéis, em vida, tinham que ter recitado o ofício diário de Nossa Senhora, observado jejuns e abstinências na quarta e sábado e rezado as orações marianas prescritas pela Igreja⁵⁹.

Chama a atenção o contexto da mensagem de João XXII, visto que seu papado esteve envolto em questões políticas, além de sua fragilidade face ao antipapa Nicolau V (1260-1333), e por Luiz IV da Baviera, que era acusado de bruxaria pelo papa João XXII. Um dos

⁵⁶ Cf. BOAGA, Emanuele. La devozione dello scapolare del carmine: contenuti e prospettive. In: *Revista di Vita Spirituale*. n. 3, pp. 306-327, maggio-giugno – 2001, p. 319.

⁵⁷ RICART, José. *O Carmelo*, p.177.

⁵⁸ Cf. SAGGI, Ludovico. *La “Bolla Sabatina”*. Ambiente-testo-tempo. Roma: Edizioni Carmelitane, 2018, p. 33.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 175-187.

fatores que mais chamam a atenção para uma crítica ao privilegio sabatino é que o próprio João XXII não era adepto à doutrina do purgatório⁶⁰.

A *Bulla Sabatina*, em seu conteúdo, apresenta contradições óbvias e algumas expressões que não são muito felizes do ponto de vista teológico, como a indicação do sábado após a morte e a descida de Maria ao purgatório. Além disso, elas contrastaram com vários fatores, incluindo o pensamento teológico do próprio Papa João XXII, que, como teólogo, negou o purgatório - numa época em que o debate teológico sobre sua existência era forte. Mais tarde se acredita num suposto escrito a favor do purgatório, datado de 1322⁶¹.

Ainda conforme estudos atuais sobre a *Bulla Sabatina*, não se deve mencioná-la como documento papal, mas como relatos da visão do papa João XXII. Essa postura visa evitar que o relato do papa seja visto como uma doutrina ou Magistério da Igreja. Um dos principais motivos é por mencionar temas delicados como do resgate do purgatório e, ainda, restringi-lo aos sábados. Aconselha-se evitar falar desses temas, por não tratarem de realidades temporais e cronológicas⁶².

Em 1613, o papa Paulo V proibiu os carmelitas de divulgarem a *Bulla Sabatina* como documento papal, aconselhando a divulgá-la como uma visão de João XXII, postura essa que também foi seguida pelo papa Bento XIV e, depois, Pio X.

Dessa aparição ou sonho relatado por João XXII, se observa uma confusão de lendas populares, falsificações papais, histórias de documentos roubados, que dificilmente será superada em abordagens e estudos⁶³. Sempre haverá suspeita, pelos historiadores, principalmente pelo fato de o próprio papa vidente não ser adepto da doutrina do purgatório⁶⁴.

1.5.3 Aparição de Fátima

A aparição mais recente de Nossa Senhora com referência ao Escapulário é a de Fátima (1917). Desde os tempos medievais, em Portugal, se destacam a Ordem dos

⁶⁰ Cf. GOMES, J. Pinharanda. Breve iniciação histórico teológica ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, pp.93-130, 2001, p. 110.

⁶¹ Cf. BOAGA, Emanuele. *La devozione dello scapolare del carmine*, p. 320.

⁶² Cf. SAGGI, Ludovico. *La "Bolla Sabatina"*, pp. 33-35.

⁶³ Cf. McMAHON, Patrick Thomas. *The Scapular: Re-appropriating an ancient symbol for a modern world*. Aylesford: [s.n.t.], 1999.

⁶⁴ Cf. *Ibidem*, p. 23.

Pregadores, divulgando intensamente o rosário, e a Ordem do Carmo, propagando a devoção do Escapulário⁶⁵.

As aparições de Fátima, no século XX, receberam essa herança espiritual, agregando uma forte conotação sociopolítica, principalmente contra o comunismo ateu, tendo posteriormente influenciado na queda do socialismo no leste europeu. As mensagens das aparições de Fátima trazem relatos de guerra e questionam entidades coletivistas, isto é, formas de governo, menção contrária ao sistema político comunista. Nas aparições, Nossa Senhora reforça o pedido de oração pela santificação do clero. Suas mensagens tiveram grande alcance, pedindo a conversão da humanidade, de forma especial da Rússia, para se alcançar a paz⁶⁶.

Não trataremos de toda a complexidade das mensagens, mas nos limitaremos às últimas aparições de setembro e outubro de 1917, quando os pastorzinhos narram que Nossa Senhora veio revestida com o Escapulário, trazendo o pedido de intensa oração por parte dos cristãos na busca de conversão e de paz.

Entre os relatos do processo das aparições em Fátima, um fato chama atenção: Na sacristia da capela em Fátima havia uma imagem de Nossa Senhora do Carmo. A capela que os familiares dos pastorzinhos frequentavam, contava com uma imagem da Senhora do Escapulário. Este pode ter contribuído para a formalização da imagem da visão dos pastorinhos. O relato da imagem de Nossa Senhora do Carmo tendo em um dos braços o Menino Jesus e na outra, mesmo que de forma obscura, o Escapulário, é uma descrição de uma imagem de madeira que se encontra na sacristia da Igreja em Fátima⁶⁷.

Nas aparições de Fátima se resgatam dois sinais dados no passado, em momentos de tormenta: o Rosário e o Escapulário. Novamente são apresentados aos cristãos, pedindo que rezem nos momentos difíceis⁶⁸. Para os piedosos, “Fátima é um exemplo rutilante de como o Rosário e o Escapulário conservam a fé dum povo”⁶⁹. Mas, para os críticos, os relatos são

⁶⁵ Cf. LYNCH, Kyliano. Nossa Senhora de Fátima e o escapulário do Carmo. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, pp.181-204, 2001, pp. 182-183.

⁶⁶ Cf. BOFF, Clodovis. *Mariologia social*, pp. 647-648.

⁶⁷ Cf. HIGINO DE SANTA TERESA. *Fátima e Nossa Senhora do Carmo: exposição crítica e documentada da aparição de Nossa Senhora do Carmo em Fátima dia 13 de outubro de 1917 com hábito e escapulário carmelitano*. Coimbra: Gráfica Coimbra, 1951, p. 25.

⁶⁸ Cf. LYNCH, Kyliano. *Nossa Senhora de Fátima e o escapulário do Carmo*. p. 181

⁶⁹ *Ibidem*, p. 181.

frutos de um contexto de crise, que possibilitam fortalecer os fiéis na oração e na busca de superar problemas reais e contextuais, pela intercessão de Nossa Senhora.

As aparições não fazem parte do *depositum fidei*, mas são novos impulsos, que ajudam o povo de Deus a continuar sua caminhada, procurando viver, de forma adequada, as verdades perenes da Revelação em seu contexto e realidade atuais. Trata-se de um apelo moral, com preocupação sobre o destino do mundo e a salvação da humanidade⁷⁰. “Fátima é o núcleo do Evangelho, rememorado e atualizado para o século XX, sob as palavras-chave: conversão, oração e reparação”⁷¹.

As aparições e os relatos são importantes pelos frutos que geram nos fiéis. Devem ser abordadas com espírito crítico, extraindo sua dimensão eclesial e social, isto é, devem ter, como resultado, que se efetive uma participação na vida de Igreja e uma transformação da realidade para o bem comum.

1.6 O escapulário: sua difusão, do Carmelo para a Igreja

Como outros sinais, o Escapulário é uma devoção que manifesta uma relação com as Divinas Pessoas e com Maria (Cf. DSPPL, n.8). É fundamental ajustar o Escapulário do Carmo à realidade, mostrando-o como sinal. É uma devoção aceita pela Igreja. Não pertence unicamente à Ordem do Carmo. É sinal de consagração mariana, ratificando o que Deus já fez por nós através do Batismo⁷².

Pela sua ressonância mariana, o Escapulário não se restringe aos Carmelitas, mas se estende a todos os cristãos. A partir de 1500, a devoção do Santo Escapulário assumiu um grande incremento dentro da religiosidade popular e difundiu-se rapidamente, atraindo de modo especial os leigos, que começaram a trazê-lo como sinal de pertença e proteção⁷³.

Devido à expansão e à adesão ao uso do Escapulário, ele foi se transformando, a partir de histórias copiosas e piedosas. As mudanças e os avanços da sociedade, as transformações no vestuário, variações no se apresentar na sociedade fizeram com que esta veste também passasse por alterações estéticas, que, no entanto, não alteraram o sentido espiritual.

⁷⁰ Cf. BOFF, Clodovis M. *Mariologia social*, p. 653.

⁷¹ *Ibidem*, p. 653.

⁷² Cf. ORTIZ, Renato. *Cultura Fragmentada*. Ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960, p. 104.

⁷³ Cf. MARTÍNEZ, Ismael. *O Escapulário do Carmo entre tradição e história*, p. 62.

Enquanto objeto material, o Escapulário que, então, fazia parte do hábito, foi reduzido a duas partes de tecido, unidas por um cordão, para que os fiéis leigos pudessem revestir-se do hábito Carmelita, mas de forma reduzida. Devido ao grande número de adeptos, inclusive pessoas não ligadas a Ordem do Carmo, o papa Pio X, em 16 de dezembro de 1910, abriu a possibilidade de usar o Escapulário em forma de medalhas metálicas. Todas as pessoas, validamente investidas com um escapulário de tecido, podem trocá-lo pela medalha de metal. Esta pode ser benta com bênção simples por qualquer sacerdote⁷⁴. Por último, em 8 de maio de 1925, o papa Pio XI aprovou um decreto sobre o uso do Escapulário protegido, isto é, o mesmo objeto de lã, mas protegido por plástico ou por acrílico⁷⁵.

As mudanças no formato e tamanho do Escapulário foram feitas para atender os interesses e necessidades dos fiéis, como, por exemplo, o uso do Escapulário em ofícios e em trabalhos, em espaços não religiosos, nos momentos de esportes, pelos soldados que participavam de combates. Tudo isso visava sempre o uso ininterrupto do escapulário. Esses escapulários passaram a ser acompanhados do uso de imagens do escudo da Ordem do Carmo e ilustrações marianas e, no verso, o Sagrado Coração de Jesus Cristo.

Essas transformações no material ou na forma do Escapulário ocorreram graças à difusão dos benefícios e das graças anexas a esse sinal, como também devido à grande propagação realizada pelas confrarias e pelos grupos de devotos de Nossa Senhora do Carmo. Várias Ordens religiosas receberam, da Igreja, a competência de abençoar escapulários e impô-los aos fiéis, independente de estarem ligados ou não a confrarias. Assim, juntamente com o Rosário, passou a ser um dos símbolos do católico piedoso e servo de Maria⁷⁶.

Maria é um convite à Igreja e à humanidade para se realizarem em sua esperança final, que é Cristo, no qual todos são como irmãos tendo o mesmo sangue e a mesma carne (Hb 2,14; Gl 4,4) (Cf. MC, n.6). O Escapulário é o ato de confiança; como o de Maria quando Cristo jazia no sepulcro. A Mãe, na soledade, era fortalecida pela fé e pela esperança. Vigilante, esperou a Ressurreição do Senhor (Cf. DSPPL, n.188).

É importante que se saliente uma limitação no que diz respeito a essa devoção: muitos usam o escapulário sem a devida formação sobre ela. Usam, mas sem saber de suas premissas e de sua responsabilidade diante da adesão ao uso do Escapulário. E ainda mais quando

⁷⁴ Cf. AFONSO, Maria. *E Escapulário e a Medalha*, 3. ed. Recife: [s.n.t.], 1939, p. 39.

⁷⁵ Cf. SOLIMEO, Plínio Maria. *A grande promessa de salvação*, p. 48.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, p.21.

apenas usam por superstição, mas sem saber o real sentido que o escapulário possui e, nem mesmo, a espiritualidade que traz consigo.

1.7 Purgatório e Inferno: temas vinculados ao Escapulário

O Escapulário está historicamente relacionado com os temas do purgatório e do inferno. São temas delicados sobre os quais há estudos recentes que trazem uma nova reflexão teológica no que diz respeito ao pós-morte. Entende-se que o ser humano conta com a graça de Deus, num amor que vai além da compreensão humana.

A temporalidade histórica da vida humana segue claramente seu curso entre o ponto de partida até a morte biológica, entendendo a morte como princípio da eternidade. A “morte não é apenas manifestação do pecado, a morte é também manifestação do nosso morrer com Cristo, a culminação da apropriação, de nossa parte, de sua morte redentora”⁷⁷.

Desde a Igreja antiga, difundiu-se a prática dos sufrágios pelos falecidos. A tradição nos mostra a realização de orações pelos fiéis defuntos, o que pode ser considerado uma fé implícita no purgatório. A formulação explícita se conheceu com Cipriano (século III), com menção do fogo purificador após a morte - *ignis purgatorius*⁷⁸. Porém, é no século XII que se desenvolve a ideia de purificação após a morte para alguns pecadores, visto que se concebe a ideia de perdão dos pecados depois da morte⁷⁹.

“Até ao fim do século XII, a palavra *purgatorium* não existe como substantivo”⁸⁰. Os cristãos herdaram, das religiões e das civilizações anteriores, uma geografia do além, concepções de um mundo dos mortos como o *sheol* judaico. No imaginário popular forma-se a ideia da existência do Inferno e do Paraíso como destino, o primeiro para os maus e o segundo para os bons⁸¹.

“Quando o Purgatório se instala na crença da cristandade ocidental, entre 1150 e 1250, mais ou menos, de que se trata? É um além intermédio onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios – a ajuda espiritual – dos vivos”⁸². A crença no purgatório é fruto da concepção de julgamento dos mortos. Purgatório é visto como

⁷⁷ RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Editorial Herder, 1965, p. 63.

⁷⁸ Cf. *Apud*. SILVA, Edson. *Purgatório, inferno e céu segundo Renold Blank*. Os três “novíssimos” compreendidos à luz da esperança escatológica, em vista da superação do medo religioso. pp. 119-120.

⁷⁹ Cf. LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*, 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 13.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, p. 17.

⁸¹ Cf. *Ibidem*, p. 16.

⁸² *Ibidem*, p. 19.

intermédio entre a morte individual e o Julgamento Final, oscilando entre o tempo terrestre e a realidade escatológica.

No Concílio de Lyon (1274) foi formulada oficialmente dentro da Igreja latina a doutrina do Purgatório⁸³. Não é algo apenas doutrinário, mas fruto de uma sociedade em transformação também. Ela está passando de uma compreensão social em modo binário, ou seja, com um elemento em relação a outro, para esquemas ternários, que assumem a possibilidade de haver uma terceira via possível. Nesse contexto, marcado pela organização feudal, o pensamento escolástico e a expansão do imaginário geográfico, graças às Cruzadas, surge o Purgatório⁸⁴.

No período medieval a escatologia da pessoa será sistematizada ainda sob a influência de Agostinho. No século XII, o purgatório começa a ser evocado na cristandade latina como lugar onde existe fogo. Esta compreensão é oposta à grega, que entendia o purgatório como estado. Tal questão foi debatida nos concílios de Lyon (1274) e de Florença (1439). Por meio de declarações sóbrias, estes concílios concluíram que, na compreensão do purgatório, não se deve mencioná-lo como lugar onde entre as penas se conta a do fogo. Pelo contrário, o purgatório se refere a um estado de caráter expiatório (penal) em que os sufrágios dos vivos (missa, oração e esmola) servem de ajuda ao estado de purificação do defunto⁸⁵.

Os Padres do Concílio de Trento (DH 1580 e 1820), para evitar a contaminação da religião por superstições, ao falarem do Purgatório, mostram que os defuntos serão ajudados e libertados de seus pecados⁸⁶. Seguindo o texto de 2 Mc 12,45ss, os teólogos interpretam que após a morte haverá uma purificação das faltas cometidas em vida. A doutrina do Purgatório manteve-se ao longo dos séculos sem acréscimos. A Teologia fez referências ao tema, mas sem modificações no conteúdo doutrinal.

A doutrina do purgatório nos ensina, pois, que, depois da morte, ocorre um amadurecimento do ser humano. Supõe-se que no purgatório ele tome consciência de suas atitudes morais, isto é, que a alma experimente sua própria descoberta da harmonia ou desarmonia⁸⁷.

O purgatório pode ser considerado como um processo pessoal em que cada um busca superar suas contradições até o encontro definitivo com Deus. Nesse encontro rejeitaremos

⁸³ Cf. LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*, p. 283.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, pp. 160-161.

⁸⁵ SILVA, Edson. *Purgatório, inferno e céu segundo Renold Blank*, p. 119.

⁸⁶ *Apud*. LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*, p. 27.

⁸⁷ Cf. RAHNER, Karl. *Sentido Teológico de la muerte*, p.27-28.

livremente as últimas incoerências que trazem sofrimento e seremos envolvidos pela graça, pois esse processo ocorre estando nós imersos no amor salvífico de Deus, que purifica⁸⁸.

Deus oferece ao humano aquilo que lhe falta, a graça. O ser humano pode aceitar ou rejeitar a graça, pela livre decisão⁸⁹. A graça de Deus faz com que o homem supere os tormentos de um fogo imaginário, em chamas que rejuvenescem e imortalizam, apagam aquilo que foi vivido e abrem oportunidade para um novo.

No Purgatório, a alma, estando ainda impura, se purificará. Os vivos criaram práticas piedosas de orar por essas almas sofrentes. Nessa perspectiva, a imagem do Purgatório é da Igreja Padecente, que não é definitiva. Não se trata de um local ou espaço, mas de um estado da alma.

O ponto até onde na morte o ser humano desempenha papel ativo e o ponto até onde Deus age constituem o mistério daquilo que chamamos da relação entre graça e liberdade. Como, porém, o plano de Deus é que sejamos “conformes à imagem do seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29), exige-se do ser humano a participação ativa, que assim crescerá e amadurecerá até ele tornar-se apto a estar em Deus e com Deus⁹⁰.

As mensagens referentes ao Escapulário, por vezes, se vinculam ao tema do Inferno. “O inferno provém da própria pessoa humana e da sua liberdade capaz de dizer não”⁹¹. Trata-se da total ausência de Deus. Visto que, com a morte, o homem, ainda mesmo como pessoa espiritual e moral, adquire caráter e consumação definitivos, a decisão tomada e atuada em sua vida corporal para Deus ou contra Deus passa a ser totalmente definitiva⁹².

O tema do Inferno é algo complexo, ainda mais por ser algo desconhecido, hipotético. A vida terrena de cada um dos homens está incorporada na temporalidade, cujo conceito cristão comporta uma autêntica historicidade, uma temporalidade finita e um contingente do cosmos, que caminha até a sua consumação⁹³. As expectativas da vida futura são fruto da consciência do que se vive na vida terrena.

⁸⁸ Cf. LIBANIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia cristã*. O novo céu e a nova terra. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 242.

⁸⁹ Cf. BLANK, Renold. *Escatologia da pessoa – Vida, morte e ressurreição: (escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 203.

⁹⁰ Cf. RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*. p. 168.

⁹¹ LIBANIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia cristã*, p. 261.

⁹² Cf. RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 29.

⁹³ Cf. *Ibidem*, p. 31.

Dessa consciência ou do temor da vida após a morte, surgem inúmeras pregações e catequeses. “Os autores de sermões exageram quando falam do inferno, a fim de tornar mais atrativo o paraíso. Tinham consciência plena de que a descrição atraente das suavidades eternas toca menos os espíritos do que a evocação repulsiva de pavorosos tormentos”⁹⁴.

O Inferno é o destino daqueles que não se convertem. A conversão é um ato de fé, em que a pessoa manifesta sua própria disposição para ser salva no desejo de uma vida nova em Deus. Haja vista que diante do autofechamento humano, a pessoa pode vivenciar um estado de morte onde nada se muda. Pela fé, Deus misericordioso, irá oferecer meios, até para os que não creem, de fazerem a experiência de fé, pois somente por essa ocorrerá à redenção⁹⁵. “As palavras de Jesus sobre o inferno devem ser apreciadas, tendo em conta suas numerosas pregações sobre o amor, a misericórdia e o perdão, pois há de prevalecer o amor”⁹⁶.

Vinculada ao Escapulário está a esperança do cristão na vida eterna, visto que carrega consigo as promessas de resgate do purgatório e de salvação após a morte. O Escapulário traz no fundo a ideia de que humano não é apenas redutível à matéria, mas um ser constituído por um corpo mortal e uma alma imortal, sendo um ser realmente uno e total, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade⁹⁷.

Os diversos sacramentais da Igreja podem levar os fiéis a uma prática de piedade. A devoção à Virgem Mãe de Deus contribui para a animação da fé católica, auxiliando na formação moral e estimulando as almas à prática da vida cristã. E o Escapulário favorece o povo, não apenas por seus benefícios espirituais, mas por ser acessível à mente, pela ternura e simplicidade⁹⁸.

O Escapulário do Carmo deve ser apresentado à luz da Teologia dos Sacramentais. No próximo capítulo o rito de vestição ou bênção do Escapulário será uma fonte a nos mostrar que esse sacramental tem a finalidade de levar os fiéis a um compromisso de fé e de seguimento a Cristo. A piedade mariana e suas expressões favoreceram a expansão da devoção ao Escapulário, mas é preciso constantemente atualizar essas manifestações de fé

⁹⁴ Le GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p.196.

⁹⁵ Cf. BLANK, Renold J.. *Nossa vida tem futuro: escatologia cristã - 1*. São Paulo: Paulinas, 1991, pp.165-183.

⁹⁶ SILVA, Edson. *Purgatório, inferno e céu segundo Renold Blank*. p. 134.

⁹⁷ Cf. VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 81.

⁹⁸ Cf. O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel*, p.100.

para que a devoção cumpra sua função de levar os fiéis a viverem como discípulos e discipulas, isto é, o Escapulário como sinal de pertença a Cristo.

2 ESCAPULÁRIO DO CARMO, À LUZ DA TEOLOGIA DOS SACRAMENTAIS

Para aprofundar o tema do Escapulário do Carmo é preciso repassar a teologia dos sacramentais, dos sinais que nos aproximam de Deus. No culto prestado a Deus, o ser humano utiliza ritos e símbolos que, celebrados em comunhão eclesial, fortificam o discipulado, a caridade e o testemunho de fé. Na Idade Média, se deu o processo da propagação do Escapulário como objeto devocional.

Trazendo para atualidade, muito contribui o *Ritual de Bênçãos*, no que toca à vestição do escapulário. Considera a agregação de membros ao grupo ao qual está relacionada a devoção num sentido de filiação e pertença a Maria, seguindo seu modelo de discipulado de Cristo.

O Escapulário está envolto por devoção popular e superstições, que precisam ser esclarecidas. Como remédio a isto, propomos um caminho mistagógico de encontro com Cristo que, por meio da liturgia e da devoção mariana, proporciona um caminhar e uma busca de ressignificar o uso do Escapulário, não pelo medo, mas pela consciência do compromisso com a comunidade eclesial e com o gênero humano.

2.1 A vestição do escapulário segundo o *Ritual de Bênçãos*

A fé teologal é lançar-se e confiar em Deus, na revelação do Reino⁹⁹. É preciso vivenciar a liturgia para celebrar o que se crê, superando qualquer ideia de mero cumprimento de ritos. A liturgia é um lugar teológico, porque a experiência cristã se expressa em símbolos, que começam a fazer parte da vida humana. A fé se expressa por símbolos que atualizam e permitem assimilar o que se crê interiormente.

A revelação se torna acessível a nós nas celebrações litúrgicas. São lugares teológicos por expressarem a fé. A ortopraxis cristã vai além da ortodoxia e se expressa pelos símbolos. A liturgia traz o equilíbrio entre a Tradição – experiência centrada da fé - e as novas experiências que chegam pelas pessoas – pelos símbolos.

⁹⁹ Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-crisma. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 49.

A liturgia trata do mistério de Deus, o celebrar, pensar e praticar (*lex orandi – lex credendi – lex agendi*)¹⁰⁰, num seguimento, que por meio dos gestos somos transportados ao mistério pascal de Cristo¹⁰¹. A fé não é apenas um conhecimento de curiosidade intelectual, mas entregar-se a Deus. A liturgia é fonte de instrução para o povo fiel, é Cristo anunciando o Evangelho e resposta do povo fiel (Cf. SC, n. 33).

As celebrações de bênçãos ocupam lugar destacado entre os sacramentais instituídos pela Igreja para o bem-estar pastoral do povo de Deus. Como ações litúrgicas que são, tais ritos elevam os fiéis ao louvor de Deus e os dispõem a alcançar o efeito principal dos sacramentos e a santificar as diversas circunstâncias de sua vida¹⁰².

Os sacramentais são uma demonstração da relação entre o homem e o mundo. A humanidade colabora com a criação atuando na própria evolução e nas transformações do mundo¹⁰³. A humanidade deve tornar-se uma eterna dádiva de Deus na terra. E nas manifestações de piedade, nos exercícios piedosos o povo eleva seu louvor, que é demonstrado conforme cada tempo litúrgico na liturgia (Cf. SC, n. 12-13).

Se a oração é o clamor do povo a Deus, o sacramental é o clamor do povo feito símbolo, a simbólica do desejo convertida em prece da Igreja. Quando este clamor alcança sua máxima densidade e se converte em oração solene da Igreja, temos um sacramento no sentido estrito do termo. Mas o sacramental é já epiclesse eclesial, clamor do povo a Deus¹⁰⁴.

As várias formas de piedade que visam honrar a Mãe de Deus têm a virtude de melhor conhecer e glorificar o Filho, por quem tudo existe (Col 1, 15-16) e, assim, buscar cumprir os seus mandamentos (Cf. LG, n. 66). Entender-se-á que Maria não é o fundamento da fé, mas aquela que conduz os filhos ao Filho, os peregrinos desta terra à vida celestial.

¹⁰⁰ Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*. Ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009, p. 35.

¹⁰¹ Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 36.

¹⁰² BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, p.523.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, p. 524.

¹⁰⁴ CODINA, Victor. Os sacramentais, sacramentos dos pobres. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v. 22, n.56, p. 55-68, 1990, p. 64.

Várias histórias e lendas sobre o Escapulário Marrom que, pelo menos em algumas interpretações, propõem oferecer uma graça independente do mistério pascal devem ser rejeitadas, pois são contrárias à verdadeira fé, ensinada pela Igreja. Para esse fim, a própria Igreja nos últimos cinquenta anos, examinou seus ritos e rituais, simplificou-os, suprimiu alguns, revisou outros e fez as mudanças necessárias para nos manter focados na ressurreição de Cristo como a única origem de nossa salvação¹⁰⁵. Aproximando-se de Jesus, os seus seguidores desejam servi-lo, renovando o compromisso de fidelidade e assumindo a consagração batismal (Cf. RB, n. 1213).

Sobre o rito de bênção da vestição do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo¹⁰⁶, o Ritual prevê que seja realizado durante uma celebração comunitária. A vestição consta de ritos iniciais, da leitura da Palavra de Deus, da oração para benzer e impor o Escapulário e dos ritos finais. Deve ficar bem expreso o sentido espiritual e os compromissos anexos a essa devoção.

O ritual apresenta textos bíblicos que demonstram que o revestir-se do Escapulário é fortalecer-se no Senhor. É um revestir-se da armadura de Deus, lutar contra as trevas, encorajar-se a permanecer firmes diante das adversidades e manter fidelidade à palavra de Deus, conforme já nos indica Efésios 6, 10-17.

O sentido desse sacramental é apresentado pelas indicações das leituras que falam da proteção de Deus por meio do manto da justiça que faz renascer retidão e louvor (Is 61, 10-11). Trata-se de uma busca por Deus, amando-O, recebendo assim seu amor e sua recompensa (Prov. 8, 17-21), do revestimento da beleza de Deus, seguindo as virtudes do jejuar e orar ao Senhor (Bar 1,5). Pelas virtudes, somos revestidos de toda a formosura de Deus, de todos os seus adornos (Ez 16, 8-14). Também encontramos, na Sagrada Escritura, passagens que mostram a pertença a Deus, conforme vemos em 2 Reis 1, 7-13, em que Elias se mostra como servo do Senhor.

Do Novo Testamento as leituras indicadas demonstram a importância de se revestir do homem novo, de não sermos guiados pela própria vaidade, mas pela verdade, que é Cristo (Ef 4, 17. 20-24), fazendo da vida um culto espiritual a Deus, nos tornando filhos, herdeiros de Cristo (Gal 4, 4-7). Trata-se de permitir-se ser envolvido no manto, que até mesmo o próprio

¹⁰⁵ Cf. McMAHON, Patric Thomas. *Garment of Grace: A Historical Appreciation of the Carmelite Scapular*. Aylesford: [s.n.t.], 1999, p. 2-3.

¹⁰⁶ Para ser realizado o Ritual de Bênção e Imposição do Escapulário utiliza-se o capítulo XXXIX do Ritual Romano de Bênçãos – números 1208 aos 1224.

Jesus foi envolvido no seu nascimento (Lc 2, 4-7). Manto de Jesus que traz a cura e libertação, como apresentado na cura da mulher que tocou Jesus (Mc 5, 25-34).

Na oração da bênção do Escapulário, retirada do *Ritual de Bênçãos*, se invoca a Deus, autor e realizador da santidade, que chama à perfeição da caridade, os que foram renascidos da água do Batismo. Os filhos recebem devotamente o escapulário em honra da Santíssima Trindade, para que se conformem à imagem do Filho. Ao termino da oração se faz um pedido à Virgem para interceder pelos fiéis para, após a vida terrena, entrarem na alegria da vossa casa, isto é, na morada celeste (Cf. RB, n. 1218).

O ministro, ao realizar a vestição do Escapulário, diz sobre a admissão na família carmelita. Ao falar também da imitação e do serviço à Virgem, Mãe de Deus, destaca que é para a glória da Trindade, e o bem da Igreja e dos homens, e faz o convite de diariamente revestir-se de Cristo, que nos remiu com o seu sangue. Desse modo, assume e participa de todos os bens espirituais da família da Ordem do Carmo (Cf. RB, n. 1221).

Esse revestir-se de Cristo se dá pela intercessão de Maria, rogando as graças de Deus. Pela imitação de Cristo, os fiéis buscam realizar as boas obras revelando o amor de Cristo. A oração da bênção nos lembra de Deus como autor da santidade, clamando pelos que recebem com devoção o Escapulário e que o usam como sinal de consagração a Maria, imitando a Cristo. E nessa imposição, o fiel é acolhido na família carmelitana, pedindo que cada vez mais se revista do Cristo, para glorificar a Santíssima Trindade e para o bem da Igreja e dos homens. Essa oração abrange a fé, o sentido de pertença eclesial e a dimensão prática da fé.

Trata-se de um caminho relativo ao mistério, um caminhar mistagógico. É próprio da devoção popular carregar consigo um modo de culto, seja de caráter privado ou comunitário, não tanto relacionado aos moldes da Liturgia, mas geralmente derivadas da cultura (Cf. DSPPL, n. 9). O Escapulário também tem seu modo a ser celebrado e compreendido na Igreja.

2.2 O Escapulário como sacramental

O Escapulário do Carmo está entre os inúmeros sacramentais da Igreja. A busca da santificação perpassa o uso de materiais que servem para o louvor a Deus, dessa graça que decorre do mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo (Cf. SC, n. 61).

Sacramentais estão vinculados à vivência dos Sacramentos, sendo comuns pela fé orante. Compreende-se que os *sacramentos* são sinais sensíveis da eficácia da graça, para

santificar as almas. Já os *sacramentais*, que são propostos pela Igreja não conferem a graça do Espírito Santo, no entanto, auxiliam na disposição da alma para receber a santificação¹⁰⁷.

É em virtude desta diferença quanto à graça eficaz, que os sacramentais também foram, e são denominados, embora incorretamente, sacramentos menores. Os sacramentos são realidades divinas que conferem a graça santificante, já os sacramentais são realidades eclesiais e humanas ordenadas para o divino e conducentes aos bens espirituais das pessoas, por intercessão do poder da Igreja¹⁰⁸.

Os sacramentais são definidos como “sinais sagrados, criados no modelo dos sacramentos, pelos quais se expressam efeitos, especialmente de caráter espiritual, obtidos pela intercessão da Igreja” (SC, 60). Os sacramentais estão em torno do mistério pascal de Cristo (Cf. SC, n. 61). São sinais sagrados, classificados em dois tipos – objetos e orações (bênçãos, consagrações e exorcismos). Os sacramentais têm sua força na oração da Igreja e das disposições da pessoa que os recebem.

O Vaticano II apresentou indicações sobre os sacramentais, mas sem elaborar de forma sistemática o tema. Contribuiu para identificar os atos sacramentais, que correspondem a sinais, causas, meios de salvação, dons de Deus, atos de fé, entre outros. Não se trata de uma estruturação essencialista, mas funcional que visa mais aprofundar a dimensão da prática do que da teoria. Não se trata de elucubrações dogmáticas, mas de indicações pastorais, descrevendo diversos aspectos dos sacramentos e dos sacramentais, da forma como o povo fiel vive sua experiência de culto e glorificação a Deus¹⁰⁹. Os símbolos, gestos e orações levam os fiéis para a vida dos sacramentos que têm seu ápice na Eucaristia¹¹⁰. Vê-se, pois que “situam-se os sacramentais e as bênçãos, conseqüentemente, no contexto das relações entre o homem e o mundo”¹¹¹. É preciso constantemente rever os sacramentais, tendo referência à ação litúrgica e seu elo com outros aspectos da vida cristã.

¹⁰⁷ Cf. DONGHI, A. Sacramentais. In: SARTORE, Domenico ; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*, pp.1045-1058.

¹⁰⁸ GOMES, J. Pinharanda. Breve iniciação histórico-teológica ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, pp. 93-130, 2001, p. 105.

¹⁰⁹ Cf. SESBOÛÉ, Bernard. Os sinais da salvação (séculos XII-XX). História dos dogmas, tomo 3. pp. 224-225.

¹¹⁰ Cf. CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. Sacramentos de iniciação: água e espírito de liberdade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 22.

¹¹¹ BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja II*, p. 524.

O Escapulário, enquanto sacramental, tem a função de conduzir os cristãos à vivência dos Sacramentos, que têm sua máxima expressão na Eucaristia, no encontro com Cristo, momento no qual a história, a memória e a atualização do mistério nos abrem ao futuro. Esses sacramentais apresentam e conduzem as pessoas ao transcendente, sendo que, por meio do mundo visível, se chega ao mundo invisível na plenitude em Deus (Cf. LF, n. 44).

O Concílio Vaticano II fala dos sacramentais na Constituição Dogmática sobre a Liturgia:

A santa mãe Igreja instituiu também os sacramentais. Estes são, à imitação dos sacramentos, sinais sagrados que significam realidades, sobretudo de ordem espiritual, e se obtêm pela oração da Igreja. Por meio deles dispõem-se os homens para a recepção do principal efeito dos sacramentos e santificam-se as várias circunstâncias da vida. (SC, n. 60)

São expressões privadas e públicas da piedade cristã, que mesmo não fazendo parte da Liturgia estão em harmonia com a vivência dos sacramentos (Cf. DSPPL, n. 7). E entre os sacramentais, destacamos o Escapulário que, transmitido pelas gerações, também é sinal de devoção e confiança na intercessão mariana. Conforme diz Pio XII: “a devoção do Escapulário fez cair sobre o mundo uma chuva copiosa de graças espirituais e temporais”¹¹². Pois, esse sinal, evidencia uma síntese eficaz de espiritualidade mariana, alimentando a devoção dos crentes, que se tornam sensíveis à presença amorosa da Virgem Mãe, em sua vida no seguimento de Cristo.

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo (LG, n. 62).

¹¹² PIO XII. *Neminem Profecto Latet*, Carta em comemoração ao 7º centenário do Escapulário do Carmo. In: HIGINO de Santa Teresa. *Nossa Senhora do Carmo: Homenagem do VII centenário da entrega do escapulário a S. Simão Stock*. Coimbra: [s.e.],1950, p. 86.

Pela devoção mariana, o Escapulário se tornou um instrumental para se colocar mais próximo de Deus. O Escapulário, enquanto sacramental, torna-se expressão da relação entre igreja-fé-mundo¹¹³, ou seja, tem sentido eclesial de pertença a uma Instituição/Igreja, possui caráter de fé e de adesão a Cristo e, com isso, o comprometimento com a proposta comunitária e vivencial de Jesus.

O sacramental é o clamor do povo que, pelos símbolos elevam suas orações e intenções a Deus, por meio da Igreja. E, na mesma fé, as bênçãos chegam ao povo *ex opere operantis ecclesiae*. A bênção atualiza eclesialmente as bem-aventuranças antecipando cósmica e historicamente o Reino de Deus em favor dos mais pobres. É o triunfo da vida sobre a morte, tudo pela misericórdia de Deus¹¹⁴.

Na realidade eclesial, por vezes, os sacramentos são ininteligíveis e distantes do cotidiano dos fiéis. Já os sacramentais são mais compreensíveis e simples. Sendo ricos de simbolismo, se aproximam de forma mais palpável à realidade dos crentes¹¹⁵. A “piedade mariana representa uma mediação poderosa por meio da qual a religiosidade do povo pode fazer-se práxis histórica”¹¹⁶. Num sentido eclesial, pelos sacramentais muitos fiéis chegam a Deus, até mais que pelos sacramentos¹¹⁷.

“As devoções populares a Maria têm uma marcada característica cultural. Isso não descaracteriza seu valor religioso. Mas exige um espírito lúcido, a fim de evitar manipulações e manter a autenticidade de núcleo”¹¹⁸. Dessa realidade é preciso pastoralmente compreender os modos de relacionar-se com Maria: “o modo da *oração*, correspondendo à *intercessão* da Santa Virgem; e o modo da *imitação*, correspondendo à *inspiração* ética de suas virtudes”¹¹⁹.

Os sacramentais têm grande importância, mais ainda na Idade Média, quando o medo do demônio, as incertezas e a realidade pobre do povo clamavam pela bênção divina. A bênção era materializada e emanava do objeto bento. As preces e os sacramentais visavam aos

¹¹³ Cf. HIGINO de Santa Teresa. *Nossa Senhora do Carmo*, p.1045.

¹¹⁴ Cf. CODINA, Victor. *Os sacramentais, sacramentos dos pobres*, p. 68.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 57.

¹¹⁶ BOFF, Clodovis. *Mariologia social: O significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 92.

¹¹⁷ Cf. CODINA, Victor. *Os sacramentais, sacramentos dos pobres*, p. 59.

¹¹⁸ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2021, p. 208.

¹¹⁹ BOFF, Clodovis. *Mariologia social*, p. 125.

bens espirituais, mas também aos frutos temporais, como boas colheitas, saúde corporal, paz
120

2.3 A Idade Média e o processo devocional do escapulário

É preciso retomar a história, especialmente da Idade Média, para compreender o sucesso da propagação do Escapulário. É imprescindível ter presente a atmosfera de medo e de superstições que se originou e foi moldada nessa época. Pois, muitas vezes, o medo fazia com que homens e mulheres buscassem ansiosamente as graças a serem recebidas por meio de ofertas e sacrifícios.

Levando em consideração o medo, tanto individual como coletivo, podemos entender a propagação do escapulário como proteção diante do medo do purgatório e do inferno. A proliferação do uso do escapulário ocorre no mesmo período em que se iniciam as discussões sobre o purgatório. Essa doutrina criada para responder a anseios, não apenas religiosos, mas culturais, numa necessidade dos viventes de encontrarem uma terceira via, entre paraíso e inferno, antes do julgamento final.

Na Idade Média, a figura de Satanás aparece e se afirma no século XI, como fruto da sociedade feudal. Numa sociedade binária, a dicotomia entre o Diabo e Deus será uma luta que explica todos os acontecimentos, os bons e os maus ¹²¹. O julgamento final apresentava apenas duas possibilidades eternas, sendo o Paraíso para os bons e o Inferno para os maus.

Só mais tarde, no século XII, aprofundou-se a doutrina do Purgatório. Nesse momento essa doutrina serve como uma balança ajudando a dosar o julgamento. Por séculos se ignorou o julgamento individual *post-mortem*, apresentando apenas duas possibilidades: eleitos e condenados¹²².

O que temos é uma tensão, um combate contra o inimigo do gênero humano, que resulta num medo generalizado. Dois grupos, um daqueles que tinham a formação religiosa, considerados superiores e outro, os não instruídos, e assim inferiores, porém ambos com

¹²⁰ Cf. CODINA, Victor. *Os sacramentais, sacramentos dos pobres*, p.61.

¹²¹ Cf. LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru- SP: EDUSC, 2005, pp. 153-154.

¹²² Cf. *Ibidem*, p. 154.

medo. Essa atmosfera do medo e do castigo foi retratada, ao mesmo tempo, no pensamento, na arte e na literatura da época¹²³.

A Igreja e o Estado se juntaram contra um perigo iminente e satânico, um perigo que poderia causar a desordem civil e religiosa, a saber: o perigo da peste.

O movimento primeiro e mais natural era o de acusar outrem. Nomear culpados era reconduzir o inexplicável a um processo compreensível. Era também pôr em ação um remédio, impedindo os semeadores de morte de continuar sua obra nefasta. Mas é preciso descer a um nível mais profundo: se a epidemia era punição, era preciso procurar bodes expiatórios, que seriam acusados inconscientemente dos pecados da coletividade. [...] Os culpados potenciais, sobre os quais pode voltar-se a agressividade coletiva, são em primeiro lugar os estrangeiros, os viajantes, os marginais e todos aqueles que não estão bem integrados a uma sociedade¹²⁴.

O papa Inocêncio III, em seu papado entre 1198 e 1216, mostra que a preocupação com os mortos se dá por parte dos vivos, por estes serem os futuros mortos. Esse medo é, na realidade, desconhecimento a vida futura. Na Idade Média, o futuro não é apenas cronológico, mas também escatológico¹²⁵. Não se trata apenas de uma esperança futura, mas de uma forma de manipulação e poder geradas pelo medo, e nesse contexto as novas ordens mendicantes, em prontidão, se desenvolveram e utilizaram desse método de poder do século XIII¹²⁶.

Na Idade Média, temos uma ênfase na figura de Jesus Cristo como juiz. Por isso as pessoas recorrem a sua Mãe que é mais compreensiva e pode aplacar a ira do Filho. Maria aparece com aspecto dolorido e sofrido igual à situação dos pobres. Maria, Mãe de Misericórdia, é aquela que compartilha as alegrias e dores do Filho e do povo que sofre¹²⁷. E o alto conteúdo ético existencial da figura de Maria traz consigo a percepção que o povo possui seus valores, afetos, vida e morte, religião¹²⁸.

Além disso, devido às suas características maternas, a figura de Maria substitui a da Igreja, entendida como mãe. A Igreja, pela crescente clericalização, perde a ternura aos olhos

¹²³ Cf. DELEMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente. 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 33.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 140.

¹²⁵ Cf. LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. 2º ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 251.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 284.

¹²⁷ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 199-222, p. 207.

¹²⁸ Cf. SIBILIO, Vito. Su alcuni aspetti della Marilogia Medievale. In: *Marianum*. Roma: Marianum, v. 66, p. 623-658, 2004, pp. 624-625.

dos fiéis, o que contribui para exaltação da realeza mariana, visto que ela representa acolhimento e ternura ¹²⁹.

A devoção popular, bem como a Liturgia, utilizam símbolos, que são formas de externalizar e legitimar as experiências, que por meio de formas ou de alegorias apresentam e contextualizam um fenômeno que reflete a realidade vivida¹³⁰. “As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser”¹³¹. O Escapulário é uma devoção que deve nos levar a ações comprometidas com a fé. O uso de sinais religiosos quer levar a um comprometimento com o Evangelho.

2.4 O Escapulário como um compromisso de fé

A Revelação de Cristo é um convite de compromisso e fé, algo inteligível e que, por meio das experiências humanas, se expressa em sinais e em símbolos. A proposta de um Reino de Deus foi delineada pelos profetas e se tornou clarificada por Jesus, mas permanece viva naqueles que creem e que seguem a Cristo. Deus se faz presente na existência individual ou coletiva, seu desvelamento ocorre por meio da utilização da linguagem e do sinal como forma de adesão ao seu projeto. “De fato, desde sempre e em toda parte os seres humanos acreditaram que Deus se manifesta a nós. Assim o comprovam as religiões, os mitos e os ritos da humanidade, que pressupõem sempre uma comunicação real entre Deus e o homem” ¹³².

Não se chega à fé de um dia para o outro. Há todo um processo de maturação, para que ela venha a penetrar as diversas dimensões do ser humano e para que a pessoa, por sua vez, a descubra e a viva em suas múltiplas feições, pois a fé tem muitas facetas que só se vão encontrando à medida em que se vive. Ela é confiança, é conhecimento, é reconhecimento, é prática, é entrega, é amor¹³³.

¹²⁹ Cf. SIBILIO, Vito. *Su alcuni aspetti della Marilogia Medievale*, p. 634

¹³⁰ Cf. CANCONE, Maria. De símbolos e sua eficácia, de pureza, identidade, legitimação. In. NEGRÃO, Lísias; QUEIROZ, José J.. (Orgs). *A religiosidade do povo*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 63.

¹³¹ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp. 8-9.

¹³² TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 170.

¹³³ TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*, p. 43.

As manifestações divinas precisam ser clareadas, pois não pertencem apenas a uma subjetividade humana, mas se tornam sinal, ou mesmo, patrimônio de um grupo, “Deus está realmente presente em todos os seres humanos; estes, em sua experiência religiosa, captam sua presença como revelação ativa e salvadora”¹³⁴.

Na esperança de possuir agora o que se espera, a fé é um meio de conhecer as coisas invisíveis e, pelo testemunho de homens e mulheres, vemos Deus agindo em nossa história. Desde Abraão, Moisés, profetas, apóstolos, até chegar aos crentes em Cristo (Hb 11,1-40), a comunicação de Deus com o homem é um convite a abrir-se a uma vida nova, um êxodo que leva a um futuro inesperado. A fé é um elemento chave para dar uma resposta e é sempre memória, não presa ao passado, mas confiança na promessa e na esperança para o futuro (Cf. LF, n. 9).

Ao olharmos para a história da Salvação, vemos que Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, desejou a redenção do mundo. Para efetivar seu projeto de Amor, na plenitude dos tempos, enviou seu Filho – Jesus. Ao fazer este ato, ele não apenas nos apresentou seu projeto de amor por meio do Evangelho, mas nos ofereceu a condição de filhos (cf. Gl 4, 4-5) e nos fez, em Cristo, irmãos uns dos outros (cf. Mt 23,8). Credo na construção de um Reino de paz, justiça e amor, os seguidores de Jesus continuaram a missão de propagar um projeto, por meio de ações que condizem com Cristo.

É na vivência concreta que as pessoas decifram o sentido da história da salvação e ao mesmo tempo participam da construção do Reino de Amor. Trata-se de uma participação ativa e consciente. No Batismo imergimos na morte de Cristo e, na sua morte, somos sepultados juntamente com Ele (Cf. Rm 6, 3-4). Nessa configuração à morte de Cristo (Cf. Fil 3,10), temos na imersão batismal o símbolo do sepultamento. O homem morre para o pecado e caminha na novidade de uma vida santa¹³⁵.

Pelo Batismo, os homens são enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados. Recebem o espírito de adoção filial, podendo clamar *Abba*, Pai (Cf. Rom 8,15), transformando-se assim nos verdadeiros adoradores que o Pai procura. E sempre participam da Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir (Cf. SC, n.6).

¹³⁴ TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação*, p. 175.

¹³⁵ RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Editorial Herder, 1965, p. 82.

Deus, ao revelar-se em Cristo, deixou uma proposta aos seguidores de Jesus. Entre os seguidores estão os que usam o Escapulário, externalizando a fé e a esperança no mistério de Deus, de sua verdade e de seu projeto de salvação. Isso se torna uma expressão da presença de Deus perto da humanidade, isto é, Deus é revelado por meio da fé das pessoas que buscam seguir Jesus.

Deus se comunica com seu povo, traz a Revelação do seu Reino por meio de Cristo. E o povo, aderindo ao projeto revelado, se torna membro de uma comunidade de fé. Essa fé é exposta e vivenciada no cotidiano das pessoas que, em suas jornadas, utilizam símbolos, gestos e palavras que demonstram adesão e seguimento. Por isso, os objetos e símbolos expressam a fé e a Aliança do povo com seu Deus.

A fé, sendo uma experiência, diz respeito ao mundo dos valores e traz sentido à realidade vivencial. O Escapulário do Carmo deve evidenciar o sentido do Batismo, isto é, início da vida da graça¹³⁶. “Para nós, cristãos, pelo sacramento do Batismo, Deus nos *consagra* e nos incorpora de forma definitiva na dinâmica do Mistério Pascal de Cristo. [E] os santos são para nós paradigmas de como devemos viver nossa *consagração* batismal”¹³⁷. Nessa busca, os seres humanos buscam alcançar seu fim, que é Deus ¹³⁸.

Somos chamados a viver a vocação batismal, numa conversão diária, que faz comprometer-nos com a realidade presente respondendo ao chamado da existência. Incorporando-nos na comunidade cristã, participamos e formamos um único corpo, por sermos batizados no mesmo Espírito (Cf. 1 Cor 12, 12-14) e somos chamados à comunhão plena com Deus. Buscando responder ao nosso Batismo vivenciamos, dentro da Igreja a manifestação de nossa fé por meio de ritos que nos levam a uma intimidade com a Trindade. E, confiando na ação eclesial, participamos e nos entregamos a Cristo.

¹³⁶ Cf. RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 83.

¹³⁷ FONSECA, Joaquim. Educar a piedade mariana. In. UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Maria no coração da Igreja: Múltiplos olhares sobre a mariologia*. São Paulo: Paulinas/UMBRASIL, 2011, p. 91.

¹³⁸ Cf. BLANK, Renold. *Escatologia da pessoa*, p. 291.

2.5 Símbolos como expressão de seguimento a Cristo

“O símbolo nasce e se desenvolve através do contato do homem com o ambiente [...] natural e cultural”¹³⁹. Os símbolos, principalmente os ligados à religiosidade, devem ser vistos dentro da ótica da liturgia cristã que se apresentam como um conjunto de sinais e de símbolos frutos de uma experiência autêntica dentro de um contexto de fé e de pertença à Igreja¹⁴⁰.

O sinal parte da experiência das coisas visíveis, visando alcançar as realidades invisíveis. A religiosidade cria maneiras visíveis para facilitar o humano a alcançar a transcendência¹⁴¹. Os sinais trazem uma lógica que pode ser traduzida, mesmo se tratando de experiências transcendentais, pois por meio da Tradição da Igreja, os testemunhos de fé representam um contato com Deus, visto que:

O homem histórico tem a tendência inata a construir para si símbolos que lhe recordem um acontecimento sagrado ou uma experiência de Deus no passado, ou, então, símbolos que deveriam lembrar-lhe a presença de Deus, um dom seu ou missão conferida por ele¹⁴².

Das simples manifestações de fé, o *sensus fidei*, pela moção do Espírito Santo, se pode aprofundar o sentido dos símbolos, dos gestos e das ações que ocorrem na piedade popular. O seguimento é a adesão e a interpretação expressas por fenômenos que possuem estilo linguístico de cada cultura¹⁴³.

Os símbolos são apreendidos no cotidiano, isto é, são frutos das experiências que impulsionam uma comunicação¹⁴⁴. Os símbolos dão significado às experiências. Trata-se de comunicação e sentido, pelos símbolos identificamos e correlacionamos fatos e pessoas.

Como nos diz a carta dos superiores carmelitas, por ocasião dos 750 anos do Escapulário, intitulada *Com Maria Mãe de Jesus* (2001), cabe a cada geração procurar

¹³⁹ BERNARD, Ch. A. Símbolos Espirituais. In. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulinas, 1989, p.1068.

¹⁴⁰ Cf. SARTORE, D. *Sinal/Símbolo*, p. 1142.

¹⁴¹ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Maria, mãe da redenção*, p. 101.

¹⁴² HÄRING, B. *Sentido de Deus*. In. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 1048.

¹⁴³ Cf. ESPÍN, Orlando O. *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.122.

¹⁴⁴ Cf. MARASCHIN, Jaci C. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984 p.126.

compreender e aprofundar o sentido religioso e transcendente de cada símbolo. Em tempos de ceticismo ou de fideísmo é preciso uma recomposição reflexiva, isto é, uma abertura para aprofundar os dados antropológicos, sociológicos e teológicos de cada sinal e símbolo (Cf. CMMJ, n. 25).

O Escapulário não deve ser visto apenas como um objeto de esperança após a morte. Os seres humanos, em sua liberdade, sob o influxo da graça divina, não são meros expectadores passivos, antes são cooperadores pela ação própria, isto é, se abrem de livre vontade à graça divina, podendo merecer a vida eterna¹⁴⁵. O uso do Escapulário não acarreta a salvação de imediato, mas, pertence a um movimento da liberdade humana¹⁴⁶ que não abona a responsabilidade de nossos atos, do nosso comprometimento, da nossa vivência, enquanto cristão¹⁴⁷.

O Escapulário do Carmo, estando na categoria de sinal religioso, assume funções pedagógicas quando conduz ao Evangelho por remeter ao seguimento de Cristo. Ao mesmo tempo tem função mistagógica ao transportar os fiéis de uma materialidade ao mundo transcendente por meio da fé¹⁴⁸. Além da função religiosa, os objetos e práticas de devoção têm também funções social e moral¹⁴⁹.

O Escapulário é uma realidade material que nos orienta para um significado que a transcende (Cf. CMMJ, n. 24). É um símbolo que nos possibilita uma comunicação religiosa, remetendo a um encontro com Deus, permitindo vivenciar o mistério. Essa comunicação primeiro foi apresentada como uma proposta e depois assumida como compromisso¹⁵⁰.

A comunicação é dada por via simbólica. O símbolo é o visível do invisível, que, pela experiência, chama à participação e ao compromisso¹⁵¹. Na busca por adentrar no mistério divino, que só pode ser expresso simbolicamente, as palavras não são suficientes. Também as ideias e a lógica não respondem satisfatoriamente aos anseios dos crentes. Para responder ao mais profundo da existência humana de uma pessoa e mesmo de um povo e sua cultura é

¹⁴⁵ Cf. BLANK, Renold J.. *Nossa vida tem futuro: escatologia cristã* – 1. São Paulo: paulias, 1991, pp. 73-76.

¹⁴⁶ Cf. RICART, José. *O Carmelo*, p.109.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, pp.116-117.

¹⁴⁸ Cf. BOGAZ, Antonio Sagrado; VIEIRA, Tarcísio Grégorio. *Sinais Mistagógicos*. Instrumentos de Evangelização litúrgica. São Paulo: Paulus, 2001.

¹⁴⁹ Cf. BRITO, Ênio José da Costa. A cultura popular e o sagrado. In: QUEIROZ, José J. (Org.) *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho D'água/ CRE PUC – SP, 1996, p.107.

¹⁵⁰ Cf. LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2000, p.14.

¹⁵¹ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja*, p.242.

preciso recorrer à ação simbólica¹⁵². “É por isso que a autocomunicação de Deus se realiza não só em palavras e ações de poder, mas também em gestos simbólicos. É o que acontece na liturgia. Acolher a ação de Deus em nós na liturgia e nela expressar a fé é capital para que a fé passe às ações.”¹⁵³

2.6 Religiosidade Popular e discipulado

O povo demonstra seu amor a Deus utilizando símbolos para expressar sua fé e devoção. Sabe-se que a fé não depende de objetos, mas, os objetos são uma das formas de os fiéis expressarem suas convicções e devoções. Os símbolos fazem parte da religiosidade popular, que é sustentada pelo próprio povo. Existem inúmeras formas de manifestar a fé: danças, cânticos, literatura oral e escrita, pinturas, imagens, entre outras.

A piedade popular “[...] penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma ‘espiritualidade de massas’. Nos diferentes momentos de luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus” (Dap, n. 261). Por isso, torna-se “[...] um ‘verdadeiro tesouro do povo de Deus’, manifesta uma sede de Deus [e] quando se trata de manifestar a fé, que comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus” (DSPPL, n. 9).

A religiosidade ensina-nos que, ao utilizar símbolos, podemos compreender a linguagem mitológica de praticar atos e gestos, que os símbolos e rituais constituem componentes humano e religioso¹⁵⁴. Não se simplifica num devocionismo ingênuo, mas é fé e fidelidade, na qual busca enfatizar um Deus próximo e compassivo, confiança na encarnação do Filho, de um Deus próximo do povo¹⁵⁵.

Jesus nos revela o plano salvífico. Cabe à humanidade, num ato livre de amor, acolher e responder a essa proposta. A revelação e a salvação não são algo imposto por Deus, mas é o

¹⁵² Cf. CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. Sacramentos de iniciação, p. 77.

¹⁵³ TABORDA, Francisco. Da celebração à teologia. Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. N. 64. Fasc. 255 – julho de 2004, pp. 588-615, p.590.

¹⁵⁴ Cf. CASTELLANO, J. *Religiosidade Popular e Liturgia*. In.: SARTORE, Domenico ; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*, p. 1011.

¹⁵⁵ Cf. ESPÍN, Orlando O.. *A fé do povo*, p. 121.

abrir-se à humanidade em busca de resgatá-la¹⁵⁶. A humanidade acolhendo esse amor e sabendo de sua eficácia busca viver na presença divina, para caminhar no percurso histórico.

Os rituais são uma forma de buscar manter a relação com a Trindade, uma maneira de administrar uma ordem a ser mantida¹⁵⁷. As devoções se tornam demonstrações públicas de fé, que utilizam ritos, objetos e matéria, fazendo com que a nossa realidade se abra para o mistério do eterno (Cf. LF, n. 40-45). Os significados se recriam constantemente conforme cada realidade existencial e cultural.

O Escapulário do Carmo, por exemplo, em seu sentido geral, é uma veste que nos remete ao Batismo e à filiação mariana, porém em diferentes contextos, se anexa à simbologia de proteção, consolo, fidelidade, paz, aliança entre outros sentidos. O principal é que essas manifestações se deem num contexto que faz parte da Igreja, na qual a piedade popular é considerada uma moção do Espírito Santo (Cf. EG, n. 121). Assim se explica a dinâmica e o ritmo próprio da cultura popular, que utiliza os meios disponíveis para responder às situações presentes sem esquemas pré-estabelecidos¹⁵⁸.

Com razão, os bispos escrevem no Documento de Aparecida:

A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de espiritualidade popular. Ou seja, uma espiritualidade cristã que, sendo um encontro pessoal com o Senhor, integra muito o corpóreo, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que, nem por isso, é menos espiritual, mas que o é de outra maneira. (n. 263)

A significação da mensagem ultrapassa a dimensão racional ou puramente analítica, pois os símbolos, na religiosidade popular, devem ser vistos em sentido amplo, isto é, um relacionamento vivencial transcendente em que a vida terrena continua na eternidade. O primeiro contato foi Deus que realizou com seu povo por meio de sinais e, depois, pela

¹⁵⁶ Cf. LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos*, pp.13-14.

¹⁵⁷ Cf. ORTIZ, Renato. *Cultura Fragmentada*, pp.78-83.

¹⁵⁸ Cf. BRITO, Ênio José da Costa. *A cultura popular e o sagrado*, p. 104.

encarnação de Jesus. A religiosidade popular ao usar símbolos se compromete a viver a proposta de Deus¹⁵⁹.

Pela fé e pela fidelidade ao Escapulário, a sua devoção não se torna estéril, mas uma aplicação prática. Constantemente, ao usar símbolos, estamos confirmando a consagração a Deus¹⁶⁰. Além de ser uma expressão da vida prática e da confiança de viver sob as bênçãos na terra é também expressão da confiança e da esperança na vida eterna, entendida como uma extensão da vida temporal. Homens e mulheres devem tornar-se, assim, uma eterna dádiva de Deus na terra, na qual os piedosos exercícios do povo, desde que conformes à Igreja e à Liturgia, são recomendados, como manifestações de piedade organizadas, em sintonia com o tempo litúrgico (Cf. SC, n. 12-13).

Ao falar de objetos devocionais e entre eles do Escapulário do Carmo, é preciso compreender que por ser um símbolo causa certa intervenção nas diversas formas culturais, seja de caráter privado ou comunitário, pois, expressa características próprias de um povo, de uma etnia e de uma cultura (Cf. DSPPL, n. 9). A dificuldade ocorre devido à riqueza de conteúdo e pelas múltiplas interpretações que os povos dão aos seus símbolos e suas crenças em cada local e contexto. Como se vê, o fervor religioso se manifesta nas múltiplas formas de devoção, ligadas ao seu poder mediador e seu papel benéfico na vida de indivíduos e grupos, que externalizam amor terno, muitas vezes ingênuo ou bruto, à Virgem¹⁶¹.

A Igreja é dimensão da ressurreição do Senhor. Esse corpo que busca fazer como seu Senhor, agir na solidariedade, na comunhão que tem sua origem no mistério pascal¹⁶². Com efeito, a piedade marial deve ser teologal, buscando uma teologia autêntica. A teologia mariana deve se resguardar das superstições e de sentimentalismos¹⁶³. A devoção marial deve deixar de ser mariocêntrica ou – no outro extremo – mariofóbica, para ser cristocêntrica¹⁶⁴.

¹⁵⁹ O homem ao descobrir que não é apenas deste mundo é convidado a se superar e entrar em intimidade com Deus. Desse relacionamento livre e íntimo com Deus, os humanos se tornam sinais da presença de divina no mundo presente por meio das ações e comportamentos. A realidade humana se torna história da salvação ou perdição. Cf. SCHILLEBEEKX, Edward. *Deus e o Homem*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1969, pp. 30-34.

¹⁶⁰ Cf. LÓPES-MELUS, Rafael Maria. *La virgen del Carmen: la devoción popular*. Zaragoza: Amacar, 1985, p. 147.

¹⁶¹ Cf. SIBILIO, Vito. *Su alcuni aspetti della marilogia medievale*, pp. 645.

¹⁶² Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 250.

¹⁶³ Cf. LAURENTIN, René. *A questão Marial*. Lisboa: Edições Paulistas, 1966, p. 134.

¹⁶⁴ Cf. *Ibidem*, p. 133.

2.7 Devoção mariana: entrega confiante a Cristo pela devoção à Maria

A manifestação da fé por parte do povo de Deus, na perspectiva conciliar, revela um *status* teológico pelo fato de os fiéis batizados serem portadores de um senso de fé. Julgadas como parte do senso comum da fé, as devoções populares desafiam a sensibilidade de todos os membros da Igreja para escutá-las e manter diálogo com elas¹⁶⁵.

A fé do povo apresenta uma intuição, uma sabedoria e uma realidade que procura se manter fiel à Bíblia e à Tradição. Estando diante de diferentes culturas e realidades que não podem ser depreciadas, a fé se manifesta conforme cada contexto¹⁶⁶.

2.7.1 Piedade Marial

Pela fé se busca a salvação já agora na história humana, mesmo sabendo que essa só se realizará escatologicamente na visão de Deus¹⁶⁷. A fé, sendo compromisso e seguimento, se expressa na piedade do povo cristão (Cf. RM, n. 44). Maria, para os que usam o Escapulário, é a intercessora das graças. Vê-se que “as primeiras crônicas [do Escapulário] contendo elementos de devoção e doutrina mariana são também, em grande medida, literatura devocional, escrita para inspirar, dirigir e convencer tanto como para informar”¹⁶⁸.

Escapulário é uma expressão da nossa confiança nos cuidados de Maria, exprime a nossa vontade de testemunhar a nossa adoção filial pelo Batismo e de ser seus filhos e suas filhas, irmãos e irmãs, assim como revela o nosso desejo de ser revestidos das suas virtudes, do seu espírito contemplativo e da pureza de coração. Deste modo, revestidos como ela, podemos com ela meditar a Palavra e mostrar que somos discípulos de seu Filho na nossa dedicação às obras do Reino de Deus: verdade e vida, santidade e graça, justiça, amor e paz (CMMJ, n. 31).

Por meio de exercícios de piedade para com Nossa Senhora se realiza o culto cristão, que é ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo. Cultuar Maria tem como finalidade honrar a Cristo. Por isso, os atos de piedade cristã não deixam de realçar a ligação de Maria e Cristo em

¹⁶⁵ Cf. VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 11.

¹⁶⁶ Cf. ESPÍN, Orlando O. *A fé do povo*, p. 21.

¹⁶⁷ Cf. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 23.

¹⁶⁸ SMET, Joaquin. *Los Carmelitas*. Historia de la Orden del Carmen I. Los Orígenes. Em busca de la identidad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1987, pp. 89-90.

função do plano de Deus (Cf. MC, n. 25). O Escapulário, ao longo dos séculos, revelou o desejo humano de ser revestido das virtudes celestiais, buscando, já na terra, viver de forma contemplativa e com pureza de coração.

Maria “é com razão honrada pela Igreja com culto especial. [...] Desde os tempos mais antigos, a Santíssima Virgem é venerada com o título de ‘Mãe de Deus’ e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, que a imploram em todos os perigos e necessidades” (LG, n. 62). Modelo e figura da Igreja, Maria, se torna cooperadora na regeneração e formação dos fiéis que depositam sua devoção naquela que é tão próxima da realidade humana.

Essa confiança materna se dá pelo fato de que Maria, “já na Terra [...] cooperou na regeneração e formação dos filhos e filhas da Igreja, sempre como Mãe daquele Filho ‘que Deus constituiu o primogênito entre muitos irmãos’” (RM, n. 44). Por ser Mãe, nos insere no mistério do Filho e este, por sua vez, nos traz a salvação.

O povo cristão adota Maria como a imagem do verdadeiro crente e discípulo. A fé de Maria inspira a fé do povo em Jesus¹⁶⁹. Na livre adesão de Maria em sua concepção virginal se inicia uma nova época para a humanidade, esperança de vida nova em Cristo Jesus, o Redentor¹⁷⁰. “Portanto, a veneração de Maria no culto litúrgico não é acréscimo e excrescência, nem tampouco implica diminuição do culto a Cristo: porque a graça do Filho resplandece em sua Mãe mais que em qualquer outro membro do corpo do Senhor”¹⁷¹.

2.7.2 Devoção mariana como fruto da confiança na intercessão da Mãe de Jesus

As devoções são interações entre o povo e seu Deus, numa relação de confiança¹⁷². Nas manifestações populares, há uma legitimação da fé. O povo se torna protagonista por meio da riqueza cultural¹⁷³. Expressões de fé que não se distanciam da Liturgia, mas que unem pessoas num mesmo projeto, visto que “[...] quem experimenta e fala da revelação é o

¹⁶⁹ Cf. JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã*. Teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006, p. 147.

¹⁷⁰ Cf. DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 47.

¹⁷¹ BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*, p. 219.

¹⁷² Cf. LIBANIO, João Batista. *Eu creio nós cremos*, p. 73.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*, pp. 122-124.

ser humano. Ele já encontra em si um sentido, ele está vivendo uma existência, que recebera de Deus. Nela já está em profundidade o seu sentido último”¹⁷⁴.

Os símbolos são um modo de expressão da relação do ser humano com Deus. Vão ao encontro de um despojamento das coisas materiais e mesmo de ligações sentimentais do mundo material para ir ao encontro do Absoluto¹⁷⁵. É um sentir limitado e frágil, mas que possui um desejo de entrar em comunhão com o transcendente. E, em união a esse amor que ultrapassa os sentidos palpáveis, algo de divino passa a transformar o cotidiano e a vontade de quem se entrega a Deus¹⁷⁶.

Na unidade da assembleia, na comunidade, experimentamos a graça de Deus, somos chamados a seguir o modelo da Virgem, que nos fala do amor ao próximo. Maria não é apenas a Mãe do Senhor, mas também nossa¹⁷⁷. Tendo Maria como intercessora, os fiéis elevam seus pedidos a Jesus, numa relação em que transparece a bondade materna, numa afinidade gratuita e não o medo¹⁷⁸.

“Uma das questões mais espinhosas para a teologia católica reside em como aplicar a legitimidade do culto a Maria, mantendo a centralidade do culto cristão a Jesus, no horizonte da Trindade”¹⁷⁹. Cristo é o único mediador; a missão materna de Maria favorece a união dos fiéis com Cristo, não diminui a mediação, mas mostra a sua potência (Cf. LG, n. 60). “A fé de Maria é, pois, um ato de amor e docilidade, livre, apesar de suscitado por Deus, misterioso como misterioso é sempre o encontro entre a graça e a liberdade. Esta é a verdadeira grandeza pessoal de Maria, sua bem-aventurança, confirmada pelo mesmo Cristo”¹⁸⁰.

A Virgem possui uma dupla maternidade: divina quanto a Cristo e espiritual quanto aos seres humanos. Pela sua relação com Deus, Maria torna-se figura íntima da comunidade de fiéis. É discípula ideal. “Ao reverenciar Maria, dizemos, em última análise, algo a nosso

¹⁷⁴ LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Paulus, 1992, p.95.

¹⁷⁵ Cf. SARTORE, D. *Sinal/Símbolo*, p. 1143.

¹⁷⁶ Cf. BINGEMER, Maria Clara L. A sedução do Sagrado. In. CALIMAN, Cleto. *A Sedução do Sagrado*. O fenômeno religioso na virada do milênio. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, pp.82-86.

¹⁷⁷ Cf. RAHNER, Karl. *María, Madre del Señor*. Barcelona: Herder, 2012, pp.24-26.

¹⁷⁸ Cf. MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 17.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 22.

¹⁸⁰ CANTALAMESSA, Raniero. *Maria um espelho para Igreja*. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1992, p. 47.

respeito, a saber, que Deus se dirigiu a nós com uma palavra de graça e nos chamou ao discipulado”¹⁸¹.

Não se fala de uma relação meramente física de Mãe e Filho, mas de uma fé calcada na graça de Deus que vem ao mundo. A Mãe do Senhor (Cf. Lc 1, 43) representa a Igreja que toma consciência da redenção¹⁸².

O sinal externo do Escapulário nos leva à transformação, como discípulos e convertidos à salvação, que não se efetua por dois pedaços de pano, mas pelo cumprimento do chamado de Cristo para vir e segui-lo¹⁸³. A veneração à Mãe de Jesus brota da fé e do amor do povo de Deus para com Cristo. Conhecer a piedade popular é conhecer e se integrar em uma cultura e em seus valores, mesmo em meio às ambiguidades. A graça pode estar presente e operando numa extensão incomensurável no mundo e em sua história, sem encontrar expressão social tangível na Igreja em todo o curso da história. Contudo, a Igreja é de toda essa graça, precisamente, um sinal, proclamação e promessa de salvação deste mundo¹⁸⁴.

Numa multidão de irmãos, Maria une os devotos, em diferentes manifestações, entre as quais o Escapulário. Devoções que expressam a linguagem da fé: uma busca, um ritual paralitúrgico, um exercício de piedade¹⁸⁵. “A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja” (DAP, n. 264), indo além uma explicação sistemática, pois é uma relação com o transcendente, como nos diz o profeta Jeremias: “Tu me seduziste, *Iahweh*, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (Jr 20,7).

2.7.3 O revestimento que marca a pertença a Deus: “Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14)

As experiências da revelação de Deus aparecem ligadas aos interesses do ser humano, visto que falam de coisas e de temas que implicam a vida humana. O mistério da revelação divina é profundo, combinando realidade, destino e salvação¹⁸⁶. A devoção ao Escapulário

¹⁸¹ JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã*, p. 131.

¹⁸² Cf. RAHNER, Karl. *María, Madre del Señor*, pp. 10-11.

¹⁸³ Cf. McMAHON, Patric Thomas. *Garment of Grace*, p. 7.

¹⁸⁴ Cf. RAHNER, Karl. *O Cristão do Futuro*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, p.83.

¹⁸⁵ Cf. LA DIMENSIONE MARIANA DEL CARMELO. Roma: [s.n.t.], n.1, 1989, pp.80-83.

¹⁸⁶ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação*, p.107

está vinculada à realidade sensível de relação, em que se trata de “uma veste privilegiada com que Maria graciosamente nos distinguiu. Consultando a História, constatamos que um dos cuidados próprios e carinhosos das mães é vestir seus filhos o melhor possível”¹⁸⁷.

O Escapulário do Carmo se tornou um objeto devocional e uma forma de os fiéis expressarem o projeto de Deus, a adesão e seguimento da vontade de Deus e do Evangelho de Cristo. Segundo Mateus 12, 47-50, Jesus declara que sua mãe e seus irmãos são aqueles que fazem a vontade de Deus; portanto, são os que acolhem a proposta de Deus e realizam um despojamento na entrega a Cristo, buscando colocar em prática o Evangelho.

O Escapulário, por ser fruto histórico e posterior à revelação plena que é Cristo, torna-se um meio de participar do projeto de Deus, ainda mais por crer que somos adotados como Filhos de Deus (Cf. Ef 1,4-6). Expressa a confiança e a pertença em que o crente se reveste do homem novo que é Cristo (Cf. Ef 4,20-24).

Deus não deseja que o ser humano viva em um mundo egoísta, propõe uma sociedade humana e fraterna, na qual todo indivíduo faz parte da criação. O humano ao compreender o sentido de Deus, passa a ter a experiência de consciência, integrando todo o ser, intelecto, vontade, afetividade. Isto significa conhecer a realidade humana e comprometer-se com a criação¹⁸⁸.

Maria é estreitamente ligada à comunidade redimida pela graça de Deus. Maria é considerada a figura e símbolo da Igreja, ressaltando que só Cristo salva pela graça, por meio da fé¹⁸⁹. Ao revestir o Escapulário, o crente toma sobre si não somente as graças divinas, mas se compromete com o projeto do Evangelho. Por isso, o Escapulário apresenta Cristo, tendo consciência de que, neste sinal,

não há fé ou palavra de Deus revelada ou definida para todos. [...] No Escapulário do Carmo, conquanto não tenha fundamento de fé divina, universal, existe um facto de revelação particular, existe também autoridade dos Romanos Pontífices que o recomendam, existe ainda a aprovação da Igreja, que não só o permite, senão que o fomenta, e não falta igualmente devoção sentida dos povos que o praticam¹⁹⁰.

¹⁸⁷ PIO XII. *Neminem Profecto Latet*, Carta em comemoração ao 7º centenário do Escapulário do Carmo. In: HIGINO de Santa Teresa. *Nossa Senhora do Carmo: Homenagem do VII centenário da entrega do escapulário a S. Simão Stock*, p. 86.

¹⁸⁸ Cf. HÄRING, B. *Sentido de Deus*, p. 1049.

¹⁸⁹ Cf. JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã*, p. 132.

¹⁹⁰ RICART, José. *O Carmelo*, p. 130.

O ser humano expressa sua visão totalizadora da transcendência, bem como sua concepção de natureza, de sociedade e de história através de mediações. Essas mediações culturais trazem em si uma síntese, que é o significado humano e espiritual dado à experiência do transcendente. Por isso, os símbolos ganham sentido e significado, quando se referem a uma realidade além do objeto visual e a uma proposta de vida e de seguimento¹⁹¹. É um sinal que constantemente nos lembra da Aliança de Deus com seu povo, que pela presença do Espírito Santo é manifestada pela fé do povo.

Revestindo-se das graças e da justiça de Deus (cf. Is 61,10-11), tanto os Carmelitas como os demais cristãos, procuram demonstrar o seguimento de uma espiritualidade, na qual os objetos ganham significado e sentido. O Escapulário do Carmo, sendo um sinal, apresenta uma experiência de vida e sentido não apenas como sacramental, mas, sobretudo, como seguimento. O Escapulário, para os carmelitas, possui uma função de identidade e pertença, isto é, demarca aquele que o veste. Revestido de Cristo pelo batismo (cf. Gl 3,26-27), o crente, portanto, reitera sua adesão ao projeto do Reino por meio desse sacramental.

Nosso batismo realiza-se na fé em Deus, atuante história da humana (*fides quae*). Trata-se de uma entrega ao Deus que se autocomunica à humanidade, confiando (*fides qua*) e aceitando o testemunho da Igreja que transmite a fé. Pode-se dizer que numa dimensão de práxis é fazer parte do Reino, no agora da história tendo a promessa e a garantia de realização plena com Deus, na ressurreição¹⁹².

Tornar-se discípulo e discípula significa dizer que “a fé não consiste apenas em tomar conhecimento teórico da história de Jesus, mas em entrar nela, em fazer dela parte de nossa vida, história de nossa história”¹⁹³. Não se trata de conhecimento intelectual, mas de entregar-se a Deus, de segui-Lo e celebrá-Lo pelos gestos que nos levam ao mistério pascal de Cristo¹⁹⁴. Abrir-se ao amor incondicional confiante nos bens futuros, na aliança com Deus¹⁹⁵.

Revestir-se do Escapulário do Carmo é um convite a celebrar o amor de Deus. Sendo uma devoção mariana, deve-se apresentá-la aos fiéis como um sacramental que conduz ao Senhor. Por ser sacramental, é um contributo para a evangelização, pois incentiva uma experiência com Deus.

¹⁹¹ Cf. MARASCHIN, Jaci C. *O simbólico e o cotidiano*, pp. 121-144.

¹⁹² Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*, p. 56.

¹⁹³ TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*, p. 63.

¹⁹⁴ Cf. *Idem*. *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 36.

¹⁹⁵ Cf. FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 201.

Por isso, no terceiro capítulo, buscar-se-á apresentar pistas pastorais que levem os fiéis a superarem as superstições conectadas ao Escapulário do Carmo para viverem uma fé e esperança na ressurreição. À luz do Concílio Vaticano II, é preciso reconhecer no uso do Escapulário um sinal de compromisso batismal.

3 ESCAPULÁRIO DO CARMO: CONSEQUÊNCIAS TEOLÓGICO-PASTORAIS

O Escapulário, visto à luz dos sacramentais, significa comprometimento. É uma devoção que nos leva rumo ao nosso Batismo. É preciso buscar a superação do medo e das superstições para que os fiéis tenham uma experiência mais íntima com Cristo, isto é, assumam o discipulado.

É preciso celebrar os ritos enquanto comunidade de fé, mas é preciso fazer a experiência com Cristo ressuscitado. As pessoas que usam o Escapulário, por serem devotas de Maria, caminham com a Igreja. Pertencem, portanto, à comunidade das testemunhas e dos seguidores do Ressuscitado, vivem a nova criação na esperança da vida eterna. Como nos mostra Pedro, “nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pd 3,13).

Nesta parte, contemplaremos a Virgem Maria à luz do Vaticano II e adentraremos no mistério de Cristo e da Igreja para repensar o Escapulário enquanto devoção mariana na evangelização atual. Não se trata de mudar o sentido espiritual do Escapulário, mas de conscientizar-nos do uso desse sacramental, cujo sentido é retomar o compromisso batismal de discípulos e discípulas de Cristo.

3.1 Diferentes formas e expressões da experiência com Deus

No mundo contemporâneo encontramos diferentes perspectivas e maneiras de expressar a fé. O povo vivencia sua espiritualidade na liturgia, na piedade, no sincretismo, utilizando símbolos ou expressões que demonstram um relacionamento com Deus; deixando transparecer a sua presença na história humana¹⁹⁶. A mensagem de Deus nos é ofertada como um fato histórico realizado por um Deus Trindade que se autocomunica¹⁹⁷.

A Igreja vive na unidade de uma fé manifestada de diferentes formas e em diferentes devoções, unindo o povo num compromisso comum em sua realidade espacial e temporal (Cf.

¹⁹⁶ MIRANDA, Mario de França. *A igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, p.11.

¹⁹⁷ LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Paulus, 1992, p.182.

Ef 4, 4-5). Valendo-se da linguagem do amor, busca-se superar as dificuldades voltando-se para a verdade (Cf. LF, n. 47).

O encontro com Jesus Cristo se realiza na comunhão do Deus uno e trino, expressa na experiência batismal, que nos convida ao serviço para com o próximo (Cf. DSPPL, n. 240). Por outro lado, estando em consonância com a Igreja, somos inseridos não apenas na vida eclesial, mas na vida concreta de uma realidade social.

Diferente da realidade religiosa, a atual sociedade pluralista, instável, diversificada, secularizada, tecnicista, dominada por uma racionalidade de cunho científico-experimental e econômico, pragmática e utilitarista, vê no discurso cristão apenas mais um entre os tantos que são apregoados, relativizados e, conseqüentemente, enfraquecidos¹⁹⁸.

Porém, a autonomia da razão não extinguiu a experiência de fé das pessoas e do povo que, na pluralidade de interpretações, foi aprimorando a religiosidade com diferentes aspectos, unindo diferentes espiritualidades, que adquirem e se atualizam constantemente e são enriquecidas com as novas experiências.

Também o cristianismo não terá apenas um modelo cultural, mas diferentes maneiras de experimentar Deus, tendo como eixo central o Evangelho (Cf. EG, n. 115-118). A identificação cristã vai além da fé professada; ela passa pelo contexto sociocultural e assume formas (ritos, objetos, tradições) que traduzem a consciência religiosa de uma pessoa ou de um grupo.

Para uma chamada “nova evangelização”, que seja fruto da Tradição, que siga as Sagradas Escrituras e que corresponda à realidade atual, os evangelizadores devem abrir-se para realizar a catolicidade da transmissão da fé, que tem como agente o Espírito Santo. Só com o auxílio do Espírito Santo se responderá e corresponderá aos anseios e desafios dos novos tempos e da “aldeia global”¹⁹⁹ auxiliando os peregrinos (comunidade de irmãos e irmãs) deste mundo rumo à vida eterna²⁰⁰.

Homens e mulheres buscam a união com algo que ultrapassa nossa razão, algo que está no mais profundo de nós mesmos, numa profunda comunhão, na gratuidade²⁰¹. O ser humano, sendo um ser de transcendência, vê na autocomunicação de Deus, um amor que é

¹⁹⁸ Cf. MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*, p. 215.

¹⁹⁹ Cf. FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 30.

²⁰⁰ Cf. *Ibidem*, p. 174.

²⁰¹ Cf. BINGEMER, Maria Clara L. A sedução do Sagrado. In. CALIMAN, Cleto. *A sedução do Sagrado*. O fenômeno religioso na virada do milênio. 2º ed. Rio de Janeiro. Vozes, 1998, p.83.

oferecido a todos, na liberdade²⁰². É abrir-se à experiência transcendental do mistério, acolhendo-a não com tremor, mas com confiança. Permita-se o pleonasma: é sentir a presença já presente, de *Iahweh*, mesmo sem saber como se manifesta (Gn 28,16)²⁰³.

O Escapulário é um desses sinais que utilizam a linguagem de Jesus Cristo, sendo um símbolo que o povo utiliza para ser identificado enquanto católico, como um daqueles que, através de uma espiritualidade mariana, seguem a um só Senhor. Este Sacramental assume a função de levar a humanidade a Deus, vivendo em um culto perene, agindo dentro da história de salvação²⁰⁴.

3.2 Fé e compromisso na evangelização

Maria, sendo a discípula por excelência, recebe destaque entre os seguidores de Cristo. No culto a Maria, destaca-se o *Magnificat* (Lc 1, 46-55), que se torna o cântico da Igreja. Esse louvor proferido por Nossa Senhora faz recordação da ação de Deus na história do seu povo²⁰⁵.

Não somente no *Magnificat*, mas em torno dos lugares em que se iluminou o mistério de nossa salvação, na Palestina, encontramos os primeiros vestígios de veneração a Maria. “A judia do século I chamada Miriâm de Nazaré, mãe de Jesus, também proclamada na fé como *Theotokos*, Mãe de Deus, é a figura religiosa feminina mais celebrada da tradição cristã²⁰⁶”.

Por isso se pode falar de um ‘movimento mariano’ no qual o senso da fé que habita os fiéis cristãos (*sensus fidei*, *sensus fidelium*) se exprimiu amplamente. Esse movimento nasce com o primeiro discurso patrístico sobre Maria, dá seus primeiros passos a partir do Concílio de Éfeso em torno da afirmação de Maria Mãe de Deus (*Theotokos*) e de sua virgindade perpétua, depois se desenvolve ao longo de toda a Idade Média em torno de dois temas: o da santidade

²⁰² Cf. RAHNER, Karl. *O Cristão do Futuro*. São Paulo: Editora Cristã Novo século, 2004, p.29.

²⁰³ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010, p.179.

²⁰⁴ Cf. DONGHI, A. Sacramentais. In: SARTORE, Domenico; Triacca, Achille. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1053.

²⁰⁵ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, p. 200.

²⁰⁶ JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*. Teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006 ,p.22.

de Maria, que desembocará na Imaculada Conceição, e o de sua Dormição, que levará ao da Assunção.²⁰⁷

Na história, após o século IV, quando o martírio tinha cessado e com o asceticismo crescente, a figura de Maria passou a representar o modelo das virtudes, principalmente para as mulheres. Na Idade Média, ela se tornará a dama dos cavaleiros, o símbolo do amor casto. Já na Renascença tornar-se-á a mãe que cuida dos filhos espirituais.

A notoriedade do culto mariano e a sua popularização aconteceu pelo fato de várias devoções marianas advirem de uma ligação com lugares concretos, onde ocorriam as aparições, por exemplo. A devoção local de um povo, por sua vez, costuma extrapolar seus limites geográficos. Com isso, ganham-se proporções não mais vinculadas ao local, mas como símbolo da Igreja e de comunhão²⁰⁸. No século XX, Maria se tornou, junto com José e Jesus, a representação da Sagrada Família²⁰⁹.

O povo de Deus em sua caminhada utiliza expressões que expressam sua fé. As “[...] expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG, n. 126). Entre as manifestações de fé temos a piedade mariana. Dentre as suas expressões, o Escapulário é um sinal do amor de Maria, fruto da graça de Deus, dado aos fiéis que, por sua vez, se comprometem com seu Reino²¹⁰.

O eixo central da identidade cristã é Jesus Cristo. A identidade humana no mundo contemporâneo sofreu transformações. Pois, na sociedade, há uma pluralidade de identidades, muitas movidas pela provisoriedade, mas todas são frutos de evoluções e mudanças sociais.

Numa cultura da globalização, os sujeitos se aproximam por empatia e por ideais, crescendo a concepção de indivíduos e de subjetividades, surgindo uma tensão entre o global e o local²¹¹. Ao olharmos os cristãos que usam o Escapulário, acreditamos que o uso desse sinal representa uma identidade mariana em função de Cristo:

²⁰⁷ SESBOÛÉ, Bernard. *Os sinais da salvação* (séculos XII-XX). História dos dogmas, tomo 3. São Paulo: Loyola, 2005, p.468.

²⁰⁸ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja III*, p. 206.

²⁰⁹ Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*, 130.

²¹⁰ O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel: A Study of the Marian Heritage of the Order*. Melborn – Austrália: Carmelite Communications, 2000, p.108.

²¹¹ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, pp. 73-80.

Isto significa uma mudança da imitação para a identificação em comunhão, num relacionamento sempre mais profundo com Maria, de forma que caminhamos com ela numa peregrinação de fé, esperança, obediência e amor. Tal união com Maria não termina aqui, mas inclina-se necessariamente para uma comunhão sempre mais profunda com Cristo através do Espírito Santo²¹².

A fé nesse contexto passa a ser expressa por um compromisso com a realidade. É uma reformulação da mística que se torna vivencial e relacional. Os cristãos não vivem separados, mas em meio a controvérsias, num mundo com valores relativizados²¹³. Por isso muitos, não apenas cristãos, procuram uma nova criação, isto é, uma identidade que possa ir ao encontro com o outro, e não uma cultura de antagonismo²¹⁴.

Os cristãos são fruto do costume e tradição, mas também da própria fé²¹⁵. A identidade cristã é construída no cotidiano. Um exemplo são as manifestações da religiosidade que se tornam a identidade de um povo, quando essas são interiorizadas e ganham um sentido para cada localidade e povo. Não se trata de uma introjeção, mas uma assimilação entre o que se vive e o que se sente, sendo um misto de realidade e de emoções²¹⁶. “O crente é transformado pelo Amor, ao qual se abriu na fé; e, na sua abertura a este Amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio” (LF, n. 21).

A identidade em seu aspecto religioso faz ir além da cognitividade, mas integra o indivíduo no social. Deve-se ter o cuidado para não cair em um excessivo espiritualismo, ou em uma descrença que prejudica a vida, mas olhar as transformações como oportunidades de encontros com Cristo, que passa pelo cotidiano dando significados, apoio e segurança²¹⁷. Cristo, não é apenas aquele em quem cremos, mas nos unimos a Ele, e tomamos o Seu olhar, seguindo-O e participando do seu modo de ser.

O uso de objetos não pode ser algo vazio de sentido, mas deve acarretar uma transformação de paradigmas e, para isso, não podemos tomar a manifestação divina como

²¹² O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel*, p.88.

²¹³ Cf. LIBANIO, João Batista. *Eu creio nós cremos: tratado da fé*. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2000, pp.165-168.

²¹⁴ Cf. SANCHIS, Pierre. O Campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In. HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)*. Rio de Janeiro: Vozes/Cehila p.81-131, p.84.

²¹⁵ Cf. RAHNER, Karl. *O Cristão do Futuro*, p.79

²¹⁶ Cf. VALLE, Edênio. *Religiosidade popular: Evangelização e vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1976, pp.16-19.

²¹⁷ Cf. DONGHI, A. Sacramentais. In. SARTORE, Domeninco; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1047.

uma ortodoxia, mas como ortopráxia²¹⁸, por não se tratar apenas de palavras e de objetos sem sentido, mas de experiência e relação com a Trindade.

Deve-se realizar um salto do rito para a fé que vai além das experiências existenciais e antropológicas da linguagem. Pela comunicação se descobre, identifica e constrói a comunidade e se traz significado para conceituação ou significação, com base no cotidiano, na atitude de respeito diante da realidade e da vida²¹⁹.

A fé é, “pela ação do Espírito, encontro com Deus vivo que se autocomunicou em Cristo. Ela se expressa em obras”²²⁰.

O Cristianismo é, portanto, *engajamento* em prol dos outros, *compromisso* que é uma forma de amor. Engajamento e compromisso se expressam na participação, na dor do povo e em suas esperanças de transformar a sociedade de forma a que todos tenham vez, a começar pelos hoje sem lugar ao sol²²¹.

Os fiéis devotos, ao receber o Escapulário, devem ser instruídos na tradição e espiritualidade carmelitana e tomar consciência do papel do Escapulário na Evangelização e na religiosidade popular.

Há muitos limites no que diz respeito à formação sobre o Escapulário, mas no tempo presente é preciso fazer com que os portadores desse sacramental se tornem agregados, não como carmelitas, mas como discípulos e discípulas de Cristo.

Maria é a representação do discipulado perfeito, visto que se fez presente em diversas cenas da vida pública de seu Filho, desde Caná até o momento da Paixão. Também participou da oração da primeira Igreja no Cenáculo, como descrito em Atos (Atos 1,14)²²². O que se fala sobre Maria na Sagrada Escritura permitiu o início e a fundamentação do mistério mariano, que leva os fiéis a terem um especial respeito pela mãe de Jesus. É a fé viva da Igreja que aos poucos vai tomando consciência dos estudos marianos, contando com as definições dogmáticas, que são fruto das latentes concepções dos fiéis sobre a fé. Partindo das

²¹⁸ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação*, p.98.

²¹⁹ Cf. BRITO, Ênio José da Costa. A cultura popular e o sagrado. In. QUEIROZ, José. *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho D'água/ CRE PUC-SP, 1996, pp.108-109.

²²⁰ TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópoles: Vozes, 1987, p. 25.

²²¹ *Ibidem*, p. 20.

²²² Cf. SESBOÛÉ, Bernard. *Os sinais da salvação*, p.472.

palavras do próprio Cristo, elaborou o sentido maternal de Maria como Mãe da Igreja e dos homens: *Eis tua mãe*²²³.

O que se destaca é a indicação de sermos discípulos. O evangelista Marcos mostra que mais que o parentesco biológico, o que vale é seguir a vontade de Deus e assim pertencer à família escatológica de Jesus (3, 31-35). Maria não é apenas a mãe biológica, mas também, principalmente, discípula, que assume o seguimento à causa do Reino de Deus, numa adesão à vontade do Pai, numa fraternidade de iguais²²⁴. O Nazareno anuncia o Reino de Deus e Maria se torna a discípula por excelência. O anúncio é para toda humanidade; os discípulos se tornam coirmãos de uma mesma missão.

3.3 Experiência de fé como esperança e superação do medo

A novidade que o Espírito nos apresenta pela fé e pelo Batismo vai além de uma categoria meramente pessoal. Ela é cósmica. Somos inseridos numa comunidade de fé ao aderirmos a Cristo, assumindo um compromisso na realidade social com gestos concretos. A graça de Deus se manifesta na realidade, não é algo apenas futuro; trata-se de uma escatologia que acontece já na história²²⁵.

A relação da humanidade com Deus perpassa a experiência. A devoção mariana adentra no mistério de Cristo, reconhecendo-o como salvador. Convida o ser humano a sair das amarras da superstição para um caminho mistagógico de conscientização da liberdade e compromisso com o Evangelho.

3.3.1 Os símbolos como uma forma de se relacionar com Deus

Diante do mundo contemporâneo, caracterizado pela velocidade na comunicação e desafiado pela transitoriedade das verdades, os sinais e os símbolos passaram a expressar

²²³ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Maria, mãe da redenção*. Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Petrópolis: Vozes, 1966, p. 82.

²²⁴ Cf. MURAD, Afonso. Perfil de Maria numa sociedade plural. In. UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Maria no coração da Igreja: múltiplos olhares sobre a mariologia*. São Paulo: Paulinas/UMBRASIL, 2001, p.29.

²²⁵ Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-crisma. 2ºed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 68.

grupos e identidades, ainda que precisando aprimorar a compreensão do que buscam expressar. O indivíduo constrói com elementos apropriados de sua realidade a sua identidade religiosa, formando uma comunicação e semântica religiosa, escolhendo os elementos com que mais se identifica²²⁶.

Pelo símbolo, a humanidade transcende o mundo do imediato, atingindo o mundo do sentido global. O símbolo é o mediador entre a realidade particular e a totalidade plena que é futura. “Os símbolos são, portanto, próprios do ser humano, como ser da transcendência”²²⁷.

A religiosidade popular manifesta, em símbolos, o compromisso do povo de viver a proposta de Deus. Com certeza, muito da significação ultrapassa a dimensão racional ou puramente analítica, ainda mais se tratando da religiosidade popular em diferentes contextos, que transpõe o mundo temporal e visa à vida eterna, na esperança de ser salvo.

O Escapulário é uma das expressões da fé em Deus, não apenas como um escudo, mas como manifestação da fé de que ele habita conosco. Traz sentido à vida, que se apresenta no cotidiano pela solidariedade, pela fraternidade, pela verdade e pela justiça, não como algo criado, mas descoberto diante dos diferentes modos de vida, espaços territoriais e de relações (Cf. EG, n. 71).

A devoção leva a outra realidade que é a solidariedade, a caridade para com os necessitados. A fé comum se torna verdadeira fraternidade²²⁸. Entende-se que “o Escapulário é um símbolo claramente relacional²²⁹”. Expressa uma relação com Deus e em gestos concretos é serviço aos irmãos²³⁰.

Devemos levar em consideração que, com base no diálogo oracional, Deus escuta as preces dos humanos. A oração não é diretamente um contrato, mas uma forma de acolher o amor de Deus e os resultados desse amor, dentro da liberdade, por isso, pela graça de Deus, o humano é capaz de renovar o sentido da vida e compreender as causalidades presentes na realidade²³¹.

²²⁶ Cf. ESPÍN, Orlando O. *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.90.

²²⁷ TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. pp. 67-68.

²²⁸ Cf. ROMERAL, Fernando Millán. El Escapulario del Carmen en la Literatura (Pinceladas y Retos). In: *Revista de Espiritualidad*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, n. 62, p. 557-604, 2003, pp. 579-580.

²²⁹ O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel*, p.108.

²³⁰ Cf. LÓPES-MELUS, Rafael Maria. *La virgen del Carmen: la devoción popular*. Zaragoza: Amacar, 1985, p.150.

²³¹ Cf. SCHILLEBEEKX, Edward. *Deus e o Homem*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1969, pp. 273-283.

Os símbolos devem ser vistos em sentido amplo no nível afetivo e místico, isto é, de um relacionamento vivencial transcendente, de uma vida terrena a caminho da eternidade. As insígnias correspondem às necessidades da realidade da vida cotidiana do povo de Deus, sendo de origem vivencial, que pertence ao mundo real, levando os fiéis à fé na vida após a morte.

3.3.2 A verdadeira fé é fé no Ressuscitado

Nenhuma criatura pode se equiparar a Cristo, mas todos são convidados, enquanto criaturas, a cooperar no projeto de Deus. Nas diversas manifestações da piedade popular, vemos que, grande parte do povo nutre um carinho por Nossa Senhora. Muitos consideram a Virgem Maria como intercessora, contando com sua ajuda materna. Por tê-la como patrona e mãe, as pessoas sentem-se próximas de seu mediador e salvador que é Cristo.

Passando os séculos, o Escapulário do Carmo permanece como sinal de identidade cristã. As experiências passam a ser princípio de identidade, valor e referência²³², isto é, passam a responder pelo motivo, sentido moral e sinal que representa a fé do povo. Os testemunhos de fé são uma das formas de o transcendente se fazer presente e atuante na humanidade, moldando a sociedade e a história²³³.

A fé no Filho de Deus feito homem em Jesus de Nazaré não nos separa da realidade; antes permite-nos individuar o seu significado mais profundo, descobrir quanto Deus ama este mundo e o orienta sem cessar para Si; e isto leva o cristão a comprometer-se, a viver de modo ainda mais intenso o seu caminho sobre a terra (LF, n. 18).

A esperança dos crentes está no auxílio de Cristo, tendo a intercessão de Nossa Senhora:

O nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos (1 Tim. 2, 5-6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da

²³² Cf. LIBANIO, João Batista. *Eu creio nós cremos*, p.100.

²³³ Cf. MIRANDA, Mario de França. *A igreja que somos nós*, p.216.

Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; derivada da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece (LG, n. 60).

Acompanhando o mistério da vida existe o da morte, que para os cristãos não corresponde ao fim. Nós já possuímos a vida eterna, pois ela consiste em conhecer a Deus e aquele a quem ele enviou: Jesus Cristo (Cf. Jo 17,3). Mas, por ora, a possuímos na esperança de um dia estar junto de Deus graças, à ressurreição de Jesus dentre os mortos (Cf. 1 Pd 1,3).

Ao falarmos do Escapulário é inevitável que se fale da esperança na vida eterna, visto que carrega consigo as promessas de resgate do Purgatório e de salvação após a morte, não pelo objeto, mas pela fé em Cristo. A ideia de uma vida após a morte não é fuga da vida terrena e da realidade temporal, mas uma compreensão de ser humano mais ampla do que algo redutível à matéria. A vida nesta terra é um caminhar do ser humano, constituído por um corpo mortal e uma alma espiritual e imortal, como um ser realmente uno e total, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade²³⁴.

A humanidade, libertando-se do medo e das preocupações, toma como base a fé para refletir sobre a salvação da alma. Numa prática de vida transformadora, a práxis torna-se o norte para agir na realidade social, cultural e econômica não apenas do indivíduo, mas da comunidade de fé. Do contrário a fé entra em suspeita, pois se trataria de ideologia e fuga da realidade²³⁵. A morte pode ser vista como um processo de conscientização de nossas ações em vida, superando o medo do desconhecido²³⁶ e agindo com coerência em nossos atos, não pelo temor futuro, mas pela consciência do correto no presente.

Ao falar de vida após a morte, estamos falando da esperança da Ressurreição. Ao pregar a vida após a morte ou ressurreição dos mortos, estamos falando da vida eterna, não enquanto carne, mas em espírito (Rm 8, 11). A Ressurreição é a novidade que Cristo traz como esperança para os vivos após a morte. Jesus nos mostra que, para viver, é preciso renascer novamente (Jo 3,7), redirecionar nossa conduta para o bem comum em vida.

²³⁴ Cf. VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 81.

²³⁵ Cf. BLANK, Renold. *Escatologia da pessoa – vida, morte e ressurreição: (escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 61.

²³⁶ Cf. *Ibidem*, pp. 59-60.

Entre costumes e crenças, a devoção do Escapulário traz a esperança de vida eterna, sendo que essa confiança em Nossa Senhora não se postula somente pelas promessas anexas ao Escapulário.

Nossa Senhora fez do seu Escapulário uma bandeira de esperança para todos os aflitos e combalidos pelos revezes da vida, bandeira semelhante àquela serpente de bronze que Deus mandou levantar no deserto, a cuja vista se curavam os judeus envenenados pelas cobras. Na alma do católico existe uma intuição dessa assistência de Maria, quando eternamente canta: ‘Senhora do Carmo, Mãe dos Carmelitas, Socorrei as almas que vivem aflitas’²³⁷.

Ter Maria como modelo é, antes, um convite à Igreja e à humanidade para realizar-se em sua esperança final, que é em Cristo, no qual todos são como irmãos, tendo o mesmo sangue e a mesma carne (Hb 2,14; Gl 4,4) (Cf. MC, n. 6). É também a imitação da confiança de Maria, de quando Cristo jazia no sepulcro e ela, fortalecida pela fé e pela esperança, esperou vigilante a Ressurreição do Senhor (Cf. DSPPL, n. 188).

3.3.3 Vida eterna, um caminho que se inicia na vida terrena

Na busca por compreender mais sobre o fenômeno da existência, se encontra a esperança de que a morte não seja o fim ou perecimento da vida²³⁸. É necessária uma evangelização que compreenda as diferentes religiões, as diferentes crenças e formas de buscar a Deus com fé. Deus deixa-se encontrar pelos sinais que são apresentados no cotidiano e, no caso do cristão, é Jesus (Cf. EG, n. 35).

A humanidade está numa caminhada. Copiando os exemplos da Bem-aventurada Virgem Maria, busca a redenção (Cf. RM, n. 6). A Igreja ensina que o homem foi criado por Deus para um final feliz que vai além das miserabilidades desse mundo. A morte corporal acabará vencida pela misericórdia do Salvador que restaura toda a humanidade. Nessa peregrinação, Deus chama a humanidade a unir-se a Ele, na nova criação, no Cristo ressuscitado. É a fé na vitória sobre a morte que dá a resposta aos anseios do destino futuro na

²³⁷ COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o escapulário*. Recife: [s.n.t.], 1950, p. 49.

²³⁸ Cf. BLANK, Renold J.. *Nossa vida tem futuro: escatologia cristã* – 1. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 16.

esperança de todos alcançarem a vida junto de Deus (GS, n.18). Caminhamos pela fé e esperança (Cf. SS, n.1).

Para o cristão, a fé que se recebe no Batismo é sustentada pela esperança na vida eterna. Mesmo nas adversidades a humanidade vive a realidade presente aguardando o momento de adentrar a vida eterna. Isso vai contra o ideário de muitos que buscam adiar a morte ou mesmo a concebem como uma ideia insuportável. Porém, aos que possuem fé, a morte é compreendida como remédio (Cf. SS, n.10).

A esperança se assemelha à fé. A fé trata dessa adesão ao que nos foi apresentado e a esperança é depositada naquilo que ainda não existe, isto é, naquilo que Deus irá fazer em nossas vidas, contando com nossa liberdade. Nossa esperança está em Deus, naquilo que Ele nos reserva – a vida eterna²³⁹. Pois a fé nasce do encontro com o Deus, que nos revela seu amor. Essa fé, que recebemos como dom sobrenatural, orienta nossos caminhos, mas provém do passado, em Cristo (Cf. LF, n.4).

Na esperança, temos a capacidade de crer e de assumir um compromisso, não como mero cumprimento da Lei, mas como testemunhas de Cristo. Esperança de sermos como o próprio Cristo ressuscitado, caminho que se realiza na vida concreta de Jesus terreno²⁴⁰. É a busca pelo Reino de Deus, é viver a comunhão (*koinonia*) com o plano de Deus, que, ao criar o mundo, constrói uma família reconciliada que se inicia com o mistério pascal que é *sacramentum originale*²⁴¹.

Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos (Cf. Mt 22, 32; Mc 12, 27; Lc 20, 38). E Jesus nos traz a esperança da vida eterna, pois essa realidade se manifestou no próprio Jesus Cristo, o Ressuscitado. No evento do sepulcro vazio, a vida é transformada²⁴². Na esperança de nossa ressurreição se fundamenta nosso anúncio da Boa-Nova.

A grande esperança da humanidade, mesmo diante das decepções, é Deus. Trata-se de viver no amor que desde o Batismo abre o caminho da fé e da vida eterna. Esta consiste em conhecer o Deus único e verdadeiro e Cristo (Jo 17,3; SS, n. 28).

²³⁹ Cf. CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja*. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1992, p. 121.

²⁴⁰ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a ressurreição* p. 226.

²⁴¹ Cf. CODINA, Victor. Os sacramentais, sacramentos dos pobres. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v. 22, n.56, p. 55-68, 1990, p. 62.

²⁴² Cf. BLANK, Renold J. *Nossa Vida tem futuro*, p. 152.

A fé tem seu fundamento em Cristo crucificado e ressuscitado, no qual o Pai nos oferece a salvação²⁴³. Significa que o *ágape* – o amor que vem do alto – faz da morte uma entrada para a vida eterna. “Deus fez sua a nossa morte, para fazer nossa, para sempre, a sua vida. [...]. Para a fé cristã, retornar à pergunta do que é a morte quer dizer, então, voltar *àquela* morte, onde só se consumou a morte da morte.”²⁴⁴

Cristo venceu o último inimigo, isto é, a morte (1 Cor 15, 26). Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais. Também nós somos resgatados nesse amor e passamos a ser mortos para o pecado e vivos para Deus (Rm 6, 9-11). O anúncio da Boa Nova é fundamental para a evangelização. O uso de sacramentais, símbolos, ritos e orações devem levar os fiéis a vivenciarem esse anúncio, a participarem e se comprometerem com a missão de evangelizar. A devoção mariana também deve ser relida constantemente para que seja sinal que aponta para Cristo.

3.4 Escapulário do Carmo como contributo para a Evangelização

Na metade do século XX surgiu uma nova consideração da Virgem Maria, não mais com inúmeros privilégios, mas num esforço de situá-la na economia da salvação e na Igreja²⁴⁵. “Este processo tende sempre mais a colocar Maria como mulher companheira de caminhada rumo ao Pai, mulher do povo”²⁴⁶.

O culto mariano se esforçará para não celebrar devoções isoladas, mas os mistérios da História da Salvação. Pelo testemunho de Maria, o povo, enquanto Igreja, invoca o Senhor Ressuscitado²⁴⁷. “O discurso sobre Maria já não está isolado, como se ela ocupasse uma posição intermediária entre Cristo e a Igreja, mas é reconduzido ao âmbito da Igreja, como havia sido na época dos Santos Padres”²⁴⁸.

A espiritualidade do Escapulário do Carmo também é revista para ser coesa à devoção mariana, isto é, possa levar os fiéis a viverem em Cristo. O Escapulário deve assim levar os

²⁴³ Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*, p. 37.

²⁴⁴ FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 214.

²⁴⁵ Cf. SESBOÛÉ, Bernard. Os sinais da salvação, p.507.

²⁴⁶ BOFF, Maria Lina. Maria no Cinquentenário do Vaticano II. In. *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v.72, n 287, p. 557-580, Julho - 2002, p. 577.

²⁴⁷ Cf. BOFF, Lina. *Mariologia: interpelações para a vida e para a fé*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 105.

²⁴⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *Maria um espelho para a Igreja*, p. 132.

fiéis a viverem a vida sacramental, pressupõe que os devotos vivam com Maria em obséquio à Cristo, compreendendo Maria como o perfeito modelo humano no acolhimento do projeto de Deus²⁴⁹.

3.4.1 Escapulário do Carmo e a compreensão de Maria como irmã na caminhada em Cristo

A reflexão mariana deve ser realizada junto com o caminho existencial e espiritual da humanidade de hoje, num diálogo constante e sustentado pela história. Atualizando e reinterpretando textos bíblicos e teológicos, o estudo mariano se vincula aos sinais dos tempos, à vida eclesial e às práticas litúrgicas, num trabalho de resgatar o verdadeiro sentido espiritual para o mundo contemporâneo²⁵⁰.

Mesmo tendo a imagem bíblica de Maria e a Tradição como eixo para discussão mariana, deve-se reorientar o culto e o dogma²⁵¹. Nas palavras de Paulo VI, Maria se tornou “modelo, sobretudo, daquele culto que consiste em fazer da própria vida uma oferenda a Deus” (MC, n. 21) e, por ela, os seus devotos buscam a própria santificação. No Carmelo, a Virgem Maria é apresentada como modelo a ser imitado, por ter aderido à vontade de Deus, saber acolher sua Palavra e colocá-la em prática. Conforme *Marialis Cultus*, Maria é modelo e discípula por excelência (n. 35).

Deve-se sempre atualizar a mensagem de Deus. A memória é um fator importante, ainda mais se tratando de fatos, de histórias e de sinais de longos séculos. A preocupação é em referência à mensagem que se transmite, pois é preciso manter a mensagem original, esclarecer sua função diante da mensagem de Cristo, mas atendendo às realidades vivenciais, conforme cada período histórico.

A religiosidade do povo, enquanto experiência, surge de um ato de fé, quando o ser humano consegue comunicar-se com o infinito dentro da realidade temporal, pois Deus age dentro da história, manifestando seu interesse pelo ser humano. A mente humana pode, pela graça, ir em direção ao Deus da vida eterna²⁵².

²⁴⁹ Cf. COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o escapulário*, pp.37-40.

²⁵⁰ Cf. MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: paulinas: Santuário, 2012, p. 28.

²⁵¹ Cf. *Ibidem*, p. 123.

²⁵² Cf. RAHNER, Karl. *O Cristão do Futuro*, p.86.

Esse aprofundamento histórico, analítico e teológico vale também para o Escapulário do Carmo. É preciso que se crie conscientização de que o Escapulário passou por transformações, enquanto sinal, tornando-se universal. O Escapulário tem o sentido de nos conformar a Cristo feito homem. Por isso, a entrega do Escapulário deve ser feita com uma preparação que conscientize da natureza e da finalidade dessa veste e seus compromissos.

A devoção mariana deve contar com uma teologia séria que valorize o essencial, o dogma, a piedade objetiva, o tradicional autêntico²⁵³. O Escapulário e outras devoções não podem permanecer no âmbito meramente individual, pois revela-se um problema “a absolutização do indivíduo como raiz, núcleo e origem da própria vida social, como átomo legítimo de análise, enfim como critério único da verdade salvífica”²⁵⁴. Esse objeto seja de consagração, seja devocional, está vinculado a uma instituição e a uma comunidade cristã.

Os sinais de devoção são animados por uma atitude de fé interior, manifestam um aspecto particular da relação do fiel com as Divinas Pessoas, ou com a Virgem Maria, em seus privilégios de graças e nos títulos que os expressam, ou com os Santos, considerados em sua configuração com Cristo ou na função por eles exercida na vida da Igreja (Cf. DSPPL, n. 8).

Não é correto entregar o Escapulário às pessoas sem uma adequada explicação do que se está a receber. Dado que o Escapulário é um símbolo, o seu significado deve ser cuidadosamente explicado. [...] O Escapulário é um dos meios para orientar as pessoas a Maria e, por ela, ao seu Filho (CMMJ, n. 34).

O escapulário é sinal de um compromisso de vida: ser como a Virgem orante, participar do Mistério Pascal de Cristo. Tomar Maria como mãe dos povos, e, por isso, capaz de acolher a cultura de seus filhos, sendo sempre terna para com aqueles que são servos e seguem seu modelo de entrega ao projeto do Reino de Deus (Cf. DPb, n. 286-291).

Identificados com Maria, vive-se como filhos no Filho, inseridos na Trindade, sendo verdadeiros discípulos, conforme a discipula perfeita por excelência. “Com sua fé, Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos” (DAp, n. 266). Ela é modelo de

²⁵³ Cf. LAURENTIN, René. A questão marial. Lisboa: Edições Paulinas, 1966, p. 134.

²⁵⁴ SANCHIS, Pierre. *O Campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?*, p.88.

serviço eclesial, visto que fez parte de um povo, caminhou e conheceu a realidade e por isso se tornou caminho, um exemplo de peregrinar (Cf. DPb, n. 300-303).

Maria, peregrina na fé, participa do projeto salvífico de Deus. Sua peregrinação, por sua vez, representa um ponto de referência para a Igreja e para toda a humanidade. Ela coopera, com seu amor maternal, para a regeneração e educação de seus irmãos e irmãs na Igreja (Cf. RM, n. 6). “Pela sua mediação, subordinada à mediação do Redentor, Maria contribui de maneira especial para a união da Igreja peregrina na terra com a realidade escatológica e celeste da comunhão dos santos” (RM, n. 41).

3.4.2 Devoções marianas como caminho de encontro com Deus

O Escapulário do Carmo precisa ser reinterpretado, tendo em vista sua realidade temporal. Olhando a devoção popular com justa racionalidade e atendendo à pastoral com senso crítico, deve contar com a uma orientação teológico-pastoral²⁵⁵.

O documento *Marialis Cultus* nos oferece critérios para rever ou recriar exercícios de piedade mariana. Indicando um caminho bíblico, centra-se na mensagem cristã (n. 30). A devoção deve acompanhar o tempo litúrgico e encaminhar-se para a liturgia (n. 31). Deve carregar uma sensibilidade ecumênica, no anseio pela unidade dos cristãos (n. 32), seguindo a devida orientação cristológica e salientando também a pessoa e a obra do Espírito Santo de sua ação santificadora (n. 26).

É preciso recorrer a critérios básicos do tempo atual que se fundam no Concílio Vaticano II. Os critérios são: bíblico, antropológico, ecumênico, pastoral²⁵⁶. O critério bíblico exige que se recorra à Sagrada Escritura, segundo a leitura e interpretação feita pela Igreja, somando aos Padres da Igreja, para fundamentar a doutrina sobre Maria. Da antropologia se enfatiza a pessoa humana na realização da história da salvação; a humanidade como sujeito da salvação. Em Maria evidenciam-se os valores pessoais de sua vida histórica.

²⁵⁵ PINHO, José Eduardo Borges de. O Culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspectiva teológico-sistemática. In: *Didaskalia* – Revista da Faculdade de Teologia – Lisboa: Universidade Católica de Portugal, n.35, p. 433-456, 2005, pp.444-445.

²⁵⁶ Os critérios descritos na sequência do texto são do artigo de IWASHITA, Pedro . Maria no Vaticano II: renovação na Mariologia. In: *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. 48, p. 554-571 set./dez. - 2014, pp. 556-557.

O critério pastoral consiste em ver Maria como pessoa para ser compreendida e venerada dentro das linhas bíblicas, renovando a sensibilidade da devoção e do culto. Respeitando o critério ecumênico, há de buscar-se dialogar com o mundo protestante, já que a mariologia é um ponto de divergência entre as diferentes confissões cristãs. O diálogo visará que a Virgem seja ponto de convergência e unidade.

As formas de se relacionar com Deus devem ser respeitadas por serem contato entre o humano e a divindade, mesmo que ingenuamente. Mas essas não podem cair num individualismo, pois são frutos de uma comunidade e por isso devem gerar compromisso com o próximo. Deve-se cuidar para não se cair num fascínio do gnosticismo (uma fé fechada no subjetivismo) e nem num neopelagianismo auto-referencial e prometeico (confiar apenas em si próprio), ficando preso a um estilo doutrinal (Cf. EG, n. 90-95).

Maria é esse modelo de caminhada, pois se destaca por causa da sua relação única com seu Filho. Nela tudo é relativo a Jesus²⁵⁷. Maria é “mulher inteiramente relacionada com as Três Pessoas da Comunidade divina e, ao mesmo tempo, caminhando com a humanidade.”²⁵⁸ Sendo a filha predileta, Maria corresponde à esperança do povo antigo e, pela sua resposta a Deus, se faz realidade a promessa messiânica²⁵⁹.

A religiosidade popular e as devoções não podem esquivar-se de apresentar ao povo cristão os verdadeiros valores do Evangelho, no tocante ao cumprimento da caridade e ao cumprimento do projeto de Deus, com um testemunho real e atuante²⁶⁰. Quanto ao Escapulário, não basta usá-lo. Sua devoção deve estar vinculada à fé, à humildade, à pureza angélica, à união com Deus, à caridade, à doçura e à resignação.

Nem a Ordem e nem a Igreja pregam que, por usar o Escapulário, se pode viver em uma vida de pecado; o que se prega é a misericórdia divina, mostrando que Maria é um refúgio para os pecadores. O caminho não é eliminar determinadas expressões da piedade popular, por suas deficiências, mas purificá-las e renová-las²⁶¹.

²⁵⁷ Cf. SESBOÛÉ, Bernard. *Os sinais da salvação*, p.473.

²⁵⁸ BOFF, Maria Lina. *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, p. 561.

²⁵⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 563-564

²⁶⁰ Cf. CASTELLANO, J. *Religiosidade Popular e Liturgia*. In. SARTORE, Domenico ; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.1019.

²⁶¹ Cf. PINHO, José Eduardo Borges de. *O Culto à Virgem Maria na religiosidade popular*, p. 447.

O Escapulário deve se apresentar de forma correta ao povo cristão, pois Maria permanece como intercessora e o objeto como sacramental²⁶². Isto responde à pergunta: “Mas de que modo coopera Maria no crescimento dos membros do Corpo Místico na vida da graça? Em primeiro lugar, mediante a sua incessante súplica, inspirada por uma ardente caridade.” (SM, n. 2)

O uso do Escapulário implica realizar uma evangelização que seja encarnada na realidade do povo cristão e dos seus clamores, medos e esperanças, que recorra à palavra bíblica centrada no Deus misericordioso, bem como à tradição contida nos dogmas da Igreja. A mariologia deve centrar-se na fé popular, procurando explicitar a ligação com a Trindade, cristologia e eclesiologia²⁶³.

O Escapulário tem que conduzir os fiéis ao Senhor Jesus Cristo e à imitação de sua Mãe Santíssima. Deve ser sinal de adesão ao caminho de discipulado que, pela fé, encaminha os peregrinos à salvação²⁶⁴.

3.5 Escapulário do Carmo: da superstição à fé

O intuito do Escapulário do Carmo é viver a exemplo da Virgem Maria, sendo discípulo e discípula fiel de Jesus Cristo. Maria torna-se uma referência ao povo simples, e o culto de caráter simbólico se manifesta nas devoções²⁶⁵. As manifestações devocionais devem ser explicadas com uma postura que leve os crentes a viverem mais fielmente a Cristo e conforme o Evangelho.

Maria “é invocada como a Mãe da esperança que alimenta a fé desses povos e os acompanha na dura travessia. Os nossos povos vivem de esperança, mesmo quando não veem sinais que apontem para dias melhores e para uma vida mais digna.”²⁶⁶ A *Lumen Gentium* nos fala da função maternal de Maria para com os homens que leva os fiéis para um contato imediato com Cristo (n. 60).

²⁶² Cf. McMAHAN, Patrick Thomas. *The Scapular. Re-appropriating an ancient symbol for a modern word*. Aylesford: [s.n.t.], 1999, pp.26-27.

²⁶³ Cf. CODINA, Victor. *Credo oficial e credo popular*. A propósito da centralidade de Maria na fé popular. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v. 22, n.56, p. 339-350, 1990, pp. 349-350.

²⁶⁴ Cf. McMAHON, Patric Thomas. *Garment of Grace*, p.7.

²⁶⁵ Cf. BOFF, Maria Lina. *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, pp. 577-578.

²⁶⁶ Cf. *Idem*. *Mariologia interpelações para a vida e para a fé*, p. 89.

Maria é presença constante na vida da Igreja e dos discípulos de Jesus. Maria é, assim, a peregrina da fé, que caminha junto com os peregrinos, povo de Deus unido à Cristo, sendo mulher de fé, que serve aos irmãos, seguindo os passos de Cristo como verdadeira discípula (Cf. RM , n. 42).

3.5.1 Escapulário do Carmo: instrumento de devoção mariana que leva a viver a fé em Cristo.

A Igreja católica, no século XX, se viu diante de profundas modificações, não somente oriundas do Concílio Vaticano II, mas também das mudanças que aconteceram desde a cultura até a organização mundial. No campo religioso, ocorrem mudanças nas grandes religiões mundiais, buscando se firmar em suas concepções, e nascem novos movimentos religiosos, que, em consequência, trouxeram mudanças na dinâmica social²⁶⁷.

Para o povo cristão, diante dessa realidade contemporânea, é preciso desenvolver uma mistagogia, que significa “ser conduzido do para dentro do Mistério”²⁶⁸. É preciso que a Igreja seja mistagógica, conduzindo os fiéis a viverem a experiência em Cristo, que brota da fé e de uma existência transformada pelo Espírito: Deus age na nossa história na sociedade onde estamos inseridos²⁶⁹.

A devoção mariana no mundo atual é formada por uma diversidade de características e por uma gama de devotos que se colocam em veneração a Maria Santíssima. Representada por diversos nomes e apresentada sob diferentes prismas, Maria corresponde aos anseios humanos e se aproxima da realidade de cada devoto. “Embora Maria de Nazaré seja uma só, multiplicam-se as interpretações sobre sua figura para os tempos de hoje”²⁷⁰.

A experiência é fundamental para a caminhada de fé, que é o seguimento de Jesus. É da própria experiência de Cristo que se aprende a viver na fé, e pelo testemunho de geração em geração é transmitida a iniciação e a participação nos sacramentos²⁷¹. Não diferente,

²⁶⁷ Cf. SESBOÛÉ, Bernard. Os sinais da salvação, p.423.

²⁶⁸ TABORDA, Francisco. Da celebração à teologia, Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 64, n. 255, p. 588-615, Julho 2004, p. 599.

²⁶⁹ Cf. FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*, p. 27.

²⁷⁰ MURAD, Afonso. *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 16.

²⁷¹ Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*, p. 51.

acontece com a questão mariana: observando suas devoções, é preciso delinear um caminho dos discípulos de Cristo para superar as superstições e aderir ao Evangelho.

No evento da Cruz, tal como narra o Evangelho de João, tanto a Mãe de Jesus como o discípulo amado se tornam símbolos (Cf. Jo 19, 26-27). “O Concílio Vaticano II acolheu a ideia de Maria como a discípula ideal e projetou-a em uma estrutura explicitamente eclesial”²⁷². Para a fé cristã católica trata-se de compreender a importância de Maria na história da salvação, mas também reforçar que “Maria pertence à Igreja, ela não está fora ou acima da Igreja, ela é um membro dela”²⁷³.

É no *fiat* de Maria, ato livre, que Maria realizou livremente o bem ²⁷⁴. Tornou-se uma mulher de esperança, que acreditou nas promessas de Deus. Mulher que espera a salvação de Israel, sendo a mulher de fé, Maria acreditou nas promessas, e assim se tornou bem-aventurada, como escutamos de Isabel no relato de Lucas 1,45: “Feliz de ti, que acreditaste” (Cf. DCE, n. 41).

Para o povo fiel, Maria é “vista como mãe, como mestra e como modelo, pela sua presença de intercessão e de guia, pela sua fé íntegra, pela sua caridade operosa, pelo seu testemunho de esperança, ícone da beleza de Deus que salva o mundo.”²⁷⁵

3.5.2 O culto mariano, um louvor a Deus

No patrocínio junto do Filho, Maria, Mãe da Igreja, faz parte do plano de salvação da humanidade. Por seu exemplo e fidelidade, influencia o ser humano a viver na verdade, isto é, em Cristo (Cf. SM, n. 3). Na história de fé do povo de Deus, observa-se que a fé nasce de um dom originador e, desde Abraão, somos chamados a abrir-nos à ação de Deus, que deseja nos libertar de nossas misérias e somos chamados a nos colocar diante do Senhor e, de geração em geração, se narram as graças e benefícios de Deus (Cf. LF, n. 12).

²⁷² JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*, 131.

²⁷³ SESBOÛÉ, Bernard. *Os sinais da salvação*, p.508.

²⁷⁴ Cf. CANTALAMESSA, Raniero. *Maria um espelho para a Igreja*, p. 46.

²⁷⁵ DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 61.

O culto de Maria, por ser o culto da Mãe por excelência, chama fortemente para o concreto da existência. Já na primeira prece que conhecemos dirigida diretamente a Ela, a antífona *Sub tuum praesidium*, fala-se concretamente em “necessidades” e em “perigos”²⁷⁶.

Maria acentua a categoria do discipulado, não é vista apenas como genitora, mas discípula, algo que todo cristão pode e deve ser ²⁷⁷. A Igreja deve investigar, a todo o momento, os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho, para responder às perguntas acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. Para isso, é preciso conhecer e compreender o mundo (Cf. GS, n. 4).

A imagem mariana e as práticas devocionais são reflexo do relacionamento da humanidade com Deus²⁷⁸. A devoção a Maria enriquece a caminhada dos fiéis, visto que “o perfil devocional de Maria é legítimo, dentro do horizonte católico, desde que centrado na figura de Jesus Cristo, nosso mestre e Senhor”²⁷⁹.

“O Concílio Vaticano II acolheu a ideia de Maria como a discípula ideal e projetou-a em uma estrutura explicitamente eclesial”²⁸⁰. Evitou que os cristãos católicos caíam numa exaltação mariana ou numa mariolatria. “Por ‘mariolatria’ entendemos exatamente o atribuir em surdina à Virgem o culto devido a Cristo”²⁸¹.

Maria “é nosso modelo e mestra exatamente porque é perfeita discípula e imitadora de Cristo”²⁸². As devoções e as orações voltadas a Maria devem ter sua origem na Eucaristia e para a mesma conduzir os fiéis²⁸³. A devoção mariana deve ligar-se com Cristo e ser fiel à tradição da Igreja²⁸⁴. “O culto da Virgem Maria na Igreja deve permanecer cristocêntrico”²⁸⁵.

Podemos mencionar que o Escapulário se apresenta como um manancial, que apresenta as lembranças e os benefícios de Deus, que transmitidos pelas gerações renovam a fé do povo de Deus. O Escapulário não é um amuleto que garante autenticamente a salvação

²⁷⁶ BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 557.

²⁷⁷ Cf. TABORDA, Francisco. “*Todas as gerações me chamarão bem-aventurada*”. Desafios atuais ao tratado de Mariologia. In: *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, p. 29 – 47, n. 24, 1992, p. 47.

²⁷⁸ JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*, 131.

²⁷⁹ MURAD, Afonso. *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 25.

²⁸⁰ JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*, 131.

²⁸¹ SCHILLEBEECKX, Edward. *Maria, mãe do Redentor*, p. 98.

²⁸² CANTALAMESSA, Raniero. *Maria um espelho para a Igreja*, pp. 131-132.

²⁸³ Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira irmã*, p. 171.

²⁸⁴ CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de iniciação*, p. 180.

²⁸⁵ SESBOÛÉ, Bernard. Os sinais da salvação, p.512.

eterna ou a proteção contra eventuais perigos da vida²⁸⁶. Pressupõe fé, abertura de coração, confiança filial e a dedicação ao serviço no projeto de Deus. É uma realidade visível que nos conduz ao mundo invisível, isto é, nos leva a Deus.

O Escapulário deve ser visto como uma expressão da Aliança de Deus com seu povo e da confiança do povo em seu Deus. Por meio do Escapulário exprime-se o sentido cristão e se confirma a adoção filial feita no Batismo, mantendo a esperança da vida eterna. Esse sinal ganhou forte sentido espiritual com os filhos do Carmelo, ao longo dos séculos, e extrapolou os limites da Ordem do Carmo, passando a ser de uso dos cristãos como demonstração de ser revestido das virtudes celestiais, colocando-as em evidência no cotidiano.

Portanto, o Escapulário pode ser percebido como sinal que expressa a aliança de Deus com seu povo e a confiança do povo em seu Deus, que, ao se revestirem desse símbolo, demonstram não somente a pertença à Ordem do Carmo, mas adesão a Cristo e ao Evangelho. Este sinal, inserido no mundo contemporâneo, busca não apenas responder a necessidades particulares ou de grupos isolados, mas expressa a vivência de uma fé e esperança na concretização do Evangelho, buscando realizar o Reino de Deus.

Ao passarmos por este capítulo percebemos que o Escapulário do Carmo se tornou um instrumental não apenas dos Carmelitas, mas de todo o povo de Deus, que acredita na maternidade e no auxílio de Maria²⁸⁷. Consequentemente entende-se que o “Escapulário é memorial de nossa incorporação a Cristo, a cujo encontro o homem caminha em união com Maria. [...] Cooperando para que se torne realidade a Encarnação de Cristo no mundo de hoje”²⁸⁸.

²⁸⁶ Cf. O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel*, p.80.

²⁸⁷ O uso do Escapulário incita e move poderosamente ao exercício de todas as virtudes cristãs e fomenta a piedade, porque sua finalidade e o prêmio dessa devoção ao Escapulário é a imitação da Virgem Maria. Cf. BESALDUCH, P. Simón Maria. *Enciclopedia del Escapulário del Carmen*. Barcelona: Libreria Católica Internacional, 1931, p.111.

²⁸⁸ BOAGA, Emanuele. *A senhora do lugar: Maria na história e na vida do Carmelo*. Curitiba: Do Carmo, 1993, p.172.

CONCLUSÃO

Os aspectos da história da Ordem do Carmo, abordados neste estudo, são um aceno histórico para esboçar alguns pontos em referência ao Escapulário do Carmo. Este corresponde à agregação à Ordem do Carmo, cujos integrantes buscam servir a Deus e a Igreja, inspirando-se no profeta Elias e na figura da Virgem Maria. O uso do Escapulário passou por transformações durante os séculos e, enquanto objeto de consagração, tornou-se um sacramental da Igreja. Este se difundiu como uma devoção popular, cujo sentido deve ser a fidelidade batismal em função do Evangelho. Para isso, os fiéis contam com o auxílio de Nossa Senhora, para viverem como discípulos e discípulas de Cristo. O Escapulário extrapolou seu sentido de pertença à Ordem do Carmo e tornou-se expressão de um revestir-se de Cristo.

Com o tema: *Escapulário do Carmo: Entre fé e superstição*, procurou-se realizar um estudo sistemático desse Sacramental, buscando uma *Interpretação da tradição cristã no horizonte atual*. O trabalho consta de um aprofundamento da *Mariologia em perspectiva crítica*, para fundamentar a devoção mariana, que corresponda às demandas atuais, que são fruto do Concílio Vaticano II. A devoção mariana compreende a entrega a Cristo e o reconhecimento da dignidade de Maria como discípula por excelência, em quem os devotos se espelham para assumir o discipulado. Considerando *Aspectos atuais da teologia sacramental e suas raízes na tradição*, emerge a compreensão desse sacramental, como fonte para a vida cristã, através dos sacramentos, como busca de revivenciar o Batismo.

O Escapulário foi visto neste estudo como um sinal, que expressa a fé e a esperança da salvação em Cristo. A piedade e devoção popular têm importância na manifestação da fé, seja de indivíduos ou grupos, pois os objetos devocionais ultrapassam o sentido de agregação institucional para tornar-se uma identificação e um comprometimento com a proposta de Cristo. A piedade popular se torna um campo teológico em que o povo de Deus é a fonte para compreendermos a experiência com o transcendente. Este sacramental, sendo algo material e simbólico, torna-se um instrumental para apreender e vivenciar a proposta do Reino de Deus. O uso consciente do Escapulário do Carmo pode ser entendido como um pacto, um contrato em que se busca viver conforme o Evangelho, tendo esperança na vida eterna.

O Escapulário do Carmo traz consigo a mensagem da revelação do projeto de Cristo, na busca de construir o Reino de Deus. Seu uso corresponde à consagração a Deus, contando

com a intercessão de Nossa Senhora. Não se trata de uma devoção estéril, mas uma aliança, um resgate do sentido batismal. Não se trata de um sacramento, mas leva os fiéis a viverem a vida inserida na Igreja.

Na atualidade, é preciso inserir o Escapulário na evangelização, como expressão do testemunho de fé, de conscientização da identidade cristã, um memorial dos Carmelitas, de sua forma de estar diante de Deus e, sobretudo, de uma maneira de imitar a Cristo em nossa realidade vivencial.

Vimos que: “a devoção mariana carmelitana deve sempre ir além do saber sobre Maria para o mais profundo conhecer Maria”²⁸⁹. A proposta é ressignificar o uso do Escapulário: mais que imitação mariana é uma identificação de comunhão e relacionamento profundo com Maria. Trata-se de uma peregrinação de fé e esperança. O uso do Escapulário não deve terminar num devocionismo mariano, mas inclina-se necessariamente para uma comunhão sempre mais profunda com Cristo através do Espírito Santo²⁹⁰. “No sinal do Escapulário evidencia-se uma síntese eficaz de espiritualidade mariana, que alimenta a devoção dos crentes, tornando-os sensíveis à presença amorosa da Virgem Mãe na sua vida”²⁹¹.

Os frutos dessa devoção se dão no empenho quotidiano de revestir-se interiormente de Jesus Cristo e de manifestá-lo vivo em si mesmo para o bem da Igreja e de toda a humanidade (Cf. RB, n. 1219). O Escapulário é uma maneira de expressar o comprometimento com Jesus Cristo, é uma maneira de externalizar a fé, pois é um aceno aos devotos de como seguir o Evangelho, de como agir em seu contexto vivencial, ou seja, de pôr em prática a proposta de Cristo no cotidiano. A utilização desse sinal, por parte da piedade popular, confirma uma adesão e agregação, não somente à Ordem do Carmo, mas extrapola essa agremiação ao se tornar um sacramental propondo uma vida voltada à Santíssima Trindade.

O Escapulário pode ser visto como expressão de uma aliança, na qual, os que se revestem desse sinal, demonstram não somente a pertença à Ordem do Carmo, mas adesão a Cristo iluminados, pelo Evangelho, buscando realizar o Reino de Deus já aqui na terra e alcançar a salvação e vida eterna.

²⁸⁹ O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel: A Study of the Marian Heritage of the Order*. Melborn – Austrália: Carmelite Communications, p. 87.

²⁹⁰ *Ibidem*. p. 88.

²⁹¹ JOÃO PAULO II. 750 anos do Escapulário. Carta aos superiores gerais O.Carm e OCD. In: CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, 2001, n.5, p. 11.

O anúncio profético da vida eterna deve permear a pastoral, sendo algo para além do tempo e da história (Cf. EN, n. 28). No que toca à esperança da vida eterna ou à realidade dos que ainda estão a purificar-se, o trabalho segue os ensinamentos do Concílio Vaticano II que confirma os Decretos dos Sagrados Concílios de Niceia II, de Florença e de Trento. O Concílio também exorta que se trate esse tema com solicitude e que possam suprimir-se e corrigir-se os abusos, excessos ou defeitos existentes. Tudo seja para maior louvor de Cristo e de Deus (Cf. LG, n. 51).

Enquanto sacramental, adotado pela piedade popular, o Escapulário não é uma devoção estéril, mas corresponde a um ideal de vida e a um comprometimento com o Evangelho que se traduz na ortopraxis. “Bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo” (EN, n. 48). Pois, “a piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma ‘espiritualidade de massas’”(DAp, n. 261).

O Escapulário deve ser tomado no sentido de consagração batismal e a figura de Maria como modelo de uma vida consagrada a Deus, pois “a piedade popular contém e expressa um intenso sentido de transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal” (DAp, n. 263). A experiência do amor é a fonte da consagração de Maria a Deus, que se deu numa vida simples, no acolhimento da mensagem de Deus, que gerou uma profunda comunhão, possibilitando a participação na missão redentora.

A figura da Virgem Maria pode ser vista como um modelo para viver o discipulado. Por isso, é preciso apresentar o perfil de Maria, não como uma deusa, não em meio a um devocionismo estéril, mas como colaboradora da missão redentora de Jesus, pois “no ambiente de secularização que vivem nossos povos, continua sendo uma poderosa confissão do Deus vivo que atua na história e um canal de transmissão da fé” (DAp, n. 264).

A transmissão da fé é a herança do cristão e encontra-se, nos sacramentos, a memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Dentre eles, a Eucaristia é o ápice da vida cristã, e, por ela, a humanidade é introduzida no dinamismo do projeto de Deus (Cf. LF, n. 44). Mas todos os sacramentos (e sacramentais que surgiram no decorrer da história do cristianismo) são expressões da fé que, utilizando ritos e objetos materiais, fazem com que nossa realidade se abra para o mistério do Eterno.

Para superar superstições envoltas na devoção do Escapulário, busca-se o ágape da caridade cristã. Imitar as virtudes marianas é buscar o mais profundo que se encontra em nossos corações²⁹². As promessas marianas do escapulário incentivam a perfeição da vida cristã, com desejo de servir a Deus, viver a gratuidade do amor divino²⁹³. Maria é mãe e discípula de Jesus e nesse contexto deve-se re-apropriar o escapulário sem superstições e limitações, mas dando um sentido atual aos fiéis para que compreendam o sentido real da vestição desse sacramental.

A devoção dos carmelitas à Virgem Maria contribui para a evangelização, quando se apoia numa catequese coerente com a teologia e com a doutrina cristã. As devoções devem induzir os fiéis a viverem o compromisso com o Evangelho e assumirem a postura de discípulos e discípulas de Cristo. Os sinais expressam a religiosidade de muitos cristãos e são fruto da confiança na intercessão de Maria. O Escapulário, por ser uma vestimenta, é uma expressão da experiência de fé. É celebrar e relacionar-se com Deus, não por medo de visões catastróficas e antecipação do julgamento futuro, mas para viver a vida terrena de forma coerente com o Evangelho e a fé na ressurreição.

Finalizamos nosso estudo afirmando que o Escapulário do Carmo é mais que um distintivo dos Carmelitas, tornou-se uma marca daqueles que seguem a proposta do Evangelho, sendo uma busca de conformar-se a Cristo, em função do Reino de Deus. O Escapulário, sendo parte integrante do hábito religioso dos carmelitas, é um sacramental da Igreja e também um objeto devocional, resgata o sentido batismal e expressa o comprometimento de viver em conformidade com o Evangelho. O Escapulário não é um amuleto de proteção em eventuais perigos da vida, mas sim, comprometimento com Cristo. Pressupõe dedicação ao serviço do projeto de Deus.

²⁹² Cf. ESTEVE, Enrique Maria. *Espiritualidad del Escapulario del Carmen*. Madrid: Ediciones carmelitanas, 1964, p. 399.

²⁹³ Cf. *Ibidem*. pp. 409-410.

REFERÊNCIAS

A BIBLÍA DE JERUSALÉM. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

AFONSO Maria. *O Escapulário e a Medalha*. 3. ed. Recife: [s.n.t.], 1939.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. 2005. Carta Encíclica do sumo pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diálogos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Spe salvi*. 2007. Carta Encíclica do sumo pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a esperança cristã. São Paulo: Loyola, 2007.

BESALDUCH, P. Simón Maria. *Enciclopedia del Escapulario del Carmen*. Barcelona: Libreria Católica Internacional, 1931.

BINGEMER, Maria Clara L. A Sedução do Sagrado. In. CALIMAN, Cleto (Org.). *A Sedução do Sagrado*. O fenômeno religioso na virada do milênio. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, p.79 - 115, 1998.

BLANK, Renold J.. *Nossa vida tem futuro: escatologia cristã - 1*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Escatologia da pessoa – Vida, morte e ressurreição: (escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000.

BOAGA, Emanuele. *A senhora do lugar: Maria na história e na vida do Carmelo*. Curitiba: Do Carmo, 1993.

_____. La devozione dello Scapolare del Carmine: contenuti e prospettive. In: *Revista di Vita Spirituale*. Maggio-giugno, n.3 , p. 306-327, 2001.

_____; BORRIELLO, Luigi. *Dizionario Carmelitano*. Roma: Città Nuova, p. 611- 616, 2008.

BOFF, Clodovis. *Mariologia social: O significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Maria Lina. Maria no Cinquentenário do Vaticano II. In. *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v.72, n 287, p. 557-580, Julho - 2002.

_____. *Mariologia: interpelações para a vida e para a fé*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOGAZ, Antonio Sagrado; VIEIRA, Tarcísio Grégorio. *Sinais Mistagógicos*. Instrumentos de Evangelização litúrgica. São Paulo: Paulus, 2001.

BOROBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*. Ritmos e tempos na celebração. São Paulo: Loyola, 2000.

BRITO, Ênio José da Costa. A cultura popular e o sagrado. In. QUEIROZ, José J *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho D'água/CRE PUC-SP, p. 102-111, 1996.

CANCONE, Maria H.V.B.. De símbolos e sua eficácia, de pureza, identidade, legitimação. In. NEGRÃO, Lísias; QUEIROZ, José J (Org.). *A religiosidade do povo*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja*. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1992.

CARMELO LUSITANO. *Coletânea de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal*. Vila de Prado: Artes Gráficas, v. 19, 2001.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de iniciação: água e espírito de liberdade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. Os sacramentais, sacramentos dos pobres. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v. 22, n.56, p. 55-68, 1990.

_____. Credo oficial e credo popular. A propósito da centralidade de Maria na fé popular. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v. 22, n.56, p. 339-350, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia: princípios e orientações*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *Ritual de Bênçãos*. Ritual Romano restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade de João Paulo II. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência geral do episcopado latino-americano. Puebla de los Angeles, México, 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Documento de Aparecida. Texto Conclusivo da V Conferência Episcopal Latino Americana e do Caribe*. 13 – 31 de maio de 2007. 4. ed. São Paulo. Paulinas, 2007.

COPSEY, Richard. Simon Stock and the Scapular Vision. In. *The Journal of Ecclesiastical History*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 50 (4), p. 652 – 683, 1999.

COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o Escapulário*. Recife: [s.n.t.] 1950.

DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DONGHI, A. Sacramentais. In. SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, p.1045-1058, 1992.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESPÍN, Orlando O.. *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ESTEVE, Henricus M. *De Valore Spirituali Devotionis Scapularis*. Roma: [s.n.t.], 1953.

_____. *Espiritualidad de Escapulario del Carmen*. Ediciones Carmelitanas: Madrid, 1964.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO. *Lumen Fidei*. 2013: Carta Encíclica aos bispos, aos presbíteros, aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Evangelii Gaudium*. 2013: Exortação Apostólica do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGINO de Santa Teresa. *Nossa Senhora do Carmo: Homenagem do VII centenário da entrega do escapulário a S. Simão Stock*. Coimbra: [s.n.t.], 1950.

_____. *Fátima e Nossa Senhora do Carmo: exposição crítica e documentada da aparição de Nossa Senhora do Carmo em Fátima dia 13 de outubro de 1917 com hábito e Escapulário Carmelitano*. Coimbra: Gráfica Coimbra, 1951.

IWASHITA, Pedro. Maria no Vaticano II: renovação na Mariologia. In: *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. 48, p. 554-571, set./dez. 2014.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*, 1987: Carta encíclica do sumo pontífice sobre: A Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. 7. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã*. Teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006.

LA DIMENSIONE MARIANA DEL CARMELO. Roma, [s.n.t.], n.1, 1989.

LAURENTIN, René. *A questão marial*. Lisboa: Edições Paulinas, 1966.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

- _____. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Paulus, 1992.
- _____. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____; BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LÓPEZ-MELUS, Rafael Maria. *La Virgen del Carmen: la Devoción Popular*. Zaragoza: Amacar, 1985.
- LYNCH Kyliano. *Nossa Senhora de Fátima e o Escapulário do Carmo*. Lisboa: Ed. Carmelitana, 1957.
- NOSSA SENHORA DO CARMO e seu Escapulário. Porto Alegre: Sta. Teresinha, 1978.
- McMAHON, Patrick Thomas. *The Scapular: Re-appropriating na ancient symbol for a modern word*. Aylesford: [s.n.t], 1999.
- _____. *Garment of Grace: A Historical Appreciation of the Carmelite Scapular*. In: <http://www.carmelites.ie/GarmentofGrace.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- MIRANDA, Mario de França. *A igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MISSAL CARMELITANO. *Missal próprio da Ordem do Carmo*. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1987.
- MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.
- _____. *Visões e aparições: Deus continua falando?* Petrópolis: Vozes, 1997.
- O'DONNELL, Christopher. *A Loving Presence, Mary and Carmel: A Study of the Marian Heritage of the Order*. Melborn – Austrália: Carmelite Communications, 2000.
- ORTIZ, Renato. *Cultura fragmentada. Ensaio de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- PAULO VI. *Signum Magnum*. Exortação Apostólica. Consagração ao culto da Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- _____. *Marialis Cultus*. 1974. Exortação apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. O culto à Virgem Maria. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. 1975. Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 18.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PERRELLA, Salvatore, OSM. Le “mariofanie”: presenza segno e impegno della Vergine glorificata nella storia. “Dono” per la fede e “sfida” per la ragione. Alcune annotazioni. In: *Marianum*. Roma: Marianum, v. 67, p. 51-153, 2005.

PINHO, José Eduardo Borges de. O Culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspectiva teológico-sistemática. In: *Didaskalia* – Revista da Faculdade de Teologia – Lisboa: Universidade Católica de Portugal, n.35, p. 433-456, 2005.

RAHNER, Karl. *Visiones y profecias*. Coleccion Prisma. San Sebastian: Dinor, 1956.

_____. *Sentido teológico de la muerte*. Barcelona: Editorial Herder, 1965.

_____. *O Cristão do Futuro*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

_____. *María, Madre del Señor*. Barcelona: Herder, 2012.

REGRA DE VIDA DA ORDEM DO CARMO. Impresso pelo noviciado carmelita do Brasil. Belo Horizonte : [s.n.t.], 2012.

REGRA da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Rio de Janeiro: TVJ, 2005.

RICART, Jose. *O Carmelo: O Escapulário do Carmo perante o purgatório e o inferno*. Coimbra: Seminário Missionário Carmelitano, 1957.

ROMERAL, Fernando Millán. El Escapulario del Carmen em la Literatura (Pinceladas y Retos). In: *Revista de Espiritualidad* . Madrid: Editorial de Espiritualidad, n. 62, p. 557-604, 2003.

SAGGI, Ludovico. *Santa Maria del Monte Carmelo*. Roma: Ristampa, 2001

_____. *La “Bolla Sabatina”*. Ambiente – testo – tempo. Roma: Edizioni Carmelitane, 2018.

SANCHIS, Pierre: O Campo Religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América Latina e no Caribe 1945 -1955 – O debate metodológico*. Petrópolis: Cehila/Vozes, p.81-131, 1995.

SARTORE, D. Sinal/Símbolo. In. SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHILLEBEEKX, Edward. *Maria, mãe da redenção*. Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Deus e o Homem*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1969.

SESBOÛÉ, Bernard (dir.). *Os sinais da Salvação (séculos XII-XX)*. Os Sacramentos. A Igreja. A Virgem Maria. São Paulo: Loyola, v.3, 2005.

SIBILIO, Vito. Su alcuni aspetti della Marilogia Medievale. In: *Marianum*. Roma: Marianum, v. 66, p. 623-658, 2004.

SILVA, Edson. *Purgatório, inferno e céu segundo Renold Blank*. Os três “novíssimos” compreendidos à luz da esperança escatológica, em vista da superação do medo religioso. 2016. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, SJ. Belo Horizonte: 2016.

SMET, Joaquin. *Los Carmelitas. Historia de la Orden del Carmen I*. Los Orígenes. Em busca de la identidad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.

SOLIMEO, Plínio Maria. *A grande promessa de salvação: o escapulário de Nossa Senhora do Carmo*. São Paulo: Artpress, 2006.

STAEHLIN, Carlos Maria. *Apariciones: ensayo critico*. Madrid: Razon y fe, 1954.

TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Desafios atuais ao tratado de Mariologia. In: *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, p. 29 – 47, n. 24, 1992.

_____. *Nas fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-crisma. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. Da celebração à teologia. Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 64, n. 255, p. 588-615, Julho 2004.

_____. *O memorial da Páscoa do Senhor*. Ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Maria no coração da Igreja: múltiplos olhares sobre a Mariologia*. São Paulo: Paulinas / UMBRASIL, 2001.

VALLE, Edênio. *Religiosidade Popular: Evangelização e vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1976.

VAN DER POEL, Francisco. *Dicionário de Religiosidade Popular*. Curitiba: Nossa Terra, 2013

VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II*. Rio de Janeiro: Vozes, 1963.

VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016.

VITOLA, P. Vicente. *Os cinco Escapulários*. 2.ed.. Curitiba: Paulinas, s.d.

XIBERTA, Bartholomaeus F. M.. *De visione Sancti Simonis Stock*. Roma: Pio X, 1950.